

REVISTA DA SEMANA

N.º 15
4-4-45



CR \$
1,50
EM TODOS
OS LOJAS

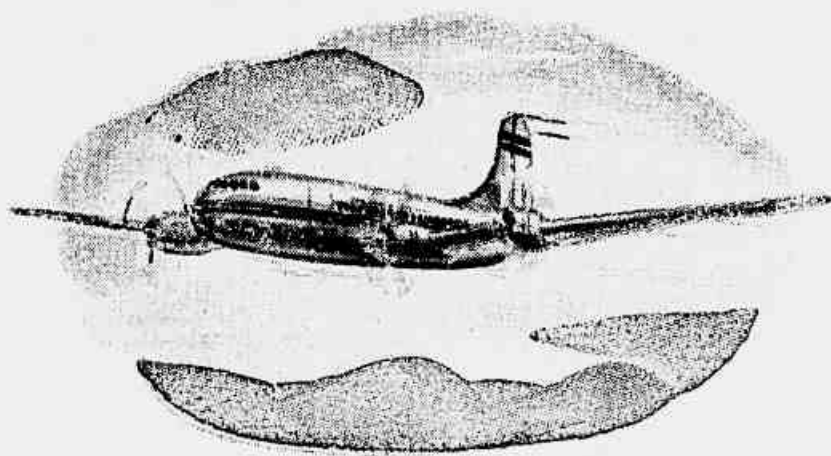


-ESPECIFIQUE CLIPPER EXPRESS*



"Clipper Express" significa serviço rápido de encomendas aéreas, pelos Clippers da Pan American.

Através das Américas... cargas essenciais à guerra... desde medicamentos até motores aeronáuticos... voam pela Pan American



ENCOMENDAS internacionais com prioridade estão sendo transportadas hoje pelo "Clipper Express" mas, ao mesmo tempo, também são despachados numerosos objetos de uso civil.

Se as suas encomendas internacionais exigem transporte rápido, comunique-se com os agentes locais da Pan American World Airways, que terão todo o prazer em demonstrar-lhe como as tarifas e os horários do "Clipper Express" lhe poupam tempo e dinheiro.



Ouça **AQUARELAS DO BRASIL** às 6as. feiras, das 22,05 às 22,35, na Rádio Nacional, ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros.) Um programa oferecido pela Pan American World Airways e dirigido por Almirante.



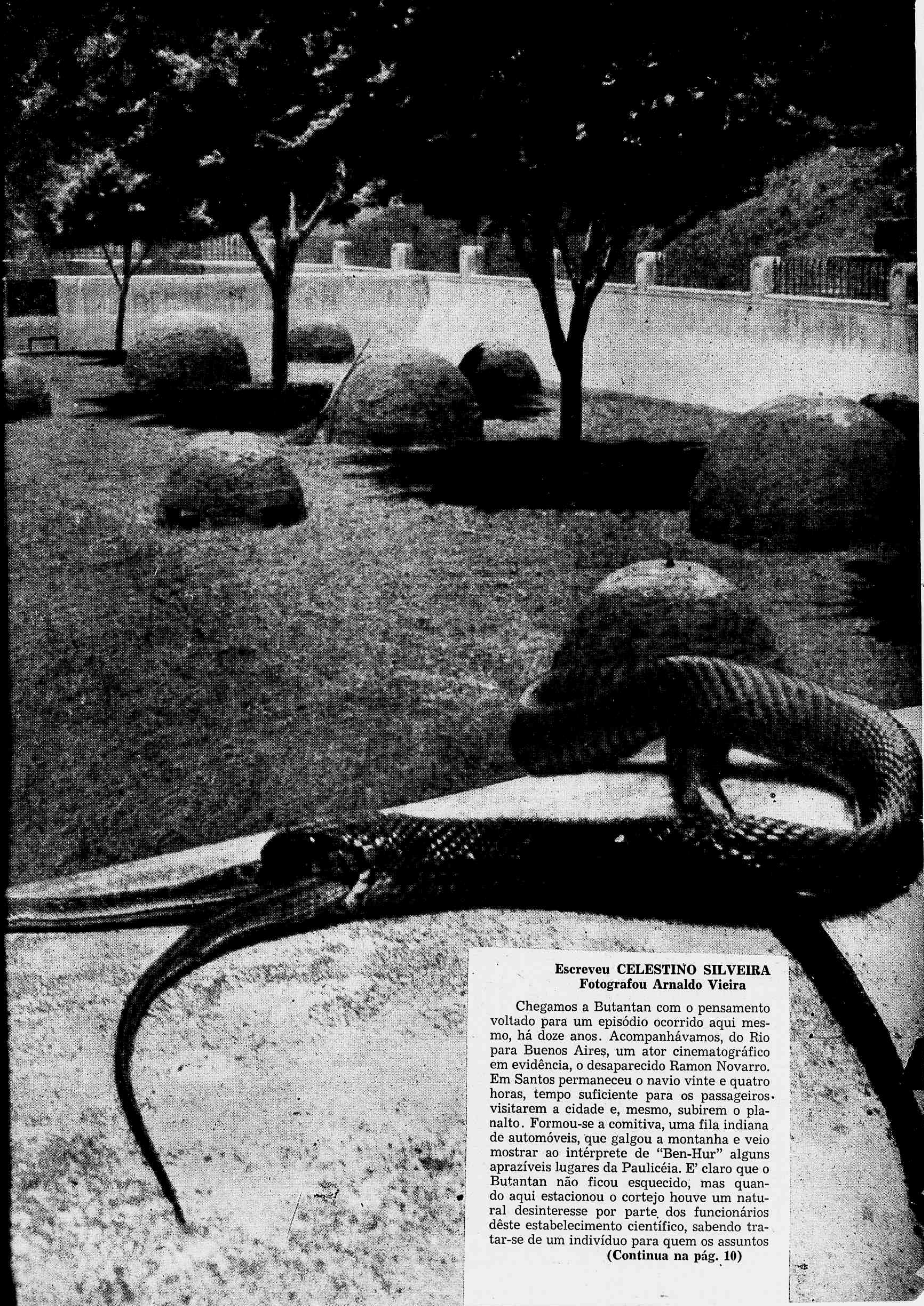
GRANT

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

10.031-PABX-3

BUTANTAN



Escreveu CELESTINO SILVEIRA
Fotografou Arnaldo Vieira

Chegamos a Butantan com o pensamento voltado para um episódio ocorrido aqui mesmo, há doze anos. Acompanhávamos, do Rio para Buenos Aires, um ator cinematográfico em evidência, o desaparecido Ramon Novarro. Em Santos permaneceu o navio vinte e quatro horas, tempo suficiente para os passageiros visitarem a cidade e, mesmo, subirem o planalto. Formou-se a comitiva, uma fila indiana de automóveis, que galgou a montanha e veio mostrar ao intérprete de "Ben-Hur" alguns aprazíveis lugares da Paulicéia. E' claro que o Butantan não ficou esquecido, mas quando aqui estacionou o cortejo houve um natural desinteresse por parte dos funcionários dêste estabelecimento científico, sabendo tratar-se de um indivíduo para quem os assuntos

(Continua na pág. 10)

O DESMEMORIADO JOHN BARRYMORE

EM minha primeira visita aos Estados Unidos, em 1940, antes mesmo de visitar a Feira Mundial de Nova York, fui ao Cort Theatre, para ver, em pessoa, John Barrymore. O grande ator valia, para mim, muito mais do que a famosa exposição. John Barrymore representava a última peça que criara no palco — "My dear children", uma farsa incrível, em que até vestia roupas tirolesas. A peça, de autoria de duas mulheres, era uma espécie de sátira à própria vida e aos amores de John Barrymore, sendo o protagonista um ator intemperante e cheio de dívidas, em cuja casa se reuniam suas ex-espôsas e várias filhas, que ele não conhecia, para cobrar pensões atrasadas e a elas prometidas nos seus processos de divórcio. Ele só tem uma saída — vender a um editor escandaloso a sua autobiografia — "implicando o maior número possível de mulheres". Mas, de repente, o maior número possível de mulheres. Mas, de repente, cai-lhe do céu, por milagre, um contrato para uma "tour-née" shakespeariana. Ele recobra, então, o aprumo e a dignidade. E quando o editor lhe telefona responde, altivamente:

— Autobiografia? O senhor está maluco! Como ousa me falar nisso, agora que me sinto tão jovem como Mickey Rooney?!

Com mais de cinquenta anos de idade, John Barrymore era uma ruína viva, mas guardava ainda uns vagos traços da beleza física que o tornara famoso no cinema, em filmes como "A fera do mar", "O belo Brumell" e "Don Juan". No elenco de "My dear children" estava a última das suas espôsas, Elaine Barrie Barrymore, uma criaturinha vulgar e destituída de talento — e de quem, aliás, o famoso ator já estava divorciado. Metade da peça consistia de improvisações de John Barrymore, de caretas, de ditos inesperados, de repentes por vezes até mesmo licenciosos, mas também por vezes geniais pelo humorismo e propriedade com que eram encaixados nos diálogos. Quando da publicação da peça colocaram um taquígrafo no teatro, afim de tomar nota desses ditos, que apareceram no texto gritados com algumas palavras de agradecimentos ao ator. Nessa época John Barrymore já era considerado liquidado no cinema e estava, igualmente, liquidado no teatro. Mas o público ia vê-lo — esse mesmo público que se comovera e o aplaudira no "Hamlet" e em "O cadáver vivo" — por uma espécie de prazer sádico, de verificar que ele já não era o mesmo homem e entrara em irremediável decadência física, moral e mental. Filho de um grande ator que morrera num manicômio, dipsomaniaco ele próprio, John Barrymore, no apogeu de uma bellissima carreira cinematográfica, viu-se de um dia para outro sem emprego, com todos os horizontes fechados, em razão de uma súbita perda de memória. Era incapaz de decorar uma passagem mais densa ou mais longa dos diálogos e, algumas vezes, embatucou diante da "camera" de tal modo, que por cinquenta e seis vezes foram filmadas certas cenas, sem resultado satisfatório, porque, em certo ponto, o ator não se lembrava mais do que tinha a dizer!

Em "My dear children", um empresário ardiloso quis capitalizar a fama passada de Barrymore e, ao mesmo tempo, o triste espetáculo da decadência do grande ator. Sendo a peça uma farsa desabalada, haveria lugar para qualquer espécie de improvisação. John Barrymore, que já dependia da assistência financeira de alguns amigos fiéis, depois de esgotadas as suas reservas bancárias, agarrou a oportunidade com unhas e dentes. E a peça produziu rios de dinheiro em Chicago. Nova York e outras cidades. Se ainda sobrasse um pouco de raciocínio na cabeça de John Barrymore, entre uma libação e outra, ele teria abandonado o palco logo nos primeiros dias, porque saberia que estava sendo convertido em palhaço. Mas o estado a que chegara não lhe dava mais forças para reagir. Ao contrário, ele parecia sentir-se bem, negando a si mesmo, satirizando sua vida, repudiando o seu passado, como que se vingando do seu próprio destino. Por vezes, a memória fugia-lhe inteiramente. Sentia-se, da platéia, o imenso esforço que ele fazia para se lembrar do texto. Mas nada! Seu cérebro era um vácuo. E, então, sua saída era fazer uma graça que tinha qualquer coisa de pungente — como confissão de um estado mórbido:

— Vá tocando para a frente, Miss Tala Birell — dizia à atriz com quem contracenava. — Recite aqui qualquer coisa para o Philip Terry, que, quando eu me lembrar do meu papel, entrarei de novo na representação... Diabo de memória! Considerem-me, de agora em diante, incorporado à platéia.

O público soltava uma gargalhada estrepitosa, ante o disparatado da situação, em que os atores eram tratados pelos seus nomes verdadeiros, em vez dos nomes dos personagens que representavam. Tala Birell fazia o papel de uma condessa — ou coisa parecida. Em dado momento Barrymore se permitia dizer:

— Condessa, a senhora não será porventura falsificada? Estou achando a senhora com uma cara familiar...

Não será uma condessa de Brooklyn? Não terá vendido cigarros no "El Morocco" no ano passado?

Nada disso era da peça, é claro. Puro jôgo de dispartes, improvisação, enchimento de linguíça para distrair a atenção do público, durante as suas falhas da memória. Seus últimos papéis, no cinema, eram feitos de uma maneira pitoresca. Contra-regras andavam de um lado para o outro, com quadros negros, nos quais estava escrito o diálogo que Barrymore tinha que ler à distância. Grandes papéis perdeu o ator no cinema, devido à falta de retentiva. Por fim só lhe davam papéis curtos, com o menor número possível de palavras, como o de Luiz XV, que fez em "Maria Antonieta". Mas no teatro ele não podia estar lendo em quadros negros. E o ponto? — talvez pergunte o leitor. Explicarei: nenhuma companhia que se preze utiliza os serviços de um ponto nos Estados Unidos. Aquela excrescência que aparece exatamente no centro dos nossos palcos impedindo que se tenha uma visão completa da cena, simplesmente não existe nos teatros norte-americanos. E até companhias estrangeiras, em visita a Nova York, têm sido vaiadas, por se apresentarem com os papéis mal sabidos, dependendo de pontos. O recurso teria de ser mesmo aquele: a improvisação.

Estive recapitulando esse episódio — a mais singular de todas as representações teatrais a que já assisti — ao reler o livro de Gene Fowler, "Good night, sweet prince" (The life & times of John Barrymore), uma das mais interessantes e pitorescas biografias sobre as quais já lancei meus olhos. Parece-me que ainda estou vendo John Barrymore.



O mais novo rebento da família: Diana Barrymore, filha de John com sua primeira esposa. Tem sido poucas mas apreciáveis suas "performances" na tela. Também no palco seu nome é, já, prestigiado na cena americana.

com a sua roupa tirolesa, diante do bar existente no canto direito do cenário, empunhando um copo aparentemente cheio de bebida e dizendo:

— Bandido de contra-regra! Meus senhores, isto não é o lour e delicioso "whisky" que tanto adoro! Isto é chá! Chá, a mais repugnante das bebidas... Quando será que o regulamento dos teatros permitirá que se beba verdadeiro "whisky" em cena? E ainda se diz que estamos num país livre!... Enfim, vou beber porque o meu papel assim o exige. Desculpem-me, se eu engulhar... Pronto. Agora toca a fingir que estou bêbado...

Todo o anedotário de John Barrymore está contido nesse livro fascinante, cuja edição no Brasil se intitulará "Explosão e decadência de John Barrymore". Poucas figuras terão existido no mundo artístico ao mesmo tempo tão brilhantes e tão torturadas, tão triunfantes e tão frustradas, tão cheias de espírito e de curiosas originalidades. Tendo ganho mais de três milhões de dólares no cinema, no teatro e no rádio, John Barrymore morreu paupérrimo. Esbanjou tudo. Não guardou nada. Fez os filmes que produziram maiores receitas e que receberam mais vivas aclamações em todo o mundo — e acabou quase que praticamente boicotado em Hollywood. Homem que despertou grandes paixões, morreu sozinho, sem qualquer das suas várias espôsas.

de R. MAGALHÃES JUNIOR



A família Barrymore é tradicional no teatro e no cinema norte-americanos. Aqui estão Lionel e Ethel, irmãos do falecido John, e ambos ainda em grande evidência. Ela conquistou, este ano, um prêmio na Academia de Ciências Cinematográficas de Hollywood.



seu lado. A tara paterna e a garrafa o puseram abaixo, do pináculo da glória artística a que se elevava.

Da generosidade do seu espírito e da sua capacidade para admirar, diz bem uma das anedotas narradas por Gene Fowler. John Barrymore se apaixonara a distância pela atriz Nora Bayes e fizera uma confissão, a esse respeito, à sua irmã, Ethel Barrymore.

— Mas Nora Bayes tem um compromisso...

— Com quem?

— Com W. C. Fields, um ator cômico do Ziegfeld...

— Ela não pode me colocar abaixo de um bufão...

— Venha vê-lo nas "Follies", cujo nome parece ter sido inspirado nas suas loucuras. E verá que grande artista ele é...

John acedeu. E ao fim do espetáculo, entusiasmado com o ator que desconhecia, ele próprio proclamava:

— Ethel, ele é um dos maiores artistas de todos os tempos... Não estou mais apaixonado por Nora Bayes. Estou apaixonado agora é por W. C. Fields!

O D. Juan do cinema foi casado quatro vezes. A primeira com uma jovem granfina, Katherine Corri Harris, de quem cedo se separou; a segunda com Blanche Oelrichs (que usava o pseudônimo literário Michale Strange); a terceira com a atriz cinematográfica Dolores Costello. Infeliz em todos os casamentos, John Barrymore se divorciou assumindo quase sempre pesados encargos financeiros para com as ex-amadas. D. Juan, não passava na vida prática de um legítimo "coronel", burguesmente pagante. O seu último casamento foi lamentável sob todos os pontos de vista, quer pelo escândalo de que se cercou, quer pela voracidade da última esposa e da sogra, o que elevou os seus gastos, numa época em que pouco ganhava, a uma bagatela de quase seiscentos dólares diários!

A história de um diamante amarelo, comprado por John Barrymore em Cuba — e por ele apresentado à sua então namorada Elaine Barrie — serve para mostrar quanto ele esbanjava os seus haveres. O diamante custara mil e oitocentos dólares em Havana. Ao chegar aos Estados Unidos o ator se esqueceu de pagar os direitos alfandegários. A joia não constava do manifesto que entregara a Alfândega. Ficou com medo de ser preso e resolveu retificar o manifesto. Então pagou, de imposto e multa, a importância de três mil e duzentos dólares — quase o dobro do custo original do presente. Depois de tê-lo dado à noiva, com quem então morava em Riverside Drive, John Barrymore, numa das suas ruidosas brigas, antes do casamento, tomou-lhe o diamante e mudou-se para um hotel. Elaine Barrie não teve dúvidas: chamou um advogado e iniciou um processo contra ele, obrigando-se John Barrymore, em razão disso, a pagar-lhe três mil e quinhentos dólares de indenização, o que elevou o custo da joia para oito mil e quinhentos dólares. Do preço inicial, correspondente a trinta e dois mil cruzeiros, acabou o diamante por um preço equivalente a cento e setenta mil cruzeiros!

Quem encerra a leitura da biografia de Gene Fowler não pode deixar de dizer:

— Pobre John Barrymore! Infeliz criatura!

Nada melhor do que esse livro pode servir para nos mostrar o outro aspecto de Hollywood, o reverso da glória cinematográfica, bem diferente do que estamos habituados a ler na ardilosa publicidade da indústria do filme, cuja finalidade é fazer de cada ser humano um otário bestificado pelas virtudes excelsas dos ídolos do "écran". Vemos no livro de Gene Fowler que eles são como os outros mortais, com as suas dores, as suas misérias, os seus sofrimentos, os seus problemas, tal como o nosso vizinho ou o nosso parente próximo que perdeu o emprego. Esse livro não é apenas uma biografia. É mais: é uma visão panorâmica e fascinante do meio artístico norte-americano, e o verdadeiro romance de uma vida, cheia às vezes de alegrias, mas às vezes também cheia de dores. E surpreendeu-me, sobretudo, porque nunca pensei que tivesse sofrido tanto aquele bufão que encontrei, um dia, no palco do Cort Theatre, improvisando disparates em meio das cenas de "My dear children"...

Uma das últimas fotografias de John Barrymore, outrora cognominado "o homem do perfil de medalha", quando arrebatava os corações femininos vivendo o protagonista do "Beto Brumell".



A SEMANA EM REVISTA

"THANK YOU", HOLLYWOOD!



Foi exibido num circuito de cinemas da capital, por preços super-capitalistas, o filme "Missão em Moscou", baseado na obra do embaixador americano Joseph Davies, o menos diplomata dos diplomatas, que durante a sua estadia na URSS procurou conhecer o máximo possível de tudo o que se fazia e que se pretendia fazer na pátria de Lenine. A incógnita russa emprestou ultimamente à terra dos soviets e a tudo o que a ela se relacionava o sabor de um fruto proibido e por isso mesmo cobigado. Não surpreendeu-nos pois o êxito alcançado pela exibição do filme. O que entretanto superou todas as expectativas foi o filme em si. Esperávamos uma fita documentária pouco interessante, com passagens monótonas, diálogos cansativos, a par de um punhado de revelações momentosas, tudo intercalado com uma partezinha romântica, à boa maneira de Los Angeles. Nada disso aconteceu. Tio Sam surpreendeu-nos com a apresentação do maior documento cinematográfico da História, uma obra-prima da sétima arte, uma de-

monstração viva e nítida da vida de uma nacionalidade, cujos episódios durante muitos anos dormiram nos arquivos dos "bureaux" policiais, lacrados pela censura oficial. Não há na película uma passagem desinteressante, não se encontra ali uma cena que não prenda a atenção do espectador. E este era o homem do povo, o operário, o estudante de ginásio, o comerciante, enfim o povo brasileiro, pouco esclarecido ainda a respeito das coisas da União Soviética. É o que se pôde observar durante as exhibições do maravilhoso filme foi o interesse da plateia pelas coisas e os homens da pátria do socialismo, e uma simpatia geral pela luta titânica de um povo heróico contra uma barbárie organizada, que o ameaçava de aniquilamento. Esse interesse e esta simpatia atingiram o clímax quando a tela mostrou a parada de Primeiro de Maio na praça Vermelha. A plateia aplaudiu calorosamente o desfile dos operários e soldados. Eram os irmãos dos heróis de Monte Castello que ovacionavam os irmãos dos heróis de Stalingrado. Assim, o povo brasileiro já está hoje mais bem informado sobre a Rússia, graças a um filme americano, baseado no livro de um grande americano. Por tudo isso, "thank you", Hollywood!

ÊLES NÃO ESTÃO SATISFEITOS!



O último número do jornal do "front" "E a cobra fumou" chegou ao Rio, traduz, em alguns tópicos e sueltos, o aborrecimento dos "pracinhas" da Força Expedicionária Brasileira em relação à falta de correspondência do Brasil. Eles esclarecem que a culpa não pertence às famílias. Nós, daqui, escrevemos regularmente para os nossos patrícios na Itália. Mas acontece que existe "prioridade" para a remessa de muita coisa inútil, enquanto os sacos de cartas vão ficando para melhor oportunidade. O número em apreço do jornal que se preza de não ter sido registrado no D. I. P., redigido e editado por militares brasileiros, é de fins de fevereiro, e em um daqueles tópicos surge o protesto de não terem ainda chegado à Itália, naquela data, as encomendas de Natal. "Salvo se essas encomendas se destinam ao Natal de 1945, pois nesse caso vieram com muita antecedência...". Veja-se o traço de amargura dos bravos patrícios refletida nessas

palavras que mal escondem a revolta muito justa. Há, também, frequentes alusões à qualidade dos cigarros, muito inferior, enviados para o "front". Amostra: "Pensamento da madrinha de um "pracinha": que marca de cigarros prefere o meu afilhado? "Clarim" ou "Bolivar"? — E por aí adiante.

Quanto ao momento político nacional ele também está influenciando no espírito dos nossos rapazes, de tal modo que em artigo editorial da referida publicação fala-se desde logo no destino que devem ter os expedicionários de volta ao Brasil, com a Paz, à necessidade de lhes ser dado trabalho quanto antes, sem terem de mendigar situações nem obter "por favor" o que de direito lhes deve ser destinado. O essencial é que não nos esqueçamos do espírito de sacrifício e renúncia de tantos mil brasileiros. Que a Legião Brasileira de Assistência cuide de reparar aquelas falhas na remessa de correspondência e das encomendas de amigos e parentes dos expedicionários. Sobre tudo que nos preocupemos com o "após-guerra" dos bravos rapazes, quando voltarem, agora que todos esperam o fim das hostilidades para cada hora.

I-M-P-L-A-C-A-V-E-L-M-E-N-T-E



"Eu nunca fui candidato a Presidente! Eu sempre falei que seria — e serei — Condestável do Brasil! Condestável... Ruirão todos os edifícios da Liberal Democracia decadente! O Parlamento está hoje atravessando a sua agonia! E todos os nossos inimigos serão castigados im-pla-ca-vel-men-te!"

Assim falava o sr. Plínio Salgado, na primeira dezena de novembro de 1937, ao microfone de uma emissora, o mesmíssimo sr. Plínio Salgado que agora, em Lisboa, canta em outro diapasão:

"...o Integralismo não tem ligações com as doutrinas dos partidos totalitários de qualquer parte do mundo." "...a doutrina integralista é o que vem de

lismo e portanto o anti-racismo e o anti-totalitarismo" "Por enquanto, é aquilo que tenho a dizer."

Francamente, francamente...

Que os políticos brasileiros se dividam e lutem, hoje, em campos separados, quando ontem confraternizavam neste ou naquele setor, admite-se. Que surjam debates, e protestos, e reificações de cada um desses campos, nada mais natural. Que, enfim, se estabeleça uma aparente confusão de ambientes, já se esperava. Mas, senhores, que o homem do "Implacavelmente", das ameaças, do óleo-de-ricino, do "putsch" ao Palácio Guanabara, dos esbordoamentos, o representante totalitário no Brasil ainda tenha a petulância de abrir a boca quando a situação universal é a que nós sabemos, e tantos brasileiros tombaram no campo da luta... Francamente, francamente... Imagine-se por um instante que em vez de terem os russos escurado os nazistas desde Stalingrado, tivessem os nazistas logrado o seu objetivo da conquista da Rússia em seis semanas. Em que diapasão falaria o sr. Plínio? E alguém admitiria que uma voz oposta à dele se fizesse ouvir?

Francamente, francamente...

PÊSO PESADO



"Urubú quando está sem sorte até na lage se atola", diz o velho provérbio. E atola mesmo. Senão, vejamos: Quarta-feira da semana passada uma bailarina, residente à avenida Mem de Sá, no terceiro andar de um edifício de apartamentos, perseguida pelo vento de todos os azares, decidiu, como muitos outros já o haviam feito, que "desgraça pouca era bobagem" e que, por conseguinte melhor seria acabar com a vida de uma vez. Mas, como todos os candidatos à sepultura, a jovem (vinte anos mal feitos, cabelos castanhos, olhos rasgados, cutis aveludada, rosto perfeito, anatomia provocante) não sabia escolher entre tantos processos racionais e práticos que hoje se apresentam a qualquer suicida, por mais inexperiente que ele seja. Além disso contava ela com a hipótese de um fracasso, tendo em vista o seu azar agudo, que talvez viesse frustrar o

próprio consólio de morte. A bela bailarina preparou pois o terreno para o seu auto-extermínio, de tal modo e com tal arte que a lógica não podia admitir qualquer sucesso quanto ao "feliz" epílogo do drama.

Qual seria então a arma utilizada? — Perguntarão por certo os leitores. E nós responderemos: seriam todas quantas possíveis, empregadas simultaneamente. Assim pensou a bailarina de vinte anos incompletos, cabelos castanhos, cintura de mariposa. E se bem pensou melhor fez: atirou-se do terceiro andar do edifício onde mora, de cabeça para baixo, sobre o asfalto duro da avenida Mem de Sá, onde passavam ônibus e automóveis em disparada, após ingerir um ácido corrosivo guardado num vidrinho. Mas o urubú, ou melhor, a bailarina estava mais pesada do que julgava. Não se atolou na lage, mas também não rachou a cabeça, como pretendia. O veneno não agiu, pois o ácido era gasoso e havia se desprendido há muito da mistura. Nenhum auto passou por cima da treloucada. Da queda resultou-lhe apenas uma ligeira escoriação na face. Os transeuntes que assistiram à cena, por cúmulo da ironia, comentaram ainda: "Que sorte a desta mulher!"

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MÚSICAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endergo telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

ANO XLVI ... N.º 15 ... 14-4-945

LITERATURA

O desmemoriado John Barrymore (R. Magalhães Jr.)	4/5
Um "yankee" alegre (Germaine Rocher)	27
Os donos da vida (Maximo Gorki)	36/37
Coisas não ditas (Escragnolle Doria)	40
O roubo do colar (Edgar Wallace)	41

REPORTAGENS

Butantan (Celestino Silveira)	3, 10/15
Figuras e Fatos	8
Jockey Club	18
Comecei como Hitler: sujando paredes (Reportagem com Nássara)	19/26
A batalha de Castelnuovo	29/32

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	35
Figurinos da Semana	38/39
Vários assuntos femininos (Segredos do Coração)	45
Modelos "Après Midi"	46
Vestidos Pretos	47
Outros modelos	50 e 52

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Aconteceu	7
Coisas do Brasil	33

ATUALIDADES

A guerra em marcha	16/17
"Senta a pua, avestruz!" (N. Pithan e Silva)	28
O arquiteto da Vitória	42/43

CARICATURAS

Dois em uma	9
De Bom Humor	34

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	57/58
-------------------------------	-------

NOSSA CAPA



Se o momento é das grandes revelações soviéticas, então também o cinema apresenta ao seu público as mais revolucionárias e imprevisíveis realizações que, nesse setor, a Rússia tem levado a efeito. E não só filmes, diretores, histórias mas também "estrêlas", e que admiráveis mulheres, que magníficas intérpretes! Na sobre-capa deste número oferecemos aos leitores uma sugestiva pôse de Lubov Roudenko, uma jovem contratada da Columbia, cuja carreira se iniciou no "ballet" de Moscou.

Nesta mesma edição, além das secções do costume, publicamos várias e palpitantes reportagens, uma realizada no Instituto Butantan, em São Paulo, por Celestino Silveira e A. Vieira; outra, fartamente ilustrada, com o caricaturista Nássara, incluindo ainda quatro interessantes páginas fotográficas sobre a arremetida dos "pracinhas" da F. E. B. em Castelnuovo, na Itália. Com o desenvolvimento da parte feminina, criação de outras

secções, inclusive "Segredos do Coração", a novela de Jesy Barbosa "Ressurreição", e vasto noticiário dos acontecimentos da semana, se completa o sumário da presente edição.

De quem é a culpa?

Si V. S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsos, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, queimadura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrêtos, gases, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar estes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

Aconteceu...

HA TRINTA ANOS

Em 1915, convém lembrar, havia na Europa uma guerra cruel, lançada pelo kaiser contra a civilização, mantida por Hindenburg contra a cultura.

E' claro que então, como hoje, o Brasil assistia com interesse ao desenrolar das operações bélicas que se desenvolviam no solo da França. As paixões se dividiam e havia por cá germanófilos ferrenhos, prontos a não admitir, de qualquer maneira, referências pouco airoas a S. M. Imperial Guilherme II e ao seu glorioso exército. Por outro lado os aliadófilos exaltados, também prontos a qualquer "sacrifício" pelo bem da causa. Os cafés se enchiam de estrategistas, que tomavam Verdun com um gole de vermuth, e atravessavam o Reno com um "whisky" duplo. E mais cálices apareciam, esquentando o ambiente. Não era raro terminarem as discussões por uma troca diplomática de murros e cascudos.

Ao lado desses cidadãos apaixonados viviam porém outros, para quem a guerra mais não era que um pretexto para literatura. E dela tiravam eles o maior efeito estético e estilístico. Eis o que publicava a REVISTA DA SEMANA então:

"O dr. Afranio Peixoto é um espirito privilegiado. Á sua extensa cultura e aos seus altos dotes literarios elle junta em subido grau essa capacidade, cada vez mais rara, da originalidade, que empolga os seus leitores e os seus ouvintes, e os fascina como um filtro. Ainda na sua recente conferencia, o dr. Afranio Peixoto preparou ao seu auditório uma surpresa, comparando a Alemanha guerreira do nosso tempo com a vetusta e belicosa Assyria. Seria deslocada aqui a contradição dessa comparação arrojada, de que o conferencista soube tirar tão bellos e impressionantes effeitos literarios. Se inverosimilhança houve no paralelo, o brilho da palavra do illustre conferencista ofuscou-a. E' o maior elogio que se lhe pode fazer."

Foi assim que o sr. Afranio Peixoto, em 1915, diante de um seleto auditório, onde se reunia a fina flor da sociedade carioca, falou a respeito da guerra que ensanguentava a velha Europa. Morria gente em Verdun, morria gente em Champagne, a França era tóda uma fúmensa mortalha de ferro e sangue.

Que importava isso? O sr. Afranio Peixoto falava dos Assírios, e os exércitos corajados desfiliavam pela sua conferencia ao lado das tropas prussianas. Era bonito, era emocionante.

A guerra acabou, veio Mussolini, chegou Hitler, voltou o flagelo.

Por que é que o sr. Afranio Peixoto não se lembra agora de fazer uma palestra comparando a "Itália guerreira de nossos dias" com a "vetusta e belicosa" Roma dos Cesares? Caso aquêle illustre acadêmico não ache o tema oportuno, sugeriríamos outro então: "A União Soviética e a Revolução Spartachista". Isto sim! Poderia mesmo a palestra ser pronunciada no palco de um dos nossos Cineacs, no intervalo entre um "short" russo e um jornal de atualidades.

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 - RIO



O ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, candidato à Presidência da República, vem de conceder uma entrevista coletiva aos jornalistas acreditados no seu Ministério, na qual declarou que o Brasil terá eleições livres, adiantando não ser o Exército uma organização política, mas cabendo-lhe assegurar a manutenção da ordem e da obediência às leis.

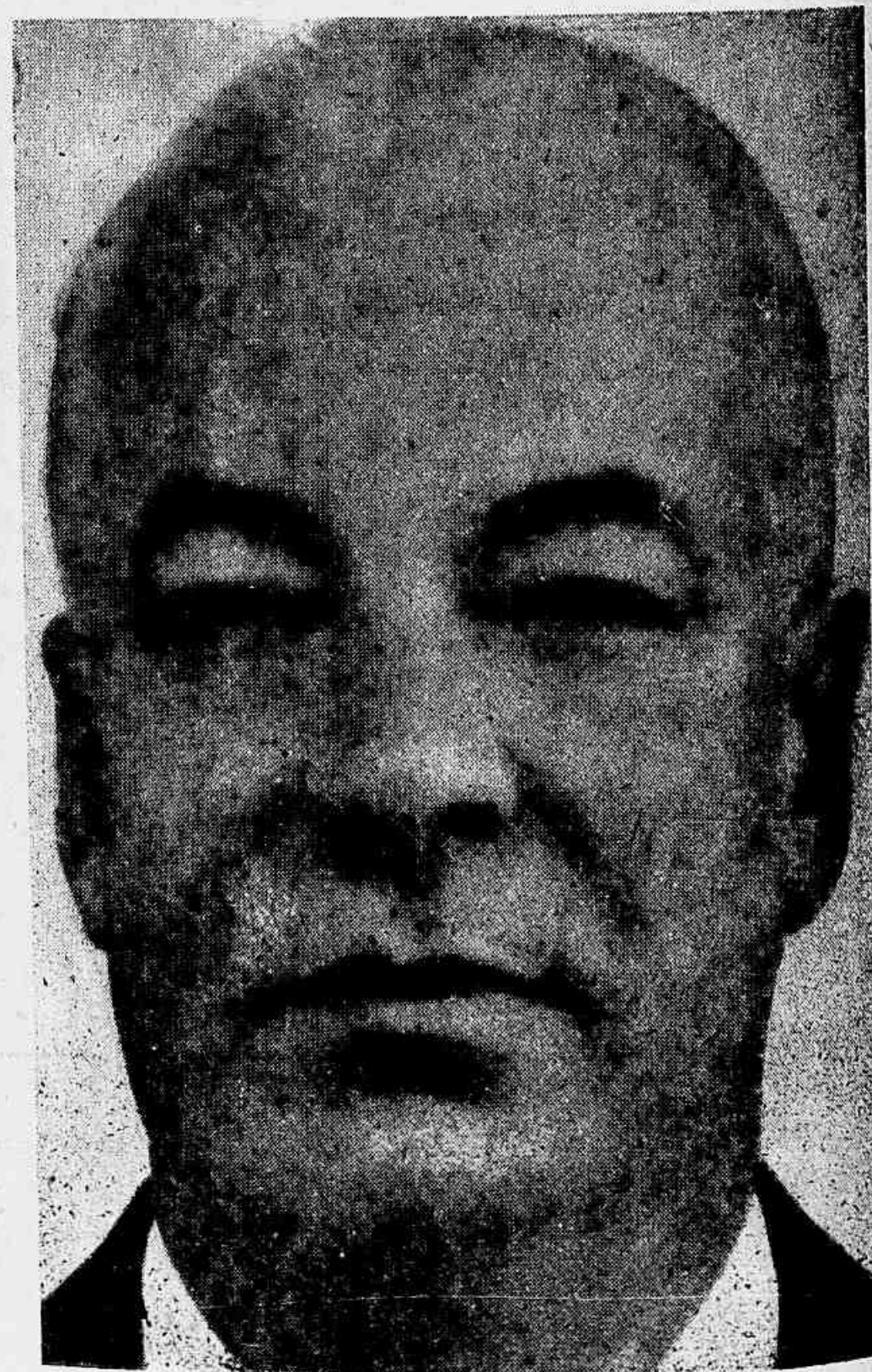
A professora Magdala da Gama Oliveira, cujo programa "Artistas Novos do Brasil", transmitido aos domingos pela Rádio Globo, comemorou seu primeiro aniversário com um excelente espetáculo realizado no Teatro Carlos Gomes. Na gravura, a homenageada, que é também a cronista "Mag." do "Diário de Notícias", rodeada de admiradores e pessoas amigas que a cumularam de merecidos aplausos.



O sr. Henrique Salvio, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes, inaugurando a Galeria Lebreton à rua Sete de Setembro 52, falou sobre a personalidade de Joaquim Lebreton, chefe da Missão Artística Francesa em 1816. A seguir usou da palavra o dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, que elogiou a organização da Galeria e o idealismo dos seus fundadores, que se dedicam à difusão da arte no Brasil. A inauguração foi um grande sucesso artístico e social, estando a galeria instalada em um ambiente de elegância e bom gosto para a exposição permanente de trabalhos de nossos artistas.

FIGURAS E FATOS

Como passageiro do paquete "Serpa Pinto", acaba de seguir viagem para Portugal o conhecido comerciante nesta praça sr. Antonio de Souza de Macedo, que passará naquela parte da Europa uma temporada de repouso. Ao seu embarque compareceram para levar o seu adeus e votos de felicidade elementos destacados do comércio e da indústria carioca, assim como inúmeros amigos, representantes da imprensa e pessoas de suas relações.



Caricaturas de
MICHEL
Legendas de
ZE' CÁRIOCA

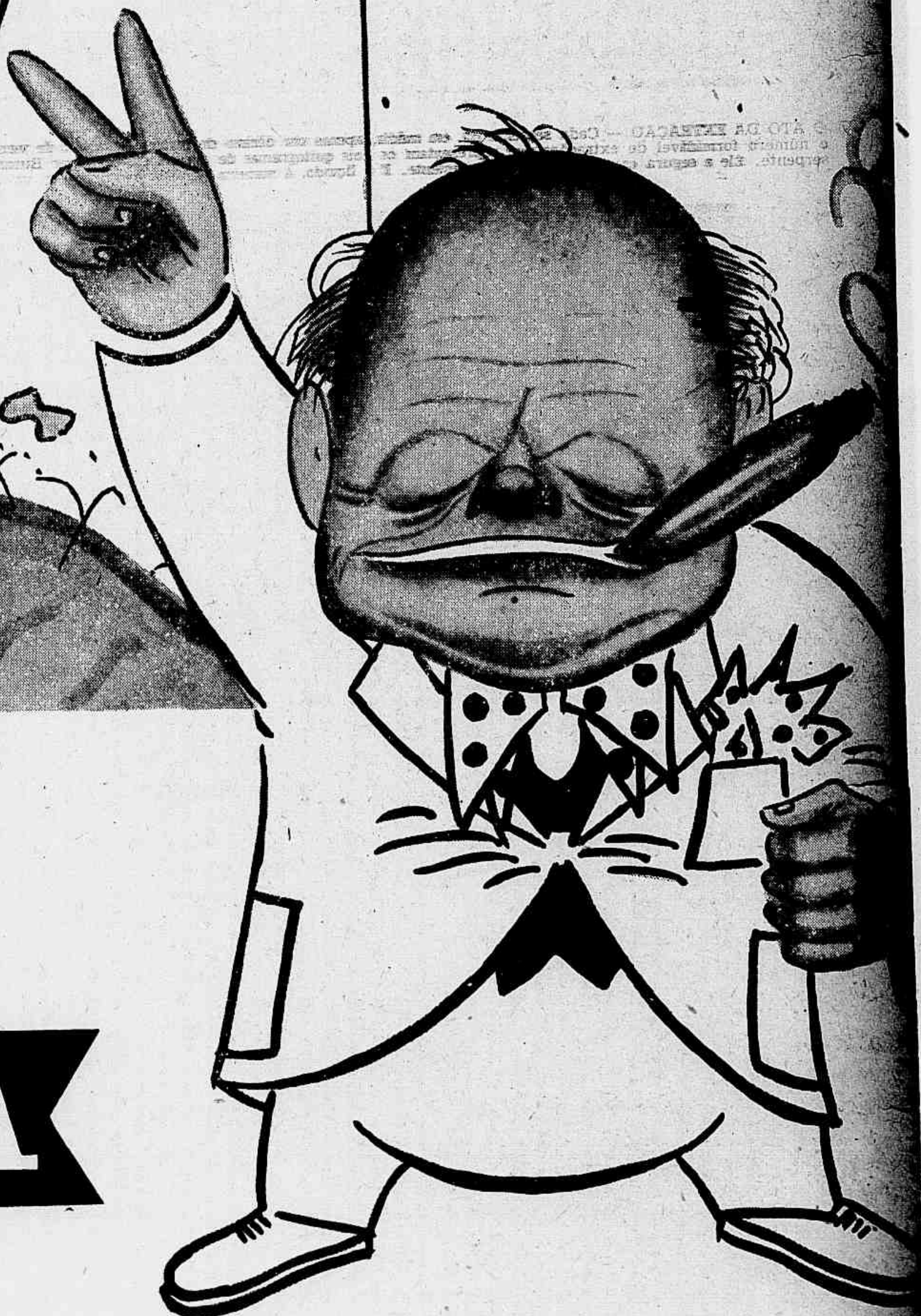
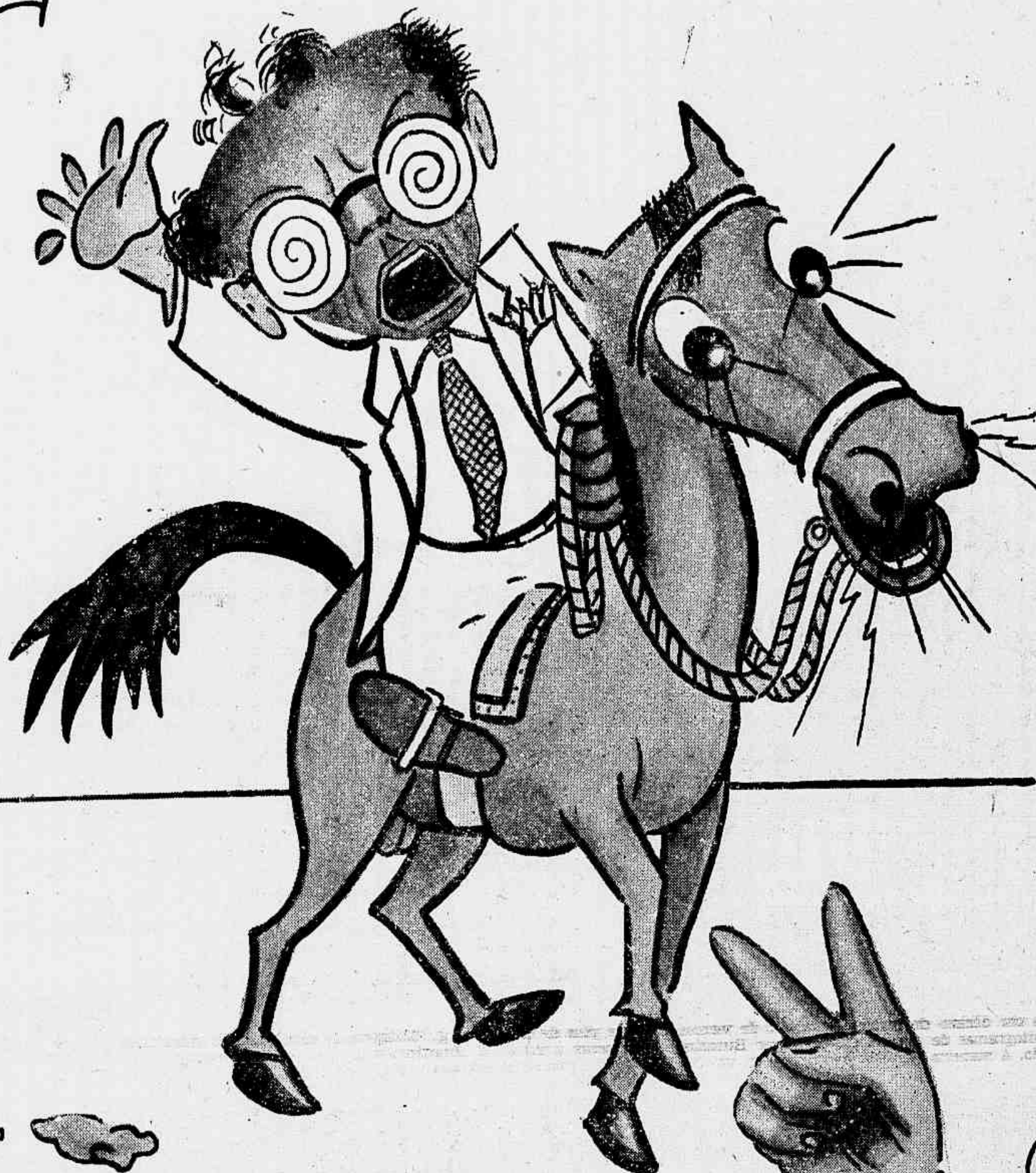
NOTAS DIPLOMATICAS

Vivam o oriente e ocidente!
Abaixo as velhas querelas!
Vamos marchar para a frente
De braço dado com "elas".

NOTICIÁRIO POLÍTICO

Abalando tôda a terra,
O velho Leão do Norte
Lança o seu brado de guerra:
"Ou Democracia ou morte!"

DOIS EM UMA



BUTANTAN

(Continuação da pág. 3)

locais não poderiam despertar maior interesse. Mesmo assim os diretores escalaram uma funcionária de categoria para acompanhá-lo, ministrando-lhe os devidos esclarecimentos. A moça não podia animar-se:

— Para que perder tempo com amplas explicações a um rapaz que não entende nada disso?

Mas os da comitiva insistiam. Tratava-se de um "astro" famoso... Ela não se fascinara pela presença de Novarro. E vingou-se percorrendo as dependências da casa dando-lhe, ao artista, um mundo de complicadas e profundas explicações técnico-científicas... Em meio ao percurso foi o ator o primeiro a desistir, lembrando-se que o navio podia antecipar a partida... A funcionária desabafou:

— Eu não dizia? E' perder tempo...

E apontando para fora:

— Quer ver o que pode distraí-lo? As cobras, lá no serpentário...

Não temos, agora, nenhum famoso "astro" para acompanhar, mas serve-nos de guia, por ordem do dr. Otto Bier, diretor do Instituto, o amável e experimentado dr. Arantes. E' um velho cientista, especializado em tudo que diz respeito ao sôro obtido dos ofídios, à classificação e ao estudo dos animais venenosos. Ele nos fornece material completo, presta-se ao fornecimento de todos os detalhes que a nossa curiosidade provoca, pôsa para o nosso fotógrafo, improvisa a extração do sôro de um ofídio e permite, assim, que sejam condensados os apontamentos desta reportagem.

Foi o Instituto Butantan fundado em 1901, numa fazenda adquirida pelo Governo do Estado, no bairro de Butantan. Inicialmente teve por finalidade o preparo do sôro antipestoso, que ao tempo se fazia mister para combater o surto de peste bubônica, que então irrompera na vizinha cidade de Santos. No decorrer dos quarenta e quatro anos de sua existência ampliou o Instituto suas instalações e laboratórios, de modo a tornar-se o estabelecimento científico de hoje, onde, a par da pesquisa científica, se preparam em larga escala numerosos produtos biológicos destinados à terapêutica humana, principalmente sôros e vacinas. Delas se abastece o Departamento de Saúde do Estado para suas campanhas profiláticas.

Como especialidade, raramente abordada por estabelecimentos congêneres, e pela qual é mundialmente conhecido, dedica-se o Instituto ao estudo dos animais venenosos, principalmente das serpentes, que são ali consideradas sob o ponto de vista zoológico, determinando-se com rigor a sua classificação. Isso é relativamente fácil para as espécies comuns, mas difícilimo para as formas raras.

Somos informados da existência no Brasil, até hoje conhecidas, de cerca de duzentas e dez espécies de ofídios, das quais apenas duas dúzias venenosas. As restantes são perfeitamente inofensivas. Destas, porém, só meia dúzia apresenta interesse prático, pois as restantes ou são muito raras ou ficam restritas a regiões muito limitadas e despovoadas.

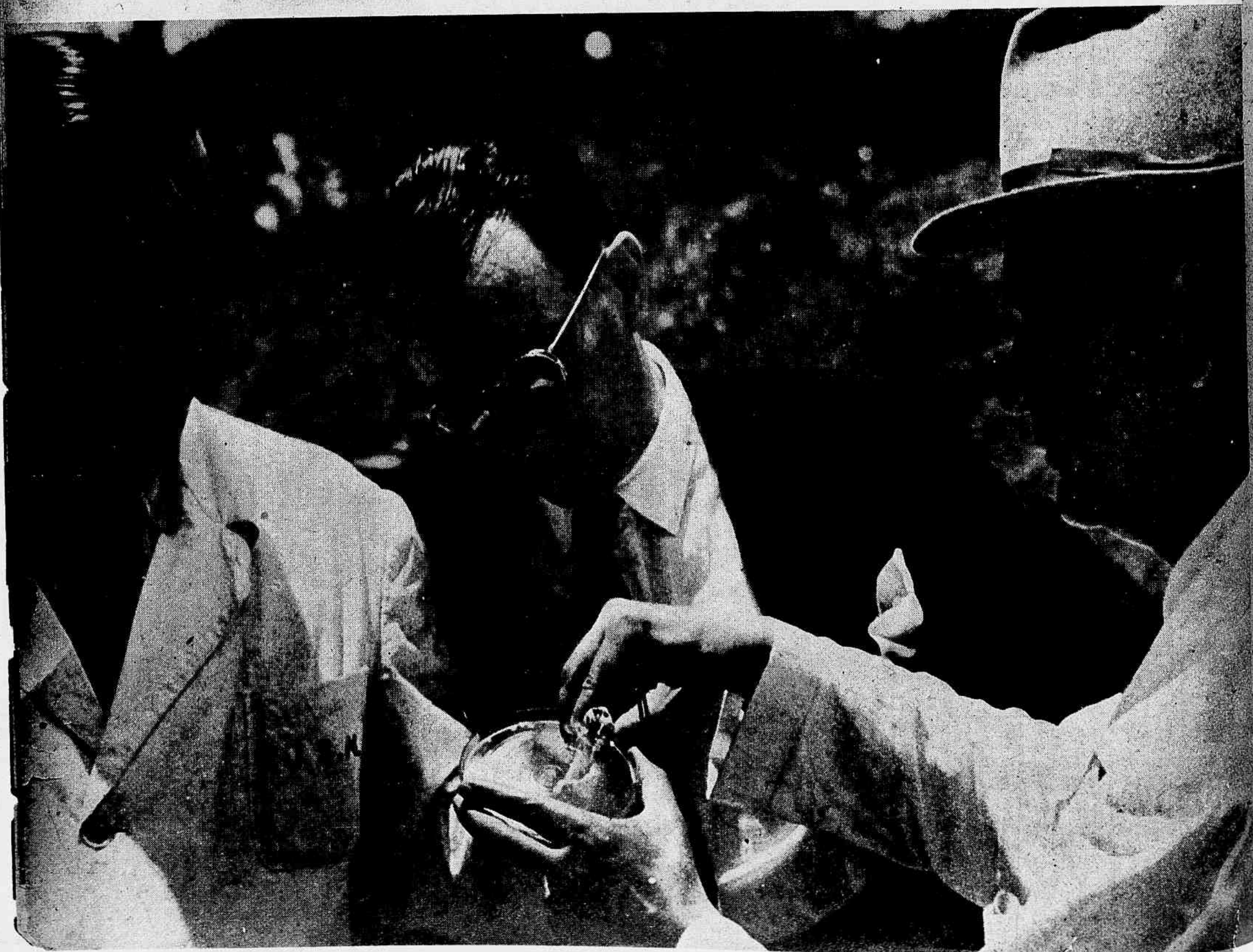
Ofídios venenosos

Dividem-se em quatro grupos bem distintos os ofídios venenosos brasileiros:

a) — A "Cascavel", *Crotalus terrificus*, a mais perigosa, única espécie de Cascavel que

O VENENO DA SERPENTE é extraído semanalmente e recolhido ao laboratório, onde, uma vez seco, toma a forma de palhetas que a primeira vista lembram cristais, não cristalizando entretanto por não serem substâncias de composição química definida e sim misturas altamente complexas — explicam-nos os técnicos de Butantan. Aqui está um ofídio segurado a jeito para essa extração.

O ATO DA EXTRAÇÃO — Cada serpente dá, em média, apenas um décimo de centímetro cúbico de veneno, com um peso de cerca de 0 g. 03 depois de seco, podendo calcular-se o número formidável de extrações que representam os dois quilogramas de veneno existentes no Butantan. Aqui vemos o dr. J. B. Arantes extraíndo o veneno semanal dessa serpente. Ele a segura cautelosa mas eficientemente. E o líquido, à maneira de uma gota de azeite, vai distilando para a taça de cristal, que vai logo para o laboratório de análises.



ocorre na América do Sul, em oposição à do Norte, onde há boa meia dúzia de espécies do mesmo gênero *Crotalus*, desde a "Dwarf Rattlesnake" até a enorme "Diamond Back".

b) — As "Jararacas", de que existem cerca de dez espécies, todas pertencentes ao gênero "Bothrops". Salientam-se neste grupo a "Bothrops jararaca", a "Jararaca" propriamente dita, a que maior número de acidentes causa; a "Bothrops alternata", "vibora de la cruz" dos povos de língua espanhola, assim chamada porque os finos traços amarelos do seu colorido formam com frequência uma cruz na cabeça, referindo o povo com espírito ter ela "jurado pela cruz que ou mata ou aleija"; "Bothrops jararacussu", o "Jararacuçu" dos selvícolas, também chamado "Jararacuçu tapete" devido ao belo colorido negro e dourado, notável pela grossura e quantidade de veneno, que pode atingir mais de 5 cms.³

c) — O "Bushmaster", "Surucutinga" ou "Surucucu" dos brasileiros, "Lachesis muta", o maior dos ofídios peçonhentos americanos, podendo atingir 2½ metros e o único agressivo, cuja distribuição geográfica vai do Rio de Janeiro ao Paraná.

d) — As "Corais", todas do gênero "Micrurus" (Elaps), de coloridos vermelhos predominantes com os anéis negros e amarelados, todas belíssimas e muito perigosas. Seus dentes, porém, são curtos, dificultando a picada, que só ocorre raramente, mesmo porque são subterrâneas. Pertencem à mesma família das "Najas" asiáticas e africanas. Vários outros ofídios não venenosos têm colorido semelhante, distinguindo-se na prática pela cauda fina, olhos maiores e pescoço mais distinto do que as espécies peçonhentas. Não existem no Brasil ofídios peçonhentos, tão frequentes nos mares asiáticos, onde se encontram cerca de cinquenta espécies.

Sôros para combater os venenos

Em relação àqueles quatro tipos de ofídios peçonhentos, prepara o Butantan cinco principais tipos de soro para combatê-los, a saber:

1) — Soro anti-crotálico, contra a picada da "Cascavel", preparado imunizando cavalos exclusivamente com o veneno da "Cascavel". Este soro é preparado não só porque o ofídio é facilmente reconhecível pelo chocalho que traz sempre na ponta da cauda, e o uso do soro específico contra sua picada será mais ativo, como também porque o tipo de envenenamento que determina, com ação mormente sobre o sistema nervoso, é diferente dos demais.

2) — Soro anti-botrópico, exclusivamente contra os ofídios do gênero "Bothrops", isto é as "Jararacas" em geral. Este soro polivalente é preparado prevendo os casos muito frequentes de não ser possível à pessoa agredida informar qual a espécie de "Jararaca" que a mordeu, pois são bastante parecidas, pelo menos para os leigos em ofiologia.

3) — Soro anti-ofídico contra a picada da "Cascavel" brasileira e das "Jararacas", para os casos em que a pessoa não sabe informar nem mesmo se o ofídio era ou não uma "Cascavel", por ter o acidente tido lugar à noite ou se tratar de criança, etc. Como mais de 99% dos acidentes são devidos a "Cascavel" ou "Jararaca", este soro deve sempre ser aplicado quando o ofídio não foi reconhecido.

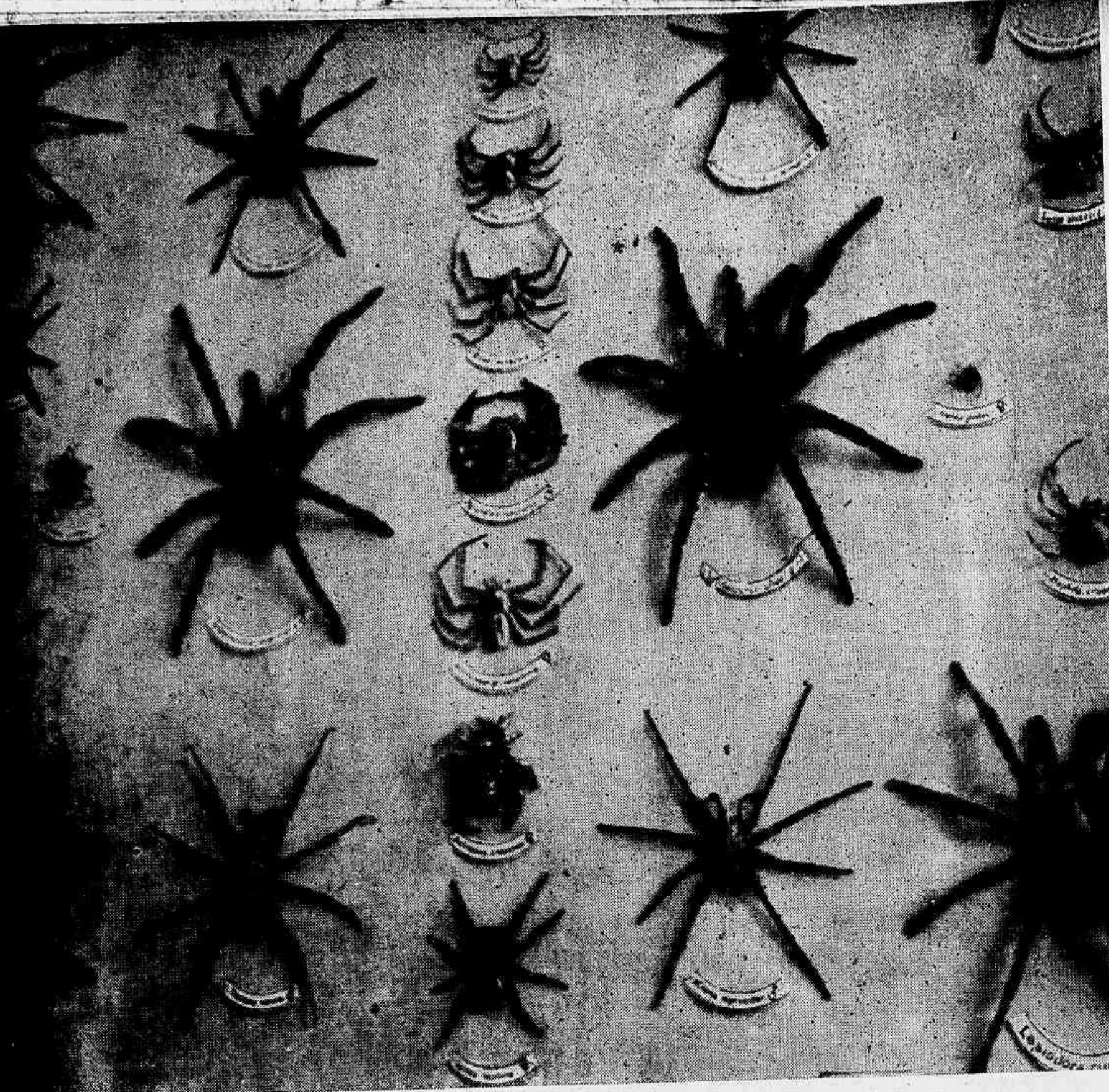
4) — Soro anti-laquétrico, contra os acidentes por "Bushmaster", a "Lachesis muta", bastante raros.

5) — Soro anti-elapídico, contra os acidentes causados por corais venenosas, fáceis de reconhecer devido ao seu colorido vermelho.

Além desses, prepara ainda o Butantan sôros monovalentes especiais, para certas espécies que predominam em determinadas regiões do Brasil, como a "Jararaca" propriamente dita.



QUINHENTOS MIL OFÍDIOS já foram até hoje recebidos pelo Butantan, entre espécies venenosas e não venenosas. O Instituto foi fundado em 1901, desde então selecionando 210 espécies de ofídios. Os mais venenosos são a Cascavel, a Jararaca, o Bushmaster e a Coral, contra os quais são ali mesmo preparados os respectivos sôros. São em número de dez os técnicos do Instituto especializados na extração do veneno, tal como se vê na gravura.



ARANHAS VENENOSAS — Enorme e impressionante a exposição das aranhas venenosas, de que há duas espécies de importância, e dos escorpiões, preparando o Butantan soro específico contra os acidentes desses animais. Devidamente classificados, os "specimens" do Instituto merecem a atenção dos estudiosos. E os tipos de veneno mortal são exatamente os que na aparência mais inofensivos se mostram.

mente dita ou a "Jararaca pintada", bem como dois sôros especiais para a América Central.

Mantém o Butantan relações com cerca de dez mil moradores do interior, que se ins-

crevem como fornecedores de ofídios e outros animais venenosos, recebendo caixas e laços especiais para a captura e envio de serpentes, sendo o despacho gratuito em qualquer estrada de ferro do país. Esses colaboradores re-

cebem em troca um tubo de sôro, à sua escolha, por quatro cobras que enviem, venenosas ou não, pois estas são também úteis para estudos de zoologia, parasitologia e fisiologia comparadas. Cada remessa ou consulta feita é respondida pessoalmente pelo diretor, que para esse fim dispõe de oito funcionários constantemente ocupados a responder cartas e acusar chegada de novas remessas.

Consegue assim o Instituto manter um ritmo de recebimentos de cerca de vinte mil ofídios anualmente, além de numerosas aranhas e escorpiões. Caminhões percorrem três vezes por semana todas as estações de estradas de ferro que chegam a São Paulo, recolhendo as caixas especiais para o transporte seguro dos ofídios e devolvendo as caixas vazias. Chegadas ao Butantan, são as cobras separadas conforme sejam ou não venenosas, sendo postas em serpentários especiais, seguindo os exemplares de maior interesse para os laboratórios, onde já foram descritas cerca de oitenta novas espécies, até então desconhecidas pela ciência. No serpentário dos ofídios venenosos, sofrem as serpentes uma extração de veneno cada semana, o que é feito por cerca de dez funcionários subalternos bem treinados, que separam o veneno recolhido por espécie. Este é levado ao laboratório, onde é seco, tomando a forma de palhetas, que à primeira vista lembram cristais, não cristalizando entretanto, pois não são substâncias de composição química definida e sim misturas altamente complexas.

Para preparar o sôro, a marcha é a seguinte. Tratando-se de sôro monovalente, i. é. contra uma só espécie de ofídio, a Cascavel,

EXPERIMENTOS FEITOS NOS CAVALOS — Mistura de venenos, em proporções correspondentes à atividade que se deseja obter para cada uma das espécies contra cuja picada se deseja proteger, é aplicada em cavalos existentes no Butantan. Inicialmente as doses são ínfimas, de alguns milésimos de miligrama apenas. O animal fica em observação até ser conseguida a desejada imunização, ao cabo de dois meses aproximadamente. Vê-se, no "clichê": abaixo, o ato da aplicação do veneno em um cavalo, do qual foi, primeiro, extraída uma certa quantidade de sangue para coagular.



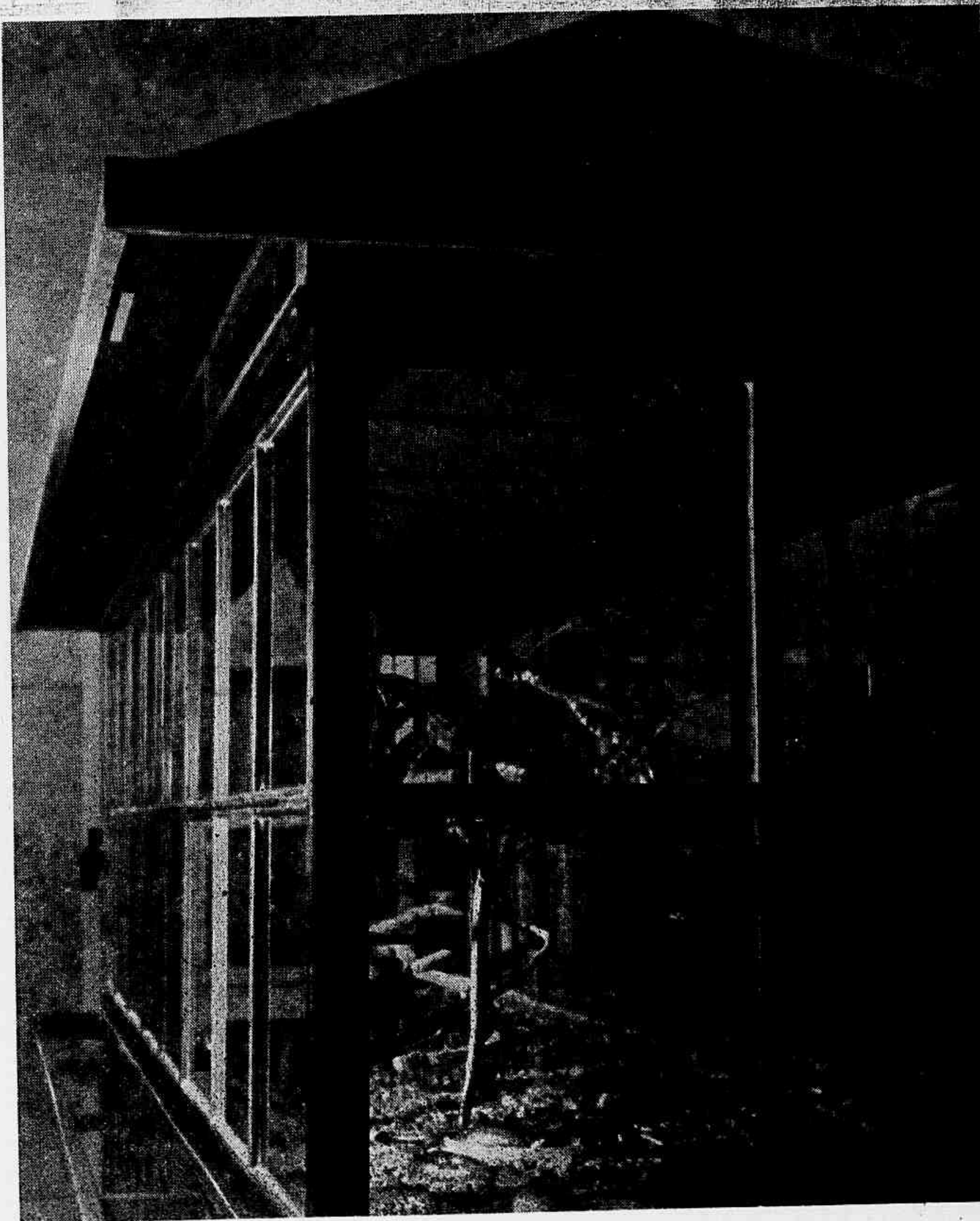


A CAMPAINHA DA CASCAVEL — Esta é a mais perigosa, o "Crotalus Terrificus", única espécie existente na América do Sul, em oposição à América do Norte, onde há meia dúzia de espécies, desde a "Dwarf Rattlesnake" até a enorme "Diamond Back". E no entanto os funcionários do Butantan seguram a Cascavel como se tivessem nas mãos não um perigo mortal, mas um inofensivo brinquedo de criança. O soro anti-crotálico, contra a picada da cobra, é também experimentado nos cavalos.

por exemplo, o veneno a empregar é só o dessa serpente. Se é um soro polivalente, faz-se então mistura de venenos em proporções correspondentes à atividade que se desejar para cada uma das espécies contra cuja picada se deseja proteger. Tais venenos ou misturas, de atividade perfeitamente conhecida, são então inoculados em cavalos, em doses inicialmente ínfimas, de alguns milésimos de miligrama apenas. O animal é observado, tomando-se-lhe o peso e duas vezes por dia a temperatura, e administrando nova dose mais elevada logo que desaparece a reação causada pela inoculação anterior, injetando-se em geral duas vezes. É o processo conhecido pelo nome imunização, que determina o aparecimento no sangue de anticorpos, que neutralizam os corpos injetados, no caso os venenos, em proporção tanto maior quanto maiores as últimas doses de substância tóxica injetadas. Ao cabo de cerca de dois meses atingem-se doses fabulosas, que chegam a alcançar 350 miligramas de cada vez. Nessa ocasião retira-se pequena quantidade de sangue do cavalo e deixa-se coagular, praticando-se com a parte líquida ou soro o "test" de proteção que irá indicar se a atividade do soro é ou não suficiente para exercer ação curativa nos casos de picada. Para isso coloca-se, em vários tubos de ensaio, um centímetro cúbico do soro em cada um e juntam-se quantidades variáveis de veneno "standard". A mistura depois de repousar meia hora a 37° é injetada na veia da asa de pombos, cuja sensibilidade ao veneno é extraordinária. Se o pombo resiste à inoculação da quantidade mínima de veneno

ESTA É PERIGOSÍSSIMA! — Muitas cobras, mesmo as venenosas, são menos inofensivas que as aranhas. Observe o leitor a "delicadeza" com que o cientista de Butantan segura o "specimen" da gravura. O mais leve descuido, permitindo um movimento súbito do bicho, poderá resultar mortal ao abnegado funcionário. Seus tentáculos estão prontos para investir contra o homem, e a sua picada o levará à sepultura em curto espaço de tempo. Existem centenas de tipos no Instituto.

UM MOSTRUÁRIO DE VENENOS MORTAIS — Monstras de ofídios de todas as classes são apresentadas aos visitantes de Butantan, enquanto funcionários especializados emitem os esclarecimentos necessários. Aqui as cobras estão mortas e embalsamadas, mas permitem uma análise demorada. Uma visita ao Instituto Butantan obrigatória para os nossos colegas seria de resultado magnífico.





que o soro deverá neutralizar, conclui-se que pode ser utilizado no tratamento dos casos de picadas do homem e dos animais domésticos. Consegue-se assim obter soros que neutralizam por centímetro cúbico até dois miligramas de veneno ofídico e mais.

Nessa ocasião sangram-se os cavalos imunizados, retirando-se uma quantidade de sangue proporcional ao peso do animal, dando um cavalo de 350 quilogramas cerca de 4 litros de sangue e um de 600 até mais de 8 litros, sem que venha a sofrer com tal sangria. No mesmo dia injeta-se-lhe dose de veneno igual à última recebida, sendo ele sangrado novamente oito dias depois e assim sucesivamente por 4 vezes, quando então deve entrar em repouso, recebendo o melhor tratamento possível. Terminando dois meses depois o período de descanso, volta o animal a ser hiperimunizado, podendo-se agora iniciar as injeções com doses muito maiores do que as primeiras recebidas por ocasião da primeira imunização, durando agora o processo cerca de um mês apenas.

O soro assim obtido pode ser utilizado no tratamento tal qual, depois de empolado, mas habitualmente ele ainda sofre um processo especial de concentração nos laboratórios, o que o torna até 3 ou 5 vezes mais ativo no mesmo volume.

O Butantan preparou e distribuiu assim até hoje cerca de 320.000 empôlas de soros anti-ofídicos, que têm salvo milhares de vidas.

As estatísticas demonstraram que a quase totalidade dos acidentes ofídicos ocorre com os trabalhadores rurais, pelo hábito que têm de trabalhar descalços. Verificou-se, mesmo, que 75% dos acidentes ofídicos ocorrem por mordedura nos membros inferiores, desprotegidos. Daí o aconselhar-se, como meio profilático, o uso do calçado e da perneira. O Instituto, por meio de demonstrações práticas, conferências e instruções que ministra aos seus fornecedores de ofídios, tem procurado vulgarizar o uso do calçado entre os trabalhadores rurais, combatendo, por outro lado, as abusões, tão comuns no interior, para o tratamento dos empeçonhamentos por ofidismo, fazendo ver a necessidade do emprêgo do soro antiofídico, único meio seguro de cura.

Como outros meios profiláticos, recomenda o Instituto a proteção a certos animais, como a "Mussurana", o "Cangambá" e certas aves que destroem as espécies venenosas.

Dedica-se, ainda, o Instituto ao estudo das aranhas venenosas, de que há duas espécies de importância, e dos escorpiões, preparando soro específico contra os acidentes desses animais.

Escreveu CELESTINO SILVEIRA
Fotografou Arnaldo Vieira

UM PUNHADO DE CÖBRAS VIVAS... — O visitante fica de longe, espiando as atividades dos funcionários, enquanto eles, com um controle admirável de nervos, chegam ao auge de empunhar os ofídios, venenosos ou não, como se estivessem brincando qual uma criança... E as serpentes, prontas a investir ou a fugir, estão manietadas, simplesmente seguras pela cauda...

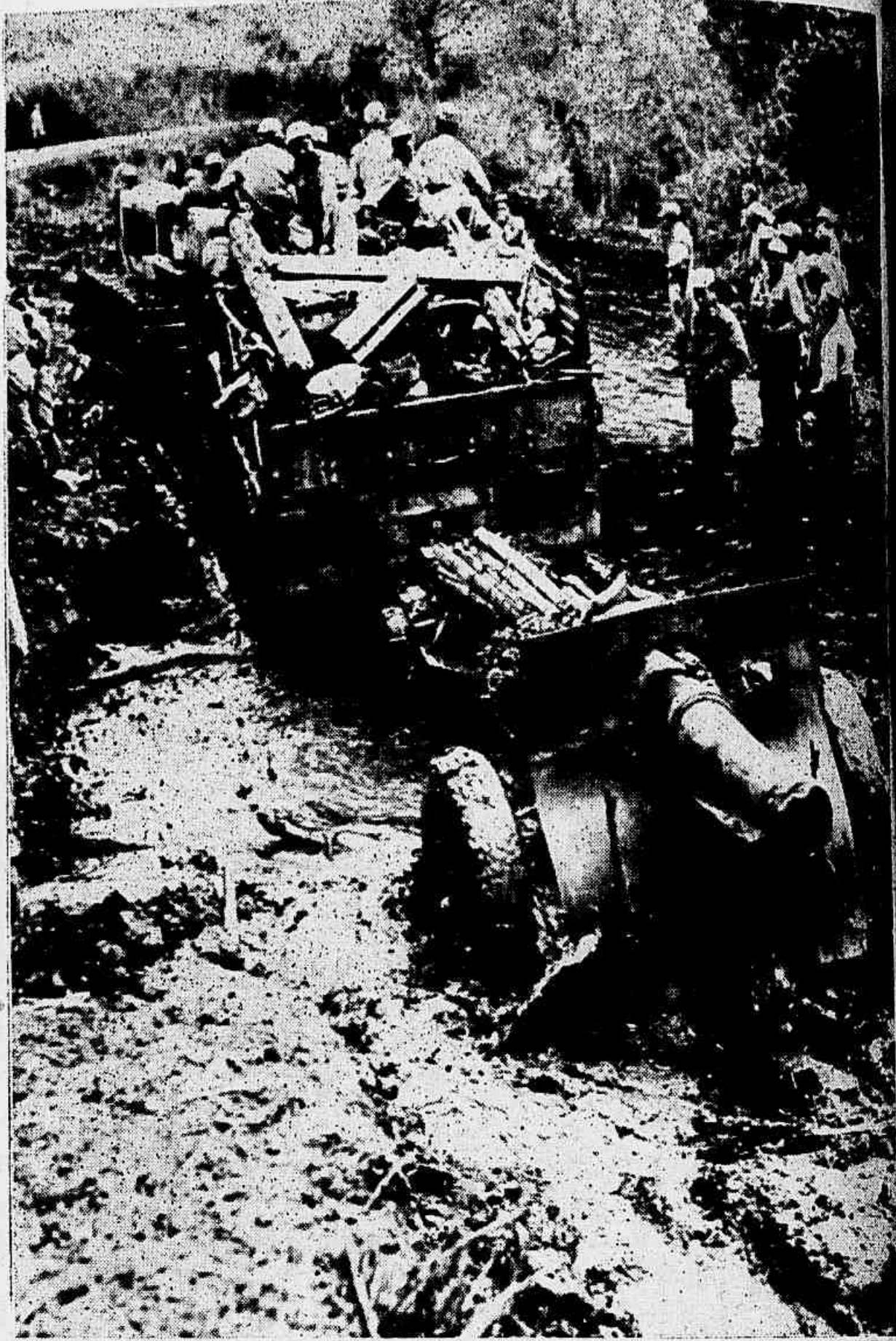


Nossa visita ao Butantan terminou com um imprevisto, que seria fatal se o técnico do Instituto não se acautelasse. Uma serpente investiu contra o domesticador... mas as botas e os canos altos que ele calçava neutralizaram o ataque. E dizer-se que existem no Brasil duzentas e dez espécies de ofídios! A maioria, porém, inofensiva, pois apenas duas dúzias são realmente venenosas. Mas, pelas dúvidas, convém evitar tôdas as espécies. Nada de confusões...

FIM



MISSA EM IWO JIMA — Fuzileiros navais que capturaram a montanha de Suribachi, na ilha Iwo Jima, recebem a comunhão dada por um capelão do exército, no pico vulcânico dessa montanha. Eles são homens de vontade, guerreiros destemidos, mas antes e depois dos combates recebem assistência religiosa. Cumprem o seu dever militar e são crentes na bênção divina.



NO CAMINHO DE LASHIO — Trator do exército norte-americano puxa um canhão do exército chinês para fora de um atoleiro perto de Lashio, ponto terminal da estrada da Birmânia. O mau tempo, a lama, as grandes chuvas não impedem a arrancada dos heróicos soldados da China, e os sobrinhos de Tio Sam contribuem, de maneira soberba, para esses fastos gloriosos.

A GUERRA EM MARCHA

ESTE É O REALISMO DA GUERRA — Antes dos nazistas terem perdido Monte Castelo, na Itália, quando atacados pela Força Expedicionária Brasileira, instalaram uma armadilha num dos soldados alemães mortos. No flagrante vê-se o pastor John Sorey, ministro da primeira igreja batista no Rio de Janeiro, apontando para o fio que provocaria a detonação. Se o fio não houvesse sido descoberto, teria provocado a morte de muitos soldados brasileiros.





MARINHEIROS EM CORREGIDOR — O marinheiro no centro do grupo, na gravura acima, foi ferido levemente durante a batalha de Corregidor, e está comentando o sucesso do combate com seus companheiros. Estes escutam as impressões do companheiro com toda atenção. E preparam-se para vingar os marujos desaparecidos na luta.

O panorama da guerra mundial, que nos apresentava até há pouco mais de um mês uma situação ainda não perfeitamente definida, já pode, pela marcha dos acontecimentos recentes, fazer-nos prever um próximo fim para todo o poderio nazista do ocidente, e ainda para o Império Japonês, que está cercado por um poderoso cinturão de aço, apertado de hora para hora pela grande ofensiva de Mac Arthur, que assume um ritmo vertiginoso.

A tomada de Manilla sucedeu-se o grande desembarque americano em Okinawa, ilha pouco distante do território metropolitano do Mikado, cujas forças navais e aéreas são assim ameaçadas agora em suas próprias bases pela máquina militar dos Estados Unidos.

A grande ofensiva russa, lançada como consequência imediata da Conferência de Yalta, assume proporções gigantescas, que superam todas as expectativas. Na direção do Báltico investem vários corpos dos exércitos ucranianos e da Rússia Branca, numa fúria arrasadora. Outras grandes massas de homens e tanques assaltam Berlim pelas estradas do Oder, pondo as vanguardas soviéticas a uma distância reduzida da capital alemã.

Por outro lado irrompem os anglo-americanos no interior da Renânia. A grande cidade do Reno, Colônia, foi ultrapassada, e as tropas de Eisenhower tomam também a direção de Berlim, alargando a sua ofensiva por uma frente que se estende por toda a Renânia e Ruhr e pelos Países Baixos.

No sul os russos lançaram outro violento arremêso, que teve como resultado imediato a entrada de tropas do Exército Vermelho em Viena, onde os combates de rua estão se desenvolvendo com um caráter de extrema violência.

A guerra, que por alguns meses pareceu estacionada, assumiu este ritmo vertiginoso, justamente após o encontro dos Três Grandes na Criméia, conferência na qual foram decididos pontos de suma importância, tanto para a marcha das operações militares quanto para os problemas políticos e sociais consequentes da conflagração.

Nos primeiros dias de abril correram insistentes boatos sobre o possível rompimento da Rússia com o Japão. Em sendo positiva essa hipótese, é de se esperar também a próxima "débâcle" da máquina militar nipônica, que se vê, já hoje, impotente para conter o poderio americano.

A conferência de São Francisco, a se reunir este mês, instalar-se-á num ambiente de desafogo. Nela poderão ser tratados pois, como se espera, assuntos relativos às garantias a serem oferecidas aos povos no após-guerra, bem como medidas que venham impossibilitar por completo a ressurreição do fascismo. Na Califórnia já não será necessário discutir como se deve dar o último golpe no poderio fascista. Isso porque o fascismo está morto, e bem morto.

COMUNHÃO A BORDO — Um soldado brasileiro ferido na Itália vai receber a comunhão dada pelo padre Rafael Montejano, de São Luis Potosi, México, a bordo do navio-hospital que o transportava para os Estados Unidos, onde foi tratado dos seus ferimentos.





O ministro Salgado Filho na sala de Imprensa, após a comunicação da anistia concedida aos profissionais do "turf", punidos até o último domingo.



JOCKEY CLUB MUNDANO

Num ambiente de alegria, elegância e distinção decorreu sábado último mais uma tarde esportiva no Jockey Club Brasileiro. Como sempre, a esta reunião turfística acorreram os elementos mais destacados de nossa sociedade. As fotos que estampamos nesta página foram colhidas na "pelouse" durante os intervalos das corridas realizadas.



NÁSSARA RECONHECE: — EU COMECEI COMO HITLER: SUJANDO AS PAREDES!

A história começou no tempo em que Ruy Barbosa e Hermes da Fonseca se degladiavam publicamente numa das maiores campanhas eleitorais que o Brasil conheceu até então. A ala civilista usava de todos os meios possíveis para propagar os seus princípios, enquanto os Hermistas lançavam também à luta todos os recursos de que dispunha o seu mecanismo de propaganda. A caricatura era então, como agora, uma das melhores armas de combate político, e ocupava muitas colunas dos jornais da época, que se batiam por um e por outro dos candidatos à Presidência da República.

Começaram a aparecer, um dia, nos muros e nas paredes do bairro de São Cristóvam, bonecos de carvão representando os figurões do tempo, maiores das duas facções, reproduzidos com uma fidelidade e uma graça inimitáveis. Ninguém conhecia o artista a quem se devia aquela crítica mural, oferecida gratuitamente ao gosto ou à revolta dos transeuntes, segundo as convicções e os partidos de cada um.

O mais interessante era o fato da mesma pessoa, encontrando um dia nas paredes uma sátira a Ruy Barbosa, elogiar o artista, caluniando-o no dia seguinte, por encontrar no

DOS MUROS DE SÃO CRISTÓVAM A ESCOLA DE BELAS ARTES — UM CARICATURISTA QUE FAZ SAMBAS, OU UM SAMBISTA QUE FAZ CARICATURAS — A SUPERPRODUÇÃO PREJUDICA A NOSSA MÚSICA POPULAR — O DIREITO DE RIR É UM DOS BENEFÍCIOS DA DEMOCRACIA

lugar da caricatura da "Águia de Haya" uma "charge" gozadíssima contra o "Dudú".

Veio a saber-se depois que o caricaturista anônimo, causador de muitas controvérsias e mesmo de algumas pauladas entusiásticas, mais não era que um garoto, um moleque da vizinhança, a que já nesse tempo se chamava pelo sobrenome: Nássara.

DOS BONECOS DE CARVÃO A ESCOLA DE BELAS ARTES

E o menino foi crescendo e continuando a rabiscar os seus bonecos. Não era considerado, como muitos troca-tintas mirins, o gênio da família. Em casa alguns olhavam-no mesmo com ironia, como a dizer: "Pintor de Pare-

des". Ele, em verdade, havia começado como um pintor de paredes, se assim se pode chamar a um garoto que rabisca os muros. Mas existem casos de outros pintores de parede, pintores mesmo, de brocha e lata, que têm se tornado mais famosos, muito embora a sua glória efêmera tenha resultado algumas vezes em tremendos desastres. Não queremos com isso comparar a evolução de Nássara com a decadência de Hitler. Longe de nós propósito tão baixo! O que desejamos é apenas traçar um paralelo entre duas vidas diametralmente opostas, começadas ambas diante de um muro branco.

De uma delas, por demais discutida e comentada, não trataremos por este mesmo motivo. Vamos falar de Nássara e, uma vez por outra, poderemos meter o nome de Hitler na conversa, pois a figura desse "distinto" ariano está presente de vez em quando nas caricaturas do artista. Começemos justamente por onde começou Nássara — Escola de Belas Artes.

Ficamos, entretanto, presos a outro dilema: falar de Nássara. E isso é muito natural, pois de qualquer maneira nunca sabemos se ele é um caricaturista que compõe sambas, ou um sambista que rabisca bonecos.

Um café, um copo d'água, um cigarro, uma caixa de fósforo e muita bossa é que se torna essencial para a composição de um samba. Mas Nássara não está compondo. Está apenas lembrando os velhos tempos e contando para o reporter saudosas passagens de sua vida de caricaturista que faz sambas.





Em mangas de camisa Nássara é surpreendido pelo fotógrafo, num momento de descanso. Os olhos se perdem num ponto desconhecido, o cigarro se apaga ao canto dos lábios. No entanto pela cabeça do artista deve estar passando um motivo de caricatura grotesca, ou a frase musical de uma melodia.

Com uma linha curva o artista fabricou um nariz, depois fez de um retângulo um cigarro. Colocou sobre tudo isto uma sucessão de traços negros, à guisa de sobrancelhas, e com alguns semi-círculos armou uma bela cabeleira. E eis que apareceu Procópio Ferreira numa atitude característica. Para completar o efeito uma bengalinha estilo Carlitos.



Por tudo isso preferimos dar a palavra ao nosso entrevistado, a arriscarmos a considerações em torno de suas artes de caricaturista do samba.

Eis, então, o que nos diz Nássara:

REPROVADO EM DESENHO

— Não me lembro de datas. Sei entretanto que, por sugestão de uma de minhas tias, o único parente aliás que acreditava em meus dotes artísticos, fui matriculado num curso da Escola de Belas Artes. Durante os meus estudos sucedeu um fato interessante. Foi então meu professor de desenho o velho Brocus que, apesar da idade e do classicismo, era tolerante ao extremo em matéria de arte. Esse mestre, interessando-se por meus rabiscos, chegou-se um dia a mim e declarou sinceramente que eu devia abandonar o desenho. Disse claramente que a minha vocação acentuada para a caricatura impedia que de qualquer forma pudesse marcar progresso na arte de desenhar, adiantado que nunca conseguiria copiar fielmente qualquer obra de arte, ou produzir uma paisagem, pois em tudo o que fizesse apareceriam sempre o traço caricatural e uma expressão humorística ou grotesca.

Assim falou meu mestre. A princípio não levei muito a sério e continuei a tentar reproduzir os modelos apresentados nas aulas. Lá em tudo, porém, como predissera Brocus, uma expressão grotesca, e a sátira transparecia em todos os meus traços. Não me era possível, como ainda hoje não o é, fazer uma cópia exata, embora inexpressiva, de qualquer quadro que me pusessem diante dos olhos.

E o primeiro resultado de minhas caricaturas foi este: chegado ao fim do ano letivo verifiquei que havia ido ao "pau" em desenho.

Veio a segunda época, e um pistolão forte conseguiu que os examinadores me dessem um "simplesmente" digno e razoável. As palavras do professor repercutiam ainda dentro do meu ânimo agitado. Pensei muito e resolvi, por fim, abandonar o desenho. Nunca mais copiaria os traços de ninguém, e faria daí por diante os meus próprios traços, bons ou maus, de acordo com os meus sentimentos e com as minhas tendências.

Caricaturei desde então tudo o que me passava pela frente. Não me prendi estritamente à caricatura política, mas a ela dediquei muito do meu tempo. Qualquer motivo servia de pretexto para uma "charge"; qualquer homem era um boneco à espera do papel.

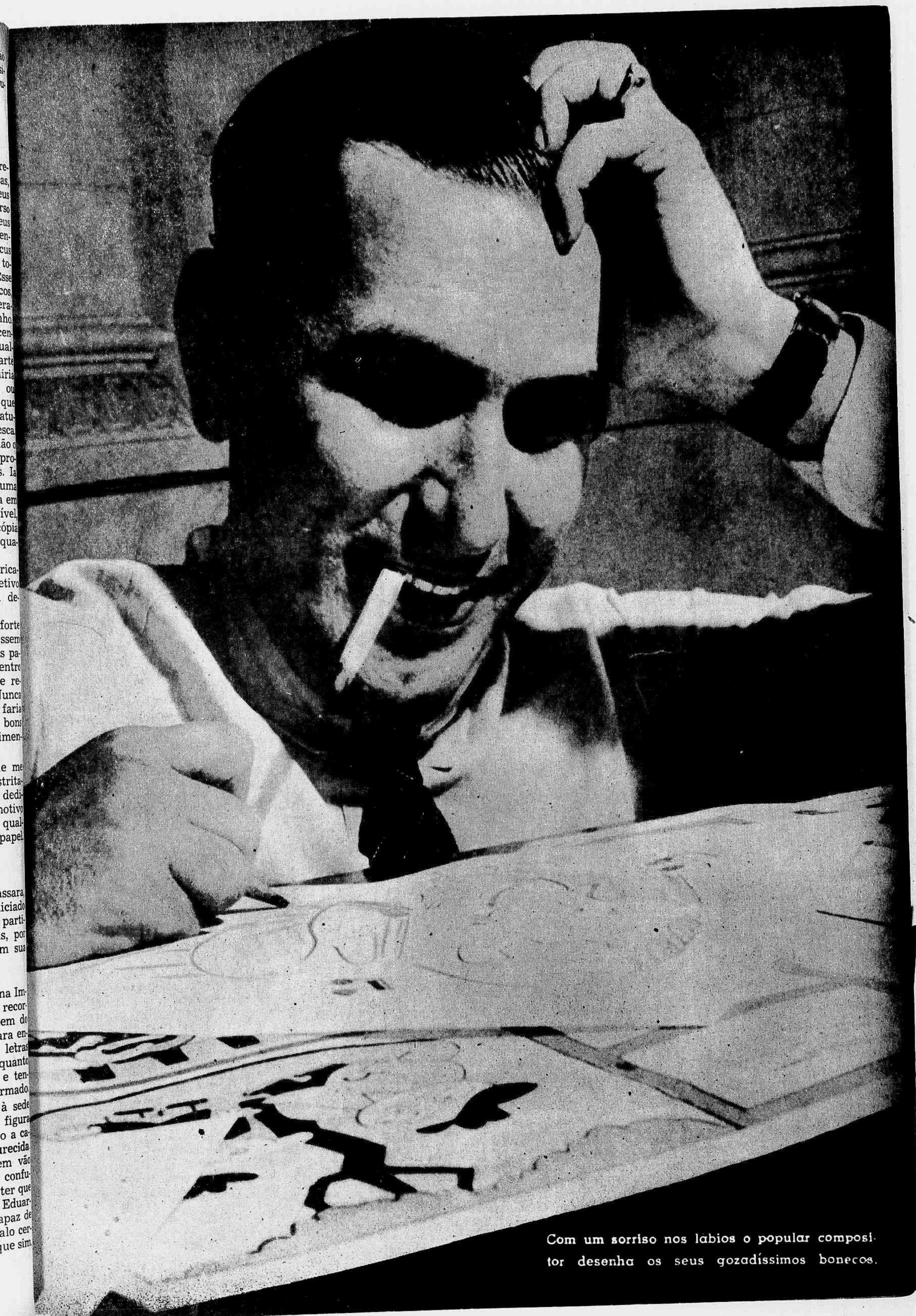
NA PRIMEIRA PÁGINA

Aproveitamos uma pausa que faz Nássara para perguntar-lhe quando havia se iniciado na Imprensa. O caricaturista tem uma particularidade: nunca se lembra das datas, por maior importância que tenham elas em sua vida.

Responde-nos portanto:

— De quando comecei a colaborar na Imprensa, não me lembro bem. Posso me recordar, porém, que foi ao tempo da viagem do "Jahú". Um dos jornais do Rio publicara então um telegrama com um título em letras grandes: O "Jahú" caiu nagua. Foi quanto bastou para que se exaltassem todos e tentassem empastelar o diário mal informado.

No meio da agitação, em frente à sede do jornal em questão, salientava-se a figura de um tenente da polícia que, montado a cavalo, tentava acalmar a multidão enfurecida. O fotógrafo de "O Globo" tentava em vão bater uma chapa no meio da grande confusão. E como não o conseguisse, o reporter que o acompanhava, meu amigo particular Eduardo do Bahout, perguntou-me se eu era capaz de fazer uma caricatura do tenente a cavalo cercado pelo populacho revoltado. Disse que sim.



Com um sorriso nos lábios o popular compositor desenha os seus gozadíssimos bonecos.

e na mesa da redação, com um lapis e uma folha de papel, reproduzi a cena do empastelamento.

O secretário gostou do trabalho e fiquei, desde então, colaborando em "O Globo".

diários e nas revistas ilustradas. As minhas "charges" pareciam agradar ao público; eu ia mudando de jornal, mas continuava sempre com o mesmo espírito que me animara a princípio. A caricatura é uma arte ampla, que

campo mais largo para a caricatura. Povo alegre por excelência, o carioca não podia viver sem a caricatura; sabia compreendê-la e aceitá-la com um sorriso nos lábios, e muitos erros eram corrigidos por causa de um calunga irreverente que apontava as falhas da administração, as faltas deste ou daquele cidadão. E os culpados, com mais medo do ridículo que da justiça dos homens, para evitar uma nova "charge", evitavam de persistir no erro.

Eis, porém, que o Rio perdeu a alegria que o caracterizava, e viveu muito tempo trancado dentro de uma tristeza infinita, que se refletia na própria fisionomia de seus habitantes. A caricatura entrou em declínio, pois os seus traços começaram a ser medidos, e só poderiam aparecer em público se se enquadrassem num modelo adrede preparado. Os meus bonecos não se podiam prender a esses modelos. Passei, pois, muito tempo riscando pouco, quase nada.

UM PEDAÇO DE MESA E UMA CAIXA DE FÓSFOROS

— Dediquei-me então — continua Nássara — exclusivamente à composição de músicas populares. Para fazer um samba bastava um pedaço de mesa de café e uma caixa de fósforos. E assim vivi muito tempo, talvez uns quatro anos, afastado da caricatura, fazendo sambas.

— Mas não acha você que o samba não deixa de ser uma espécie de caricatura musicada?

— Em parte, sim. O samba e a marchinha já serviram mesmo para a sátira política, e desempenharam a contento o seu papel. Quem é que não se lembra, por exemplo, de "Seu Mé" e "Papagaio Louro"?

— E você nunca se lembrou de fazer um samba satírico?

— Já. Fiz um samba, adotando temas de músicas européias, em torno da guerra germano-soviética. Penso que você mesmo ainda se deve lembrar da letra dessa música. É aquela que diz assim:

E o sambista cantarola:

"Danúbio Azul
Fiau! Fiau!..."

— Aí está — prossegue o nosso entrevistado — como num samba se pode ridicularizar todo um plano de conquista organizado por um tirano europeu.

— Mas o que diz você do samba brasileiro, atualmente?

— Preferiria não dizer nada. Mas já que você pergunta digo: mal. Não se pode mais, infelizmente, falar bem da nossa música popular. Isso porque o que existe agora é uma campanha louca pela popularidade, uma luta sem tréguas pelo renome. Aparecem no Rio, por ano, milhares de novos compositores, despidos em geral de valor, que se empenham em conquistar publicidade através das irradiações de suas músicas, o que conseguem à custa de amizades com os elementos ligados às emissoras, aos quais estão sempre importunando com pedidos de irradiação de suas marchinhas e sambas. Quando o Carnaval se aproxima a coisa assume proporções de flagelo.

As casas de gravação lançam então à rua, uns dois meses antes da nossa festa máxima, centenas de discos carnavalescos, dos quais uns vinte ou trinta são músicas bem feitas com letras dignas de ser cantadas. O resto é uma calamidade. E é este resto que por insistência dos autores é transmitido e retransmitido pelas rádios, terminando por ser decorado pelo público.

Eis por que todos dizem que o samba está decaindo.

Enquanto engraxa os sapatos, o compositor que faz caricaturas lê a REVISTA DA SEMANA e elogia as reportagens e ilustrações do texto. Nássara acompanha de perto tudo o que se passa com relação à imprensa ilustrada, que para ele tem um papel relevante na vida dos povos.

— E desde aí, perguntamos, você tem se dedicado à caricatura com assiduidade?

— Desde que entrei para o jornal trabalhei muito. Durante anos os meus bonecos apareceram constantemente nas páginas dos

deve retratar qualquer atitude e servir como sátira a todas as atividades humanas. Ela não é apenas uma arma de combate político, tendo um sentido mais extenso.

E o Rio de Janeiro era, antigamente, o

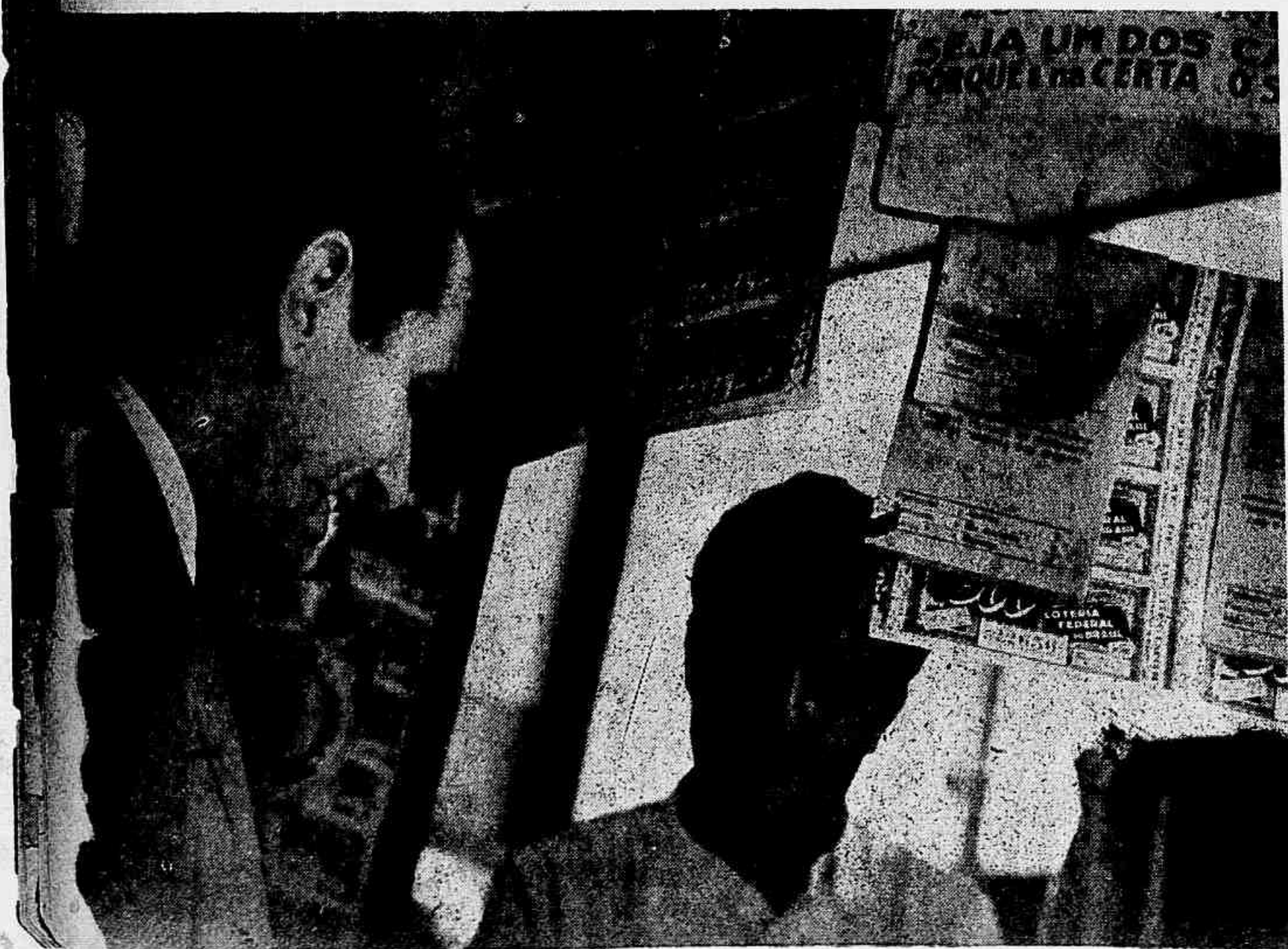




GENTE DT



Nássara tem esperança no futuro da caricatura e da música popular brasileiras. E esta fotografia prova que ele tem esperanças de ficar rico também.



Em verdade, ainda há bons sambas. Mas esses não aparecem. Ninguém hoje pode ouvir mais uma marchinha delicada como aquela "Se a lua contasse do saudoso Custódio Mesquita, porque o barulho de milhares de marchas barulhentas irradiadas diariamente em véspera de Carnaval, abafam completamente as notas suaves de qualquer música que se faça naquele gênero.

Eu mesmo já compus, de parceria com Frazão, uma valsa que fez sucesso há poucos anos atrás. Hoje se eu repetisse a proeza, poderia contar com um fracasso.

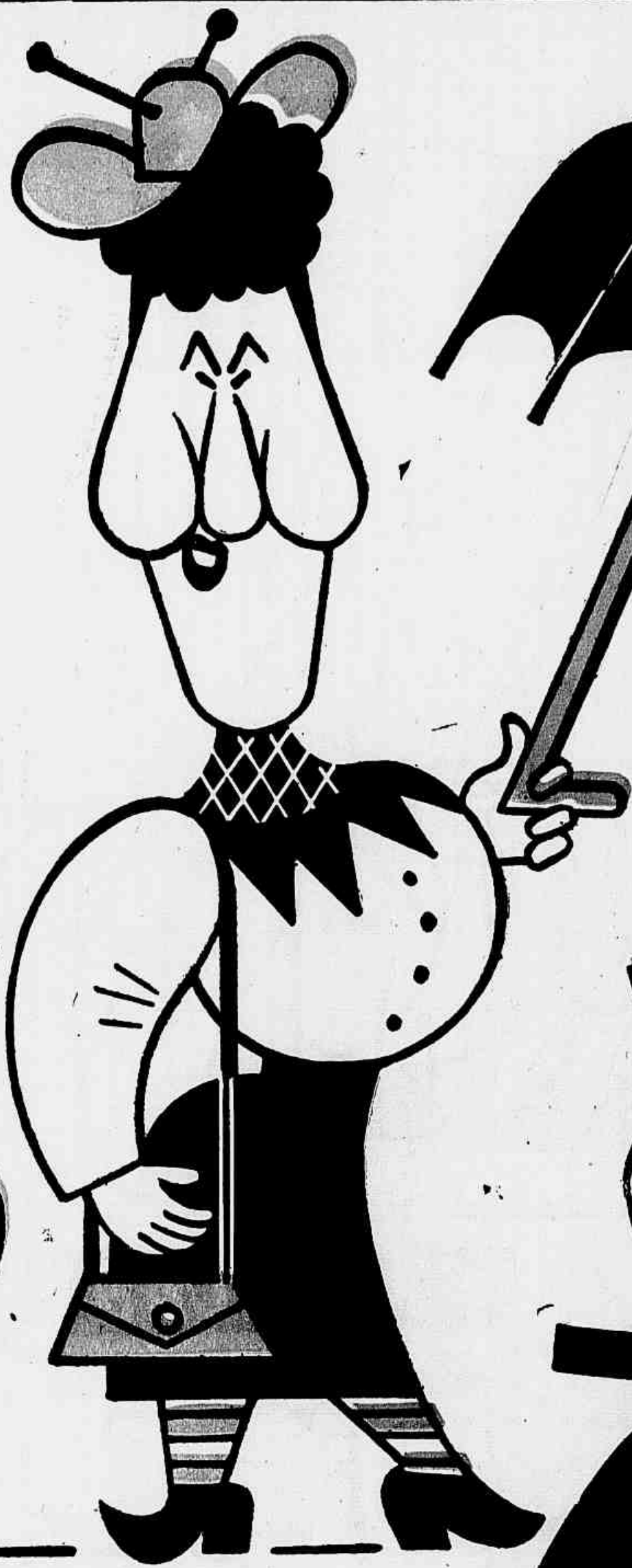
Quero ainda dizer-lhe que esta superprodução de sambas carnavalescos, além de prejudicar a melodia de nossa música popular, influi sobremaneira na sua apresentação harmônica.

Para que se tenha uma noção mais exata, é preciso saber qual o mecanismo de que se necessita para a fabricação de um samba. E este é fácil de ser explicado:

Um compositor canta o seu samba para um pianista, que vai anotando a melodia na pauta. Isso feito, é escrito o acompanhamento, e assim se dá por completa a parte de piano.

Dai vai a música ao orchestrador, que faz o arranjo para o conjunto instrumental. E está a música

TEATRO



Mas esse tanto, que no Brasil são raros os músicos que se dedicam à orquestração de sambas.

E eles, logicamente, tratando da orquestração de trinta ou mais sambas simultaneamente, não podem fazer um trabalho perfeito como o que executavam quando lhes eram apresentadas umas dez composições por ano.

E isso é tanto mais prejudicial para os verdadeiros compositores, quando se sabe que na música popular, como numa sinfonia, a harmonia é um grande fator de êxito.

Para terminar a nossa conversa sobre samba, posso dizer que estou triste. E triste por dois motivos. A caricatura e a música popular no Brasil estão quase mortas, embora ambas ainda sejam crianças. Não sei de que doença infantil sofrem, mas tenho certeza de que ambas necessitam de socorros. E espero que êstes venham depressa.

AMÉRICA, PÁTRIA DO PENSAMENTO

— Já que você não quer falar mais de samba, vamos voltar à caricatura.

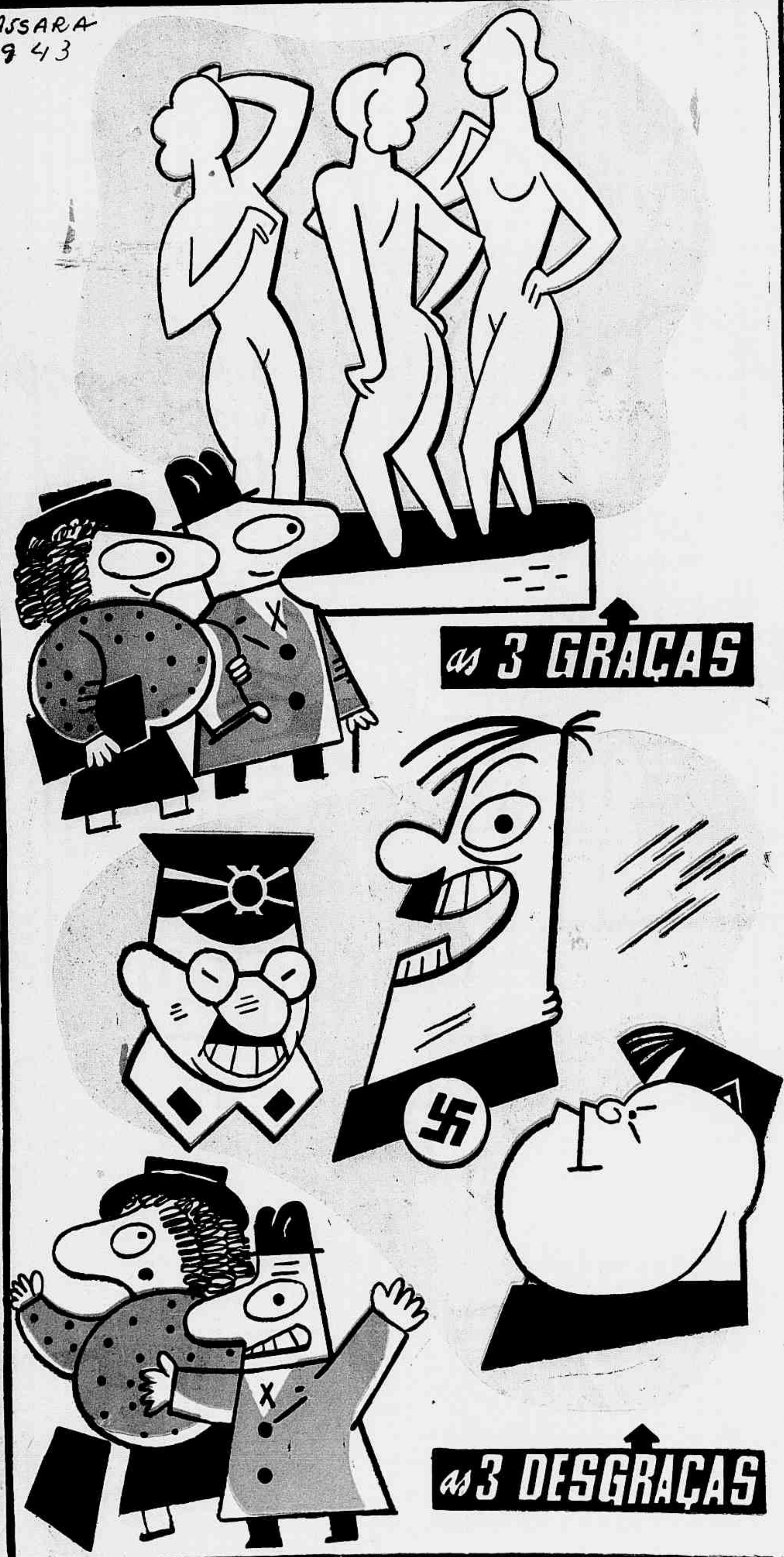
— Certo. Mas onde estávamos nós?

— Justamente na parte em que você deixou a caricatura e tratou de samba.

— Pois bem. Voltemos ao ponto. Voltei a colaborar na imprensa. Fiz "charges" políticas, caricatu-

ARTE & PLÁSTICA

VASSARA
1943



rei gente de rádio, de cinema, de todos os setores da vida artística e particular.

Fui à América. Vi coisas de se tirar o chapéu e pasmei para a caricatura americana. Liberta de qualquer preconceito e de qualquer coação, é ela uma arma do povo e propugna por todos os direitos populares. Isto não é entusiasmo exagerado, posso afirmar. E posso afirmar fundamentado no fato de que não gosto dos caricaturistas americanos. Mas gosto dos caricaturistas da América. Daqueles que se foram de suas terras buscar no bom humor "yankee" um vasto campo de expansão para a sua arte. Assim aconteceu com Stenberg e Cavarrubias, os dois maiores caricaturistas dos Estados Unidos, na minha opinião.

Foi ali, na terra de Washington, que eu compreendi que a caricatura, como qualquer ser humano, necessita de ar para viver.

Foi na América que eu fiquei sabendo que a minha arte não era somente a arte do povo por excelência. Era também o reflexo da vida do próprio povo. Na América aprendi que a caricatura era uma arte que só poderia prosperar dentro dos princípios liberais da democracia.

PRECISAMOS SORRIR

— Voltei ao Brasil. Vinha cheio de esperanças, com grandes projetos na cabeça. Veio a guerra e eu a aproveitei para tirar a pele do meu rival: o homem que, como eu, começara sujando paredes... Ele fôra longe, chegara a Paris levado pelas suas divisões blindadas. E eu, com despeito dêle que progredira mais... Pouco depois o homenzinho passeia de avião sobre Londres. Fiquei com inveja. Eis senão quando resolve o maldito comprar passagem para Moscou. Mas desta vez quem deve ter tido inveja de mim foi êle. O trem enguiçou na estação de Stalingrado. Para me vingar do rival compus o "Danúbio Azulou". E continuei a fazer a careta do homenzinho de Munich. Nunca perdorei àquele senhor os sucessos iniciais de sua carreira de borrachador de paredes. E embora hoje a minha situação seja mais invejável que a dêle, ainda hei de me vingar melhor. Talvez mesmo por meio de caricatura. Mas espero para isto que a caricatura tenha no Brasil o valor que lhe dão na América. Aqui, ela ainda está presa às cadeias que lhes prendem os pés desde os tempos imperiais. E esta corrente se chama "o mau humor organizado". Existe no Brasil uma organização implícita de todos os inimigos do riso e da alegria.

E depois de uma pausa:

— Quando se leva uma caricatura a uma redação, o secretário a recebe sempre de sobreninho carregado, numa careta de seriedade e casmurrice. E êste é o mesmo semblante do chefe de repartição que recebe pedido de um funcionário, é a máscara do diretor que despacha um candidato a um emprego. Todos estão mal-humorados, e as rugas da sisudez que apareceram primeiro nas testas dos maiores já são vistas hoje também nas frentes do pessoal da classe média.

E' preciso impedir que o povo também enrugue a testa. Êste deve ser a principal função da caricatura no Brasil.

Agora, que se fala tanto em democracia e em liberdade, precisamos de bom humor, mais do que nunca, pois é êle um dos próprios princípios democráticos.

Eu sugeria, mesmo, que se propugnasse também por uma quinta liberdade: a liberdade de rir. Uma liberdade que nos tem faltado há muito tempo. E para terminar lanço aqui o meu brado de guerra:

— Sorria, Brasileiro! Gargalhe, Brasileiro! Mostremos ao mundo o brilho de nossos dentes, ou a anatomia de nossas gengivas. Mas continuemos a sorrir. A esperança está conosco e la, por si só, já é um motivo para nossa alegria!

Ele apresentou-se sem cerimonia e convidou-a para dançar...

Um "yankee" alegre

Conto de GERMAINE ROCHER

A CONTECE que, como sempre, eles estavam discutindo animadamente. Aliás, a palestra que, pouco a pouco, fôra se animando parecia, agora, estar prestes a degenerar em franca hostilidade. Aliás, isso também não era novidade. Eles sempre brigavam. Todas as vezes que ele e o maligno parece que ficava de alcateia para fomentar a dissidência, tornar acalorado o debate, estragar o passeio e forçá-lo a um telefonema mais calmo, no dia seguinte, pedindo desculpas e prometendo emendar-se. Parecia, até, que um excesso de vitalidade, neles, contribuía para a seriedade dos "casos": sim, muito provavelmente era um excesso de vitalidade de que eles tinham que se desfazer; donde as disputas por motivo fútil ou mesmo sem motivo.

Começou, daquela vez, no meio dum salão de baile. Creio que qualquer um dos leitores estará disposto a convir que não é este o lugar adequado para se decidir uma diferença de opiniões sobre um assunto qualquer. Entretanto, quando o diabo está sempre pronto a murmurar no nosso ouvido sugestões cheias de veneno, não creio que tenhamos tempo para refletir — eu ou o leitor, que somos gente pacata e ponderada, brigamos raramente, e agora imaginem aquele casal que dava a vida por uma discussão...

Ela olhara para um oficial. O rapaz, lisonjeado, sorria. Ela retribuía o sorriso. E fôra o último ato desse filit sem palavras que David interceptara. A fúria dormente, que só esperava combustível para acordar e disparar numa torrente de impropérios, pulou vivamente e tomou o pretexto nas mãos.

De repente a orquestra parou. Pararam os pares que estavam dançando e ficaram eles dois, completamente inconscientes do público que os observava interessado, a dizer um ao outro coisas que naturalmente a sangue frio não pensavam, a sugerir perversões de arrepiar os cabelos de inspetores de veículos — se tomarmos o inspetor de veículos como sendo, devido ao seu cargo, um indivíduo acostumado a ouvir nomes pouco recomendáveis aplicados a pessoas que felizmente não eram culpadas da acusação, — o inspetor de veículos, símbolo internacional da diminuta sensibilidade aos insultos.

Como, porém, os espectadores não eram, de modo algum, inspetores de veículos, o incidente não pôde deixar de chocar a muitos e a todos surpreender o vigor com que a moça levava a melhor do rapaz na réplica instantânea e fulminante.

Entretanto, como todo o espetáculo interessante se muito prolongado provoca a impaciência, já um dos presentes se preparava para intervir, quando um gigante louro e sardento deixou cair uma mão assustadoramente grande sobre o ombro de David. Este virou-se com intenções pouco recomendáveis:

— Escute aqui...

Mas o outro, com forte sotaque americano, disse:

— Não. Quem vai escutar é o senhor. Eu queria explicar-lhe que na minha terra há um costume chamado *cut in*. É muito agradável. O cavalheiro, ao ver uma daminha que o interessa, aproxima-se, bate no ombro do seu par e éle, como um *gentleman*, retira-se.

David ia protestar, quando Diana disse:

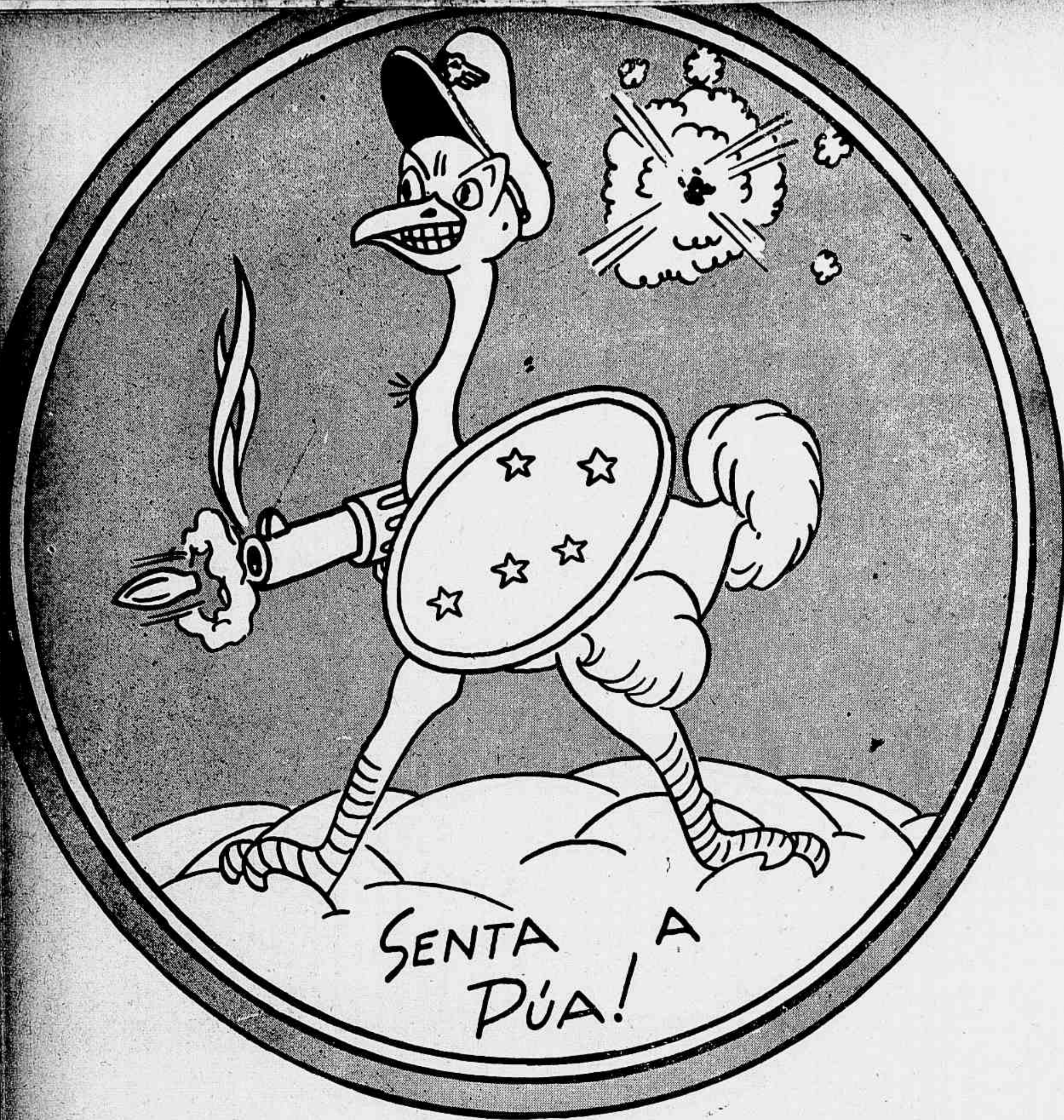
— Com muito prazer. Dançarei com o senhor.

Ela não fizera aquilo senão com a intenção de magoar o noivo, de embarçá-lo e fazê-lo ficar em posição ridícula diante de todos. E conseguiu seu objetivo. Ele ficou estupefato, de pé no meio do salão, enquanto, retomando a orquestra a música, restabelecendo-se a normalidade, todos voltaram a dançar.

Diana deslizava, não sem tropeços, nos braços fortes mas desajeitados do americano.

(Con tinu na pág. 51)





"SENTA A PUA AVESTRUZ"

COMO NASCEU A LEGENDA "SENTA A PUA" E A IDÉIA DE REPRESENTAR-SE OS AVIADORES DO BRASIL COM FIGURA CÔMICA DE UM AVESTRUZ — O MAJOR PAMPLONA COMEÇA A HISTÓRIA — O CABO DIAS E A SU CAMIONETA — O CAPITÃO FORTUNATO TERMINA A HISTÓRIA

Reportagem de N. PITHAN E SILVA (PFC Staff Writer)

Itália, março de 1945 (Com o 1.º Grupo de Caça numa base avançada no "front") — Correspondência especial para a REVISTA DA SEMANA — "O negócio começou com o Dias", disse-nos o major Oswaldo Pamplona Pinto, chefe de Operações do 1.º Grupo de Caça. O major Pamplona, devem estar lembrados, foi quem por primeiro afundou um submarino nazista nas costas brasileiras. Dias é o cabo motorista da seção. Pertence ao Quadro de Manobra da F. A. B. (Quadro que inclui os mecânicos, artilheiros, motoristas, etc.) e já conta com alguns anos de bons serviços prestados à aviação militar, de onde foi transferido para a Força Aérea, quando da criação do Ministério da Aeronáutica.

O CASO COMEÇOU EM AGUA-DULCE

Quando ainda em Agua-Dulce, no Panamá, local onde iniciamos o nosso treinamento de combate e tática aérea (quem está falando é o major Pamplona), toda a vez que tomávamos a nossa camioneta para ir à pista, junto aos nossos aviões, dizíamos para o motorista: "Senta a pua, Dias, que já estamos em cima da hora!" E assim começou. A expressão pegou e foi tomando conta do grupo todo. Em pouco tempo, para qualquer coisa, mesmo as mais banais, usávamos da expressão "Senta a pua!". Se íamos para o trabalho era certo que saía um "senta a pua p'ra o trabalho!". À hora do rancho "sentávamos a pua" p'ra comer, e quando tentávamos assistir a um filme qualquer "sentávamos a pua p'ra o cinema!".

Nesse momento somos interrompidos por um oficial, que vem comunicar ao major Pamplona o estado do tempo e as missões designadas para o Grupo realizar no dia

seguinte. O oficial em questão é o 1.º tenente-aviador Horacio Monteiro Machado, assistente do chefe de operações. Esse piloto já tem a seu crédito nada menos que umas 50 sortidas sobre o inimigo. Ciente das informações, e depois de instruir o seu auxiliar sobre as providências

a serem tomadas, retomamos o passo da conversação.

"A dita expressão, continua o major Pamplona, tomou lugar de muita coisa no Grupo. Isso servia até para economizar-se tempo, pois quando alguém falava que ia "sentar a pua" todos nós compre-

Um avião de bombardeio, vendo-se na parte alta o emblema "Senta a Pua". Na gravura os terceiros sargentos Carlos Ferreira, Edson Moura, Manoel Goulart, Sebastião Ferreira, Atilio Nunes, Sebastião Amorim e Sebastião dos Santos Costa (Foto Horacio Coelho).



endiamos que o negócio era de "votar rachal".

O ronco dum avião que passa muito baixo interrompe por alguns segundos a nossa palestra, que realçamos logo:

— Quando foi que decidiram tomar a legenda "Senta a Pua" para o Grupo de Caça?

FOI NOS ESTADOS UNIDOS

— Foi nos Estados Unidos, respondem os major Pamplona. Estávamos um pouco oporosos quando o oporoso veio, antes de partir para o "front", por unanimidade, tomar a expressão "Senta a Pua" para a legenda, ou melhor, para o grito de guerra do nosso Grupo. O capitão Fortunato, desenhista amador de primeira água, tomou a si o encargo de desenhar o emblema que trazemos todos no blusão no peito, à esquerda.

O EMBLEMA DO GRUPO

O emblema do Grupo de Caça é de várias interessantes. Compõem-se dum círculo de fundo vermelho cercado por uma borda verde-amarela. O motivo central é de um avestruz espalhafatoso, tendo na cabeça um boné de oficial, trazendo na asa (como se fôra mão) um escudo com o Cruzeiro do Sul e na outra mão uma pistola com o cano fumegante. O avestruz está sobre uma nuvem branca na qual vê a inscrição "Senta a Pua".

COMO NASCEU O EMBLEMA COM O AVESTRUZ

Ninguém melhor do que o capitão Fortunato (Fortunato Camara de Oliveira, todo o seu nome) idealizador do emblema do 1.º Grupo de Caça para contar-nos do motivo que levou a "turma" da F. A. B. a escolher um avestruz para simbolizar os aviadores do Brasil.

Tem a palavra o capitão Fortunato:

"O cognome "Avestruz" para os brasileiros é um fato cuja origem não é fácil identificar com precisão (estamos tentando crevendo as palavras do capitão Fortunato). Surgiu e cresceu entre os oficiais das praças do 1.º Grupo de Caça sem que sentíssemos a força humorística que ganhava. O fato é que nos tornamos, entre nós mesmos e especificamente nós do 1.º Grupo, um "bando de avestruzes", analogia, por certo, provém da estranheza de hábitos que possui tal ave e o qual ela destoa de qualquer fundo a que se sobreponha. Talvez assim nos sentíssemos a princípio. Comíamos coisas estranhas e tais que só admitiríamos para um "es-

magão de avestruz". Mas o avestruz é um animal forte e vence o ambiente por onde que seja. Assim nos tornamos "avestruzes" para todos os efeitos.

Quando surgiu o ensejo de ter-se um símbolo para o 1.º Grupo de Caça, unânime que o "Avestruz", isto é nós mesmos, devia nele figurar de qualquer maneira.

Armou-se o "Avestruz" com o mais simpático dos escudos do Brasil, no sentido dos aviadores: o "Cruzeiro do Sul"; demonstrando uma arma escandalosa, síntese humorística das oito metralhadoras do "Thunderbolt" e colocámo-lo "full of fight" (pronto para o combate), trepado numa nuvem branca engastada no céu vermelho da guerra. Sobre a nuvem branca "Senta a Pua" o nosso grito de guerra, como disse o major Pamplona. Essa é a explicação que posso dar-lhe do nosso emblema, conclui o capitão Fortunato. Fica, pois, dessa maneira, contada a história do "Senta a Pua" e do "Avestruz", legenda e símbolo dos nossos aviadores. A legenda se casa bem com o espírito que vive no Grupo. Te mundo aqui "senta a pua". Desde o piloto até o soldado que empurra o avião na pista. Desde o comandante ao mais insignificante pracinha. Há no Grupo de Caça um grande círculo de cooperação e entendimento, do qual dependem o êxito e a vitória dos nossos bravos aviadores.

PARA TERMINAR

Para terminar, um pedido nosso para que vocês todos, aí no Brasil, "sentem a pua", tudo fazendo para a segurança e frente interna, e não poupando esforços para que nada falte aos nossos bravos rapazes que aqui estão lutando pela honra e desagravo da nossa querida Pátria.

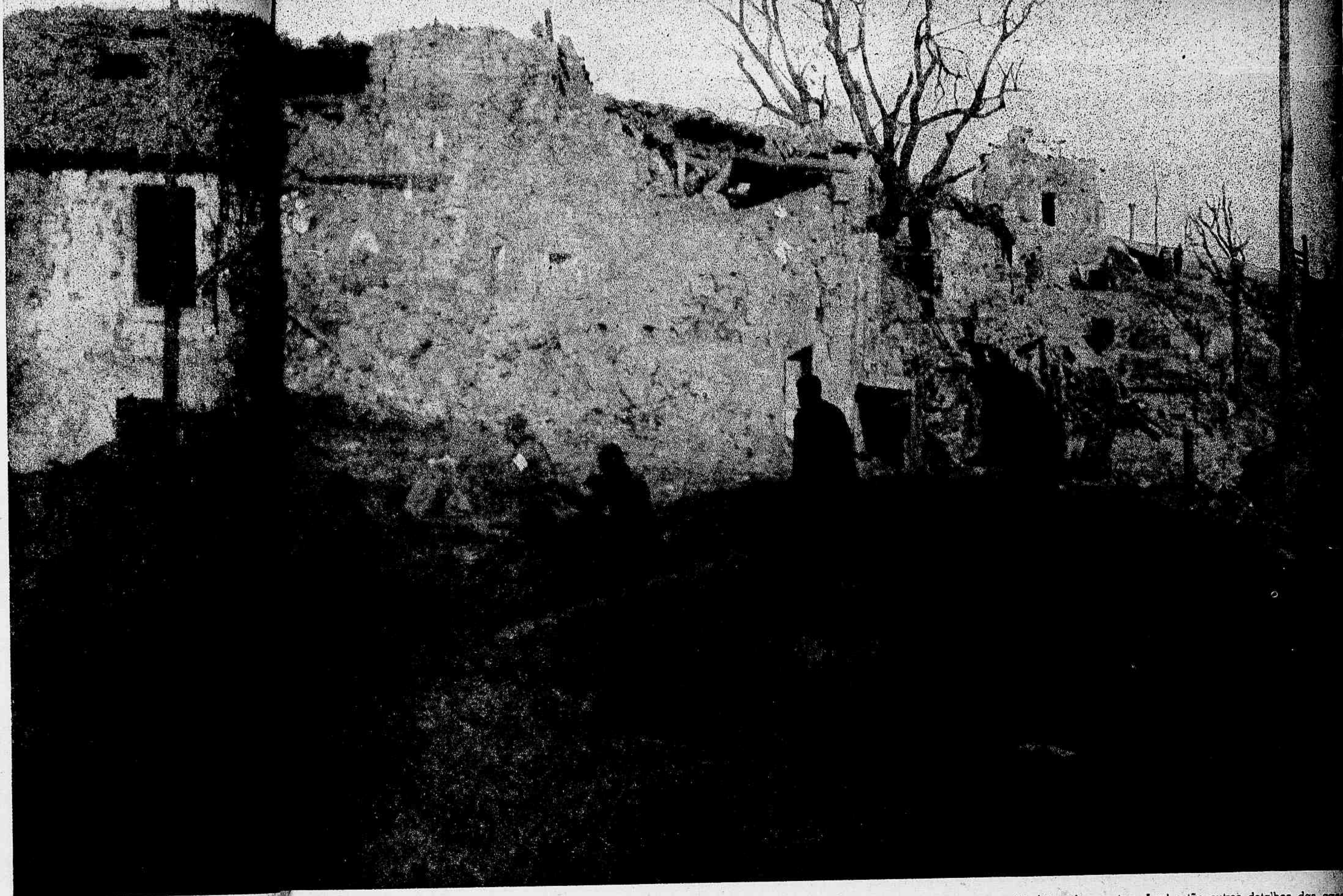
A BATALHA DE CASTELNUOVO

H. G.
 F. F.
 943



Aqui está uma casa que ficou pela metade. O restante foi destruído pela artilharia brasileira, na sua arrancada decisiva para a conquista do morro. Inutilmente os alemães, do alto, tentavam impedir a subida dos nossos, despejando morteiros que, via de regra, erravam o alvo. Claro que tivemos perdas, e muitos patriotas deram o tributo da própria vida para os demais registrarem essa bonita página de coragem e denodo. Nessas casas, montanha acima, escondiam-se os soldados inimigos, que os rapazes da F. E. B. expulsavam sem piedade.

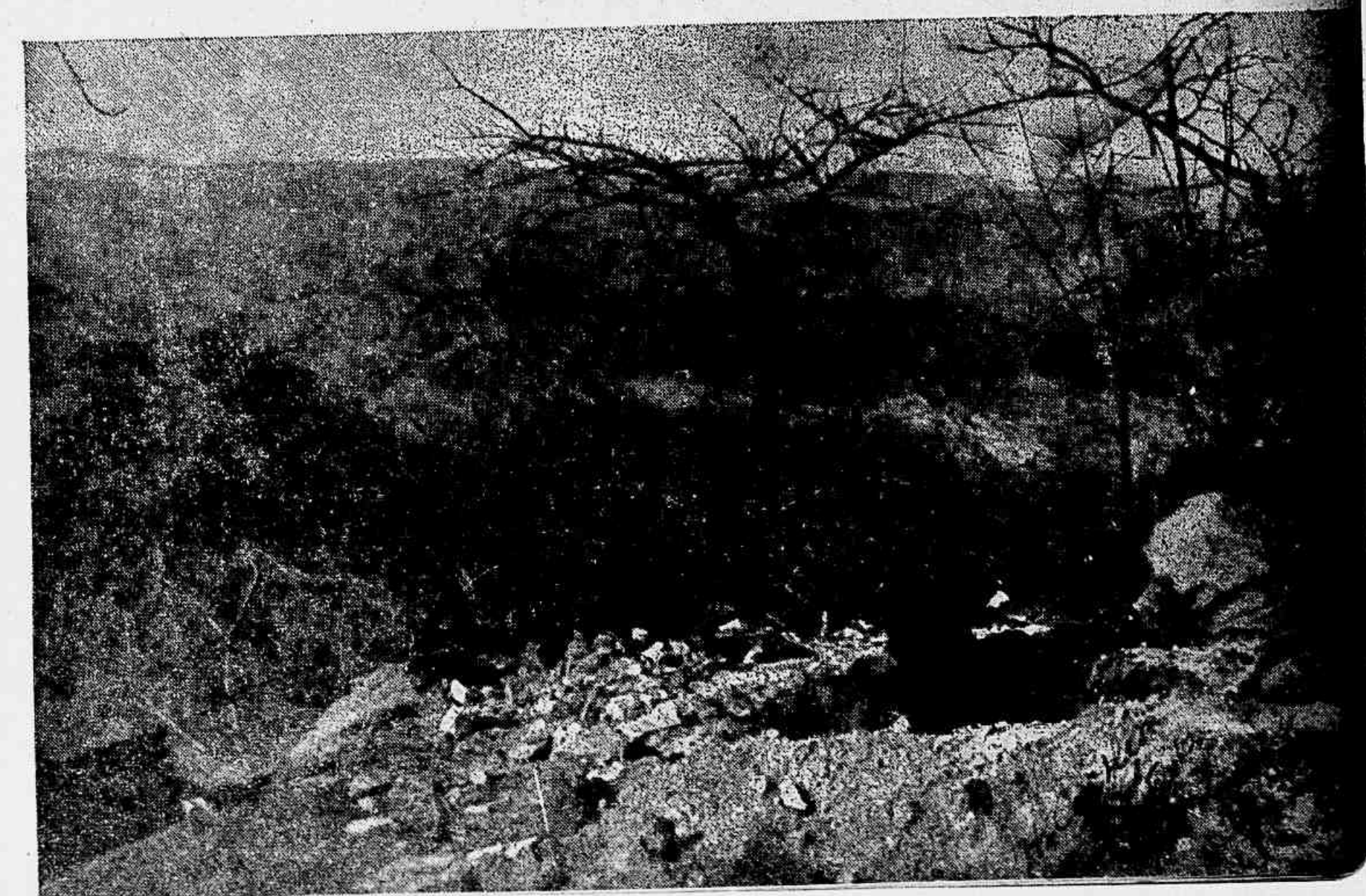
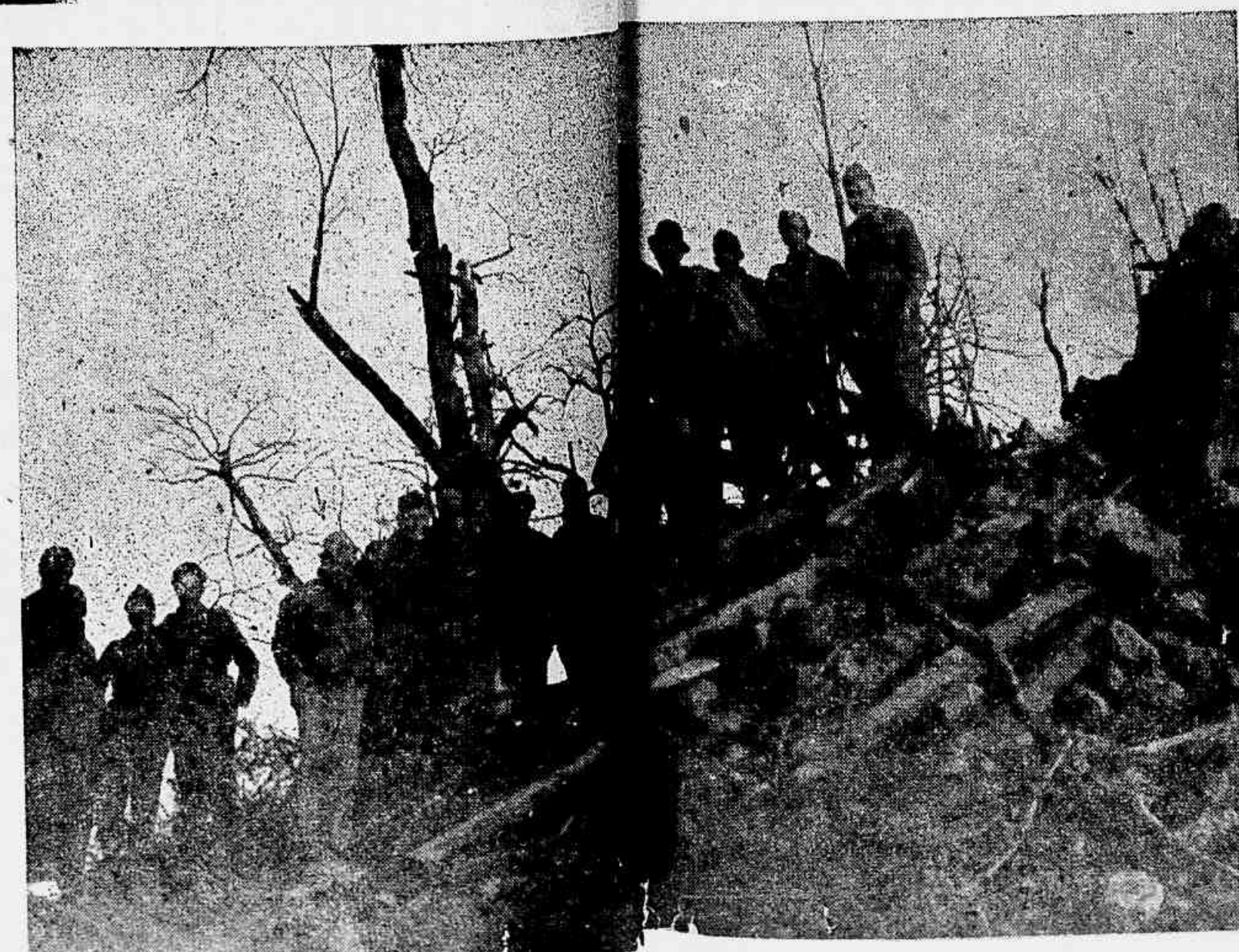
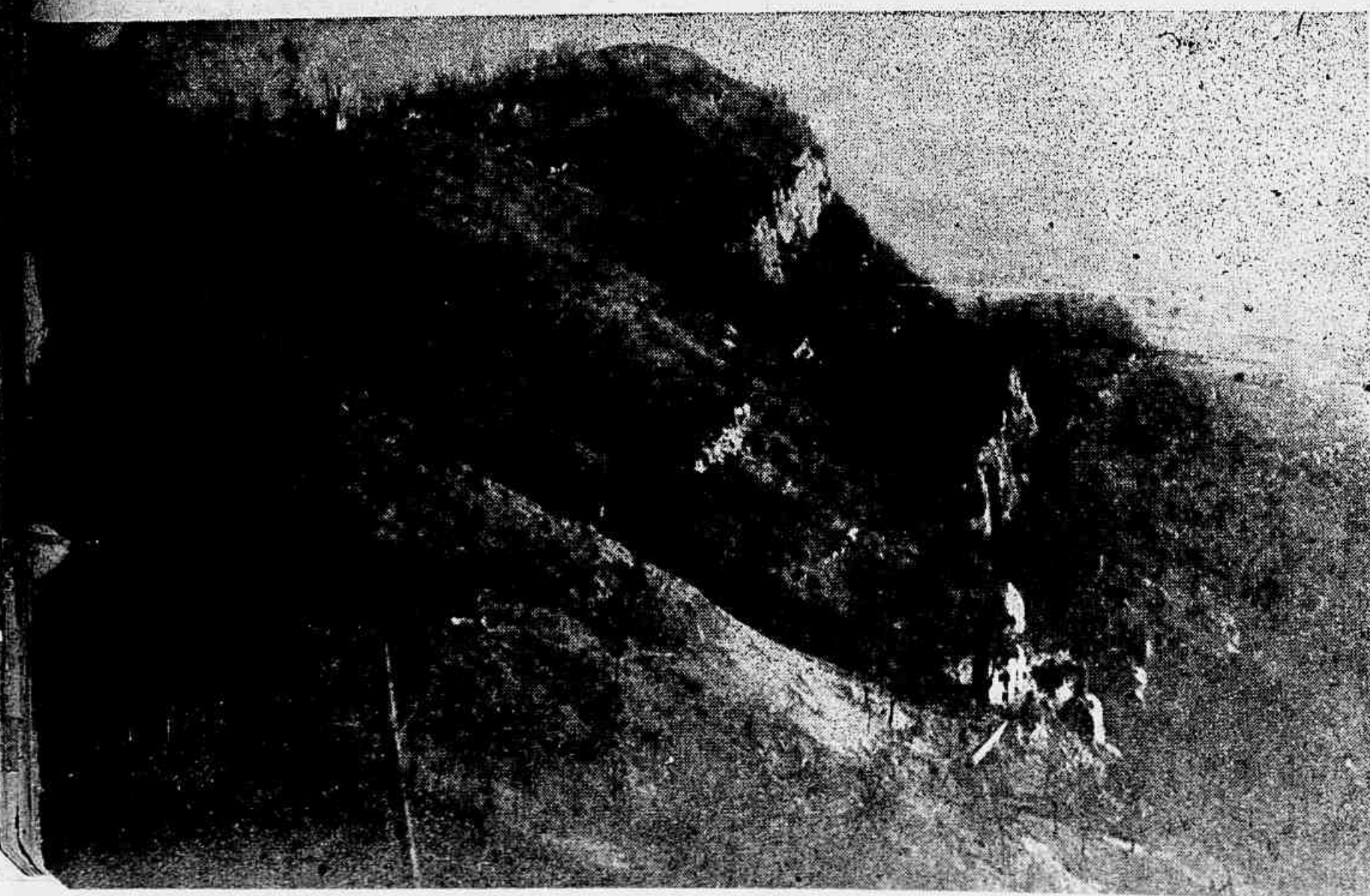
"Oparrassasso", o "nariz" que os alemães metiam nas nossas linhas, maciço situado em frente de Riola, entre Palazzo e Castelnuovo. Foi conquistado na tarde de 5 de março pelo 1.º Batalhão do 76.º Regimento de Infantaria, conforme o telégrafo imediatamente transmitiu até nós. Observe-se o terreno ingrato e duro onde nossos homens lutaram — e continuam empenhando-se a fundo pela vitória da civilização, que já vem perto.



Estas fotografias foram batidas nos dias do mês de março. Têm, portanto, menos de mês e meio de atraso quando as publicamos, servindo assim de preciosos e históricos documentos. Aqui estão outros detalhes das casas destruídas pela nossa artilharia no caminho de Castelnuovo. Demolições que se fizeram de um minuto para outro, árvores ressecadas pelo fragor da metralha, que erguem para o céu os braços despídos pelo inverno, e "pracinhas" que, sentados em plena rua, pois da gloriosa jornada. Um dia surgirá o historiador desses capítulos gloriosos que os brasileiros estão agora escrevendo em terras da Itália. E, nesse dia, as ilustrações inseridas nestas páginas terão um valor documentário formidável.

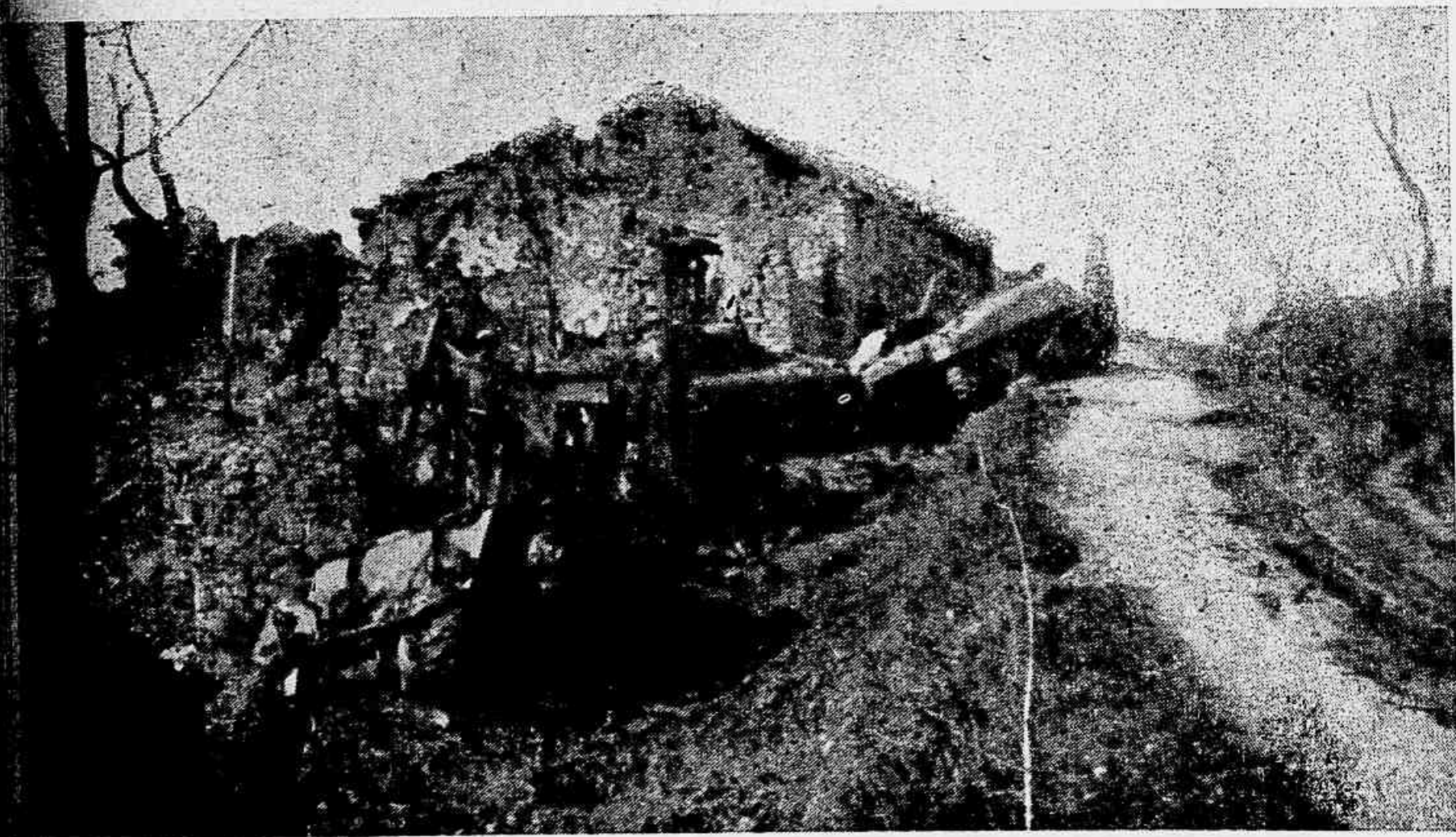
É o telhado da nossa artilharia, que arrasou totalmente os casais. Proprietários dos mesmos tentam arrecadar suas roupas e os objetos porventura salvos, vagando "andando via". Está presente no grupo o dr. Luterio Vargas, à esquerda, marcado a gravura também o major Costa, comandante do destacamento, e o coronel Mory, à direita. A gente italiana sente-se feliz ao ver os seus.

Esta chapa foi batida no rigor da luta, quando, na crista ao fundo, ainda o inimigo ocupava uma grande região dos montes Belvedere 2.º. O fotógrafo Horacio Coelho acompanha bem de perto o desenrolar das batalhas. Munido de sua objetiva procura fixar os momentos mais emocionantes, trabalhando para a posteridade com uma displicência admirável. Graças ao seu magnífico controle de nervos podemos divulgar este notável serviço documentário.



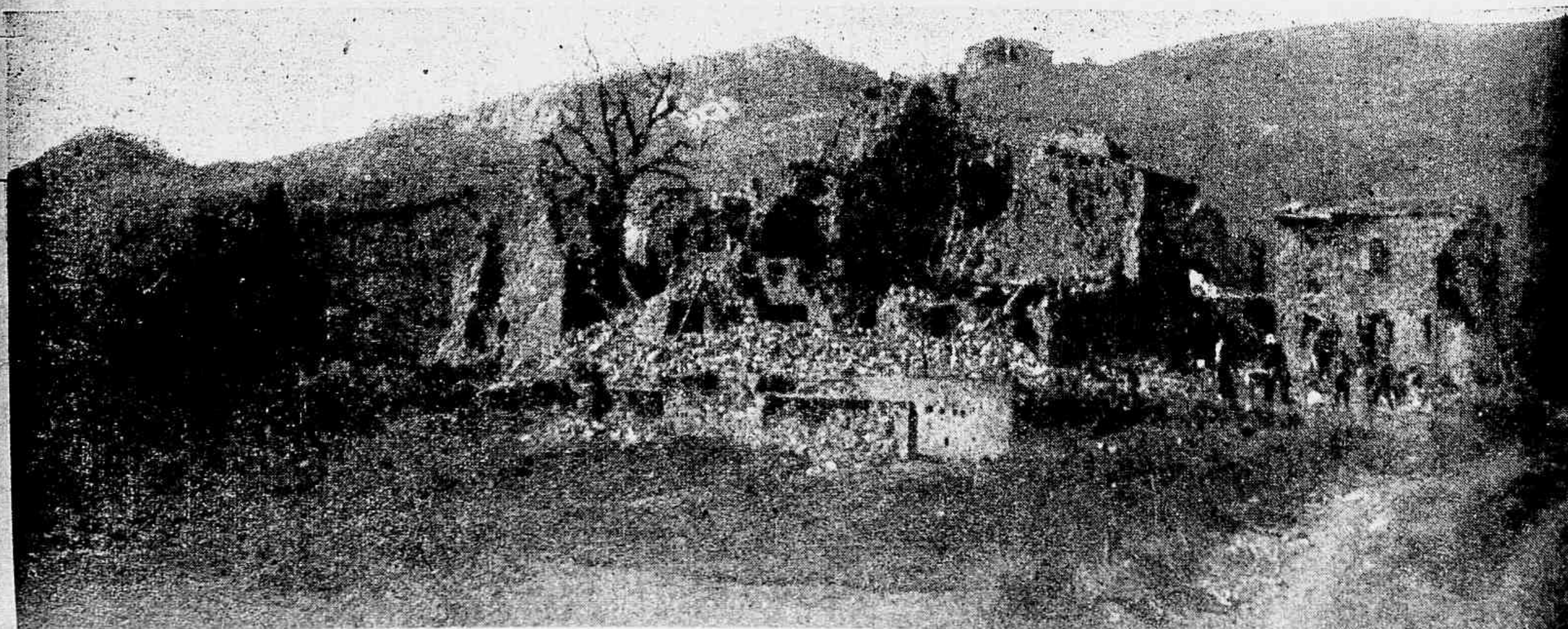


Grupo posado no morro de Belvedere, vendo-se Manoel Godoy Uzeda com seus oficiais e os dois correspondentes brasileiros, Horacio Coelho e Joel da Silveira. O material que aparece foi capturado aos alemães; compõe-se de "lurdinha", metralhadora e bazuca. Na hora da fuga não lhes sobrou tempo para transportar esse material, abandonado em pleno campo, no declive das montanhas.



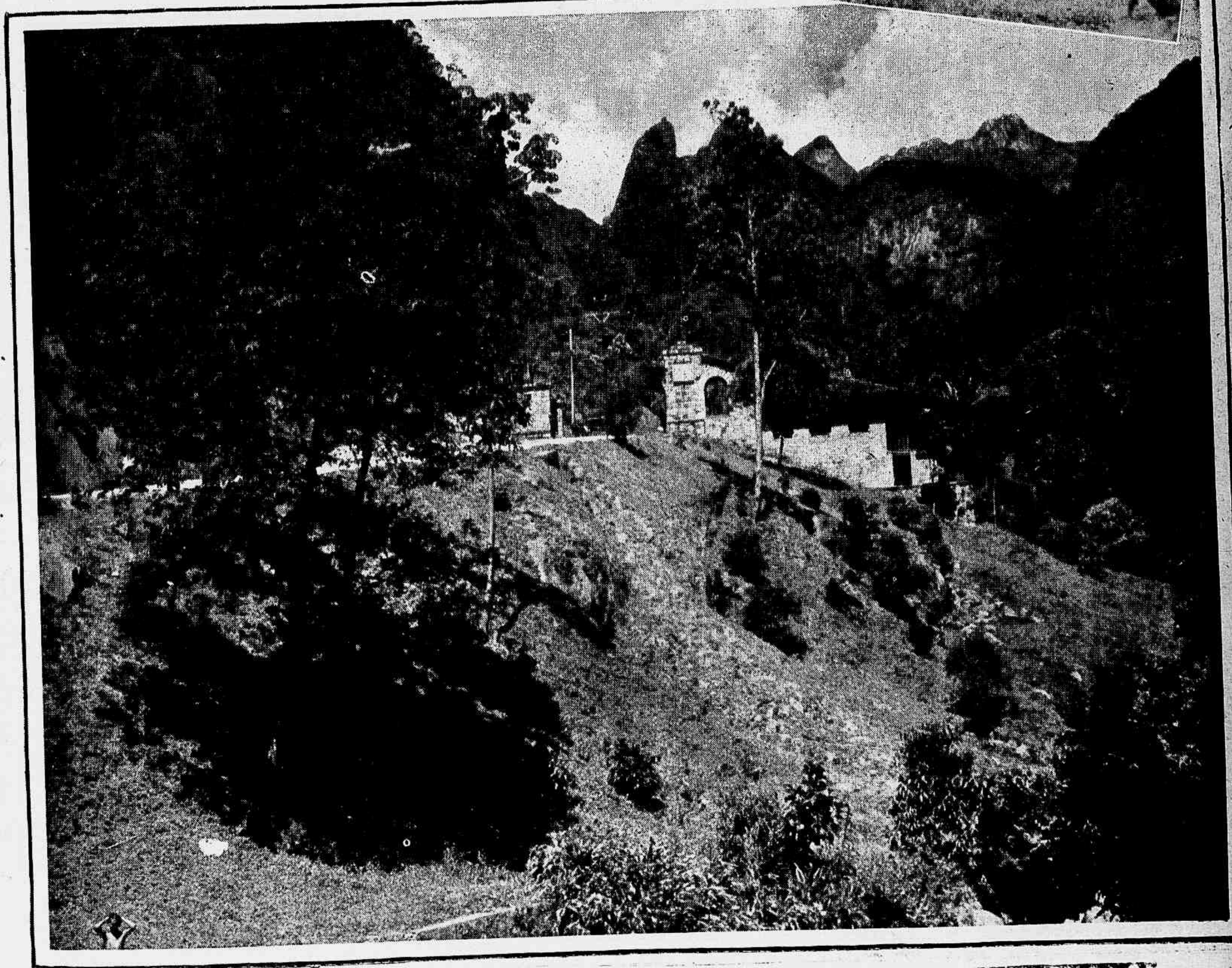
Avanço e tomada dos brasileiros do morro Belvedere, mostrando a gravura alguns tanques americanos que tomaram parte no ataque. Dias e noites seguidas consumiram-se na preparação dessa investida que demandou sérios preparativos por parte da alta oficialidade. Mas os resultados não se fizeram tardar, e a conquista do morro fez-se mais rapidamente do que o previam as melhores expectativas.

Ruínas, destroços do que foi em outro tempo residência da gente nativa, eis ao que ficou reduzido o caminho de Castelnuovo. Aqui está outra casa destruída, repetindo-se o espetáculo a cada passo. Muitos dos nossos ali se sacrificaram, morrendo pela conquista do terreno onde o inimigo nazista se havia empoleirado, e de onde foi expulso com denodo e valentia.



Loias DO Brasil

DOIS mil metros acima do nível do mar, dois quilômetros acima das areias de Copacabana, o turista se perde na contemplação da natureza flórea, que se estende a seus pés numa sucessão magnífica de cores e de formas. Ao fundo, correndo longitudinalmente por toda a linha do horizonte extenso, o rendado da Serra dos Órgãos, que aponta para o infinito os seus picos agudos. E a vista magnífica que se descortina do Parque Nacional de Teresópolis, em qualquer sentido, apresenta aos nossos olhos uma paisagem de sonho. O fundo azul do céu é uma moldura delicada e bela para o painel vivo do panorama. E o horizonte apresenta sempre o rendilhado das serras, que o sol doira de manhã à tarde pondo tonalidades róseas sobre o anil dominante. Dentro mesmo do Parque as árvores, apinhadas em torno às construções rústicas atraem a vista e convidam ao descanso. E o espírito se perde embevecidamente na contemplação do magnífico espetáculo.





DE BOM HUMOR





ADELE JERGENS (Columbia).

A mulher de 1945... A mulher de 1945 deixou de ser aquela bonequinha enfeitada que fazia as delícias dos salões, com o seu ar de candura e a sua máscara (muito bem maquillada) de ingenuidade. A política era um assunto antipático. Discutir política? que horror! Hoje a mulher está integrada no momento em que vive; também ela palpita com as notícias dos mais recentes acontecimentos; também ela vibra com a "democratização" do Brasil e com o reatamento das relações diplomáticas com a Rússia. A mulher de hoje já não encara a Rússia e o seu regime como um monstro que iria invadir o seu lar, roubar-lhe os filhos e o marido, obrigá-la a trabalhar até cair de cansaço. Hoje também ela com-

preende o quanto foi falsa e exagerada a propaganda feita sobre a grande allada, e também ela sente nascer dentro de si uma grande simpatia pelas mulheres russas, essas mulheres admiráveis que lutam ao lado dos seus filhos, irmãos e esposos, afim de retribuir aos nazistas tôdas as "gentilezas" que dêles receberam. Pelo menos êsse benefício nos trouxe a guerra: "amadurecer" o espírito das nossas mulheres.

Kitty.

NOS BASTIDORES FEMININOS

MAXIMO GORKI

OS DONOS DA VIDA

Ilustração de JOSE' ANTONIO

— Vem comigo à fonte da verdade! — disse o diabo rindo, e me conduziu ao cemitério.

E enquanto vagava pelas estreitas veredas cheias de velhas lápides e cruzes de ferro, falava em tom grave, como o velho professor cansado de ensinar a própria sabedoria.

— Aos teus pés — me dizia inflamado — tens os forjadores das leis que te governam; tu pisas as cinzas dos que construíram a reforçada jaula para o animal que vive em ti.

Meu satânico guia ria-se com desprezo dos homens, refletindo na erva dos túmulos e nos adornos dos sarcófagos a luz maléfica de seu frio olhar. A terra lamacenta, adubada por tantos cadáveres, pegava-se-me aos pés, tornando difícil caminhar pelas sendas entre os mausoléus e os túmulos, que são ainda moeda de curso forçado entre a validade mundana.

— Homem! Por que não te prostras reverentemente ante os despojos daqueles que formaram teu ser? — exclamou o diabo com voz semelhante ao sopro do vento outonal.

Sua voz fazia-me estremecer, sobressaltado já pela agitação e angústia. As esqueléticas ramagens dos chorões moviam-se lentamente sobre as fossas dos homens, açoitando-me o rosto com uma impressão de frio e umidade.

— Vê o que espera os moedelos falsos! Eles fabricaram miríades de pensamentos néscios, pretensiosos, e é a sua póstuma satisfação que eles se refilam no teu cérebro: eles criaram teus costumes, tuas superstições e quanto constitui tua existência. Agradece-lhes este grande legado!

As geladas fôlhas caíam lentamente sobre minha cabeça, cobrindo o chão.

— Queres ver o que faz um alfaiate que vestia os espíritos dos homens com os insanos e negros trajes dos preconceitos?

Assenti silenciosamente com a cabeça. O diabo bateu com o pé na mofada lápide, dizendo:

— Ehl! rato de biblioteca, sai!

Levantou-se a funerária tampa, rangendo seus gonzos de cobre bolorento. Do tenebroso seio do panteão elevou-se uma voz furiosa:

— Quem se atreve a despertar um defunto?

— Vês? — disse o diabo sorrindo — os criadores das leis terrenas aspiram a ser respeitados mesmo depois de putrefatos.

— Ah, sois vós, meu amo — exclamou o esqueleto sentando-se na borda do sepulcro e exibindo o vazio crânio ante o diabo.

— Sim, sou eu — replicou o diabo. — Apresento-te um dos meus amigos... Este, convivendo com os homens a quem ensinaste tua ciência, tornou-se estúpido, e agora vem inquirir em que fonte há de beber para se desintoxicar...

Eu contemplava o sábio com natural respeito: o crânio estava limpo de carne, mas de seu rosto ainda tinha apagado ainda a expressão que o caracterizava na vida. Em cada osso resplandecia, embora debilmente, consciência de pertencer a um sistema ósseo perfeito, ao seu gênero.

— Conta-lhe tua vida no mundo! — ordenou o diabo.

O morto ajoelhou bruscamente com suas mãos ao do sudário; depois oprimiu fortemente a nuca com as da mão direita. E apontando com o dedo as trevas do cemitério, começou, fria e lentamente:

— Escrevi dez volumosos livros que ensinarão aos meus a grande idéia da superioridade da raça branca à raça amarela...

— O que, traduzido à linguagem da verdade — o diabo — significa: "Eu, donzela arruinada, infeliz vivi sempre bordando minha vida com a agulha sem pre de meu cérebro, para tecer com o velho estame da mais desacreditada a peruca dos idiotas, aos quais p cupa a cor de sua pele e a conformação de seu crânio.

— Não receais ofendê-lo? — perguntei, em voz ba ao diabo.

— Ora! — retrucou este — bem sabe ele que, vida, os homens dificilmente escutam a verdade!

— Só a raça branca pode criar uma civilização complicada e princípios de moral tão austeros: esta capacidade é devida à cor de sua tez, à composição química seu sangue, segundo demonstrei amplamente...

— Sim; demonstrou-o! — repetiu o diabo, afirmando com a cabeça. — Não há bárbaro mais convicto de direito a ser cruel que o europeu...

— O cristianismo e a humanidade foram criados brancos — continuou o morto.

— E' a raça dos anjos, de quem devia ser todo reino da terra — interrompeu o diabo. — Por isso a tua cor favorita: o vermelho sanguíneo...

— Também criaram uma literatura riquíssima, técnica maravilhosa — dizia o morto movendo os ossos dedos.

— Uma trintena de bons livros, e uma infinidade armas para matar e torturar... — observou o diabo rindo. — Que outra raça pode jactar-se de ter feito do mundo um inferno? Quem, como os brancos, menospreza e degr o homem?

— Talvez nem sempre o diabo tenha razão — perguntei.

— A arte dos europeus é infinitamente sublime — clamou secamente o esqueleto.

— Pode acontecer que o diabo às vezes queira enganar-se — exclamou meu companheiro — e não ter sua razão. Entretanto os homens não cessam de cair nos grosseiros erros para estimular meu desprezo... Semelhantemente sobre a terra a vulgaridade a mentira. Ai tens um semeador desse gênero! Como os outros, incapazes de fazer surgir algo de novo, ocupam-se em fazer ressuscitar velhos preconceitos, mascarando com o distorção da linguagem moderna... Que há de novo no mundo? Existem palácios para uma minoria privilegiada, igrejas e fábricas para a multidão. Nem as igrejas assassinam os espíritos, nem as fábricas os corpos: consolidam e preservam os palácios... Mandam os homens às profundezas da terra para que extraiam o carvão, ouro, e retribuam seu trabalho com um pedaço de pão.

— Sois socialista? — perguntei ao diabo.

— Desejo a harmonia! — retrucou. — Repugna-me ver o homem, criatura essencialmente completa, dividida em fragmentos sem valor e convertida em instrumento da ambição de outro. Não quero que o homem seja escravo... amaldiçoado a escravidão... por isso fui encolado do céu. Enquanto existir a escravidão, prevalecerá a fúria da mentira... Que todos vivam! Que todos vejam a luz do verdadeiro dia! E' preciso que todos os homens se amem duma vez... O amor é o mais belo sonho que pode alegrar a vida...

O esqueleto permanecia apoiado sobre a negra lápide fazendo ranger ao vento seus descarnados ossos.

— Este defunto provavelmente sentirá frio e estará um tanto incômodo — disse ao diabo.

— Agrada-me contemplar um homem, em vida tão complicado, agora tão livre de todo o supérfluo. Seu esqueleto está tão descarnado como as suas idéias... e vejo-o como quando vivia... Junto a este fazem os restos de outro semeador de parecidas verdades! Despertemo-lol Depois de ouvir a todos custará menos implantar novas e radicais normas para a vida; acabemos com o velho ideário, fazendo um cómodo atafude para sepultá-lo... Kompraciko! Levanto-te! Fixa-te neste homem que precisa dum atafude para seu intelecto.

De novo sorriu ante mim, surgindo da sepultura, um crânio vasto e pelado, desdentado, frio, brilhante e cheio de satisfação de si mesmo.

Era evidente que aquele esqueleto de há muito jazia no sepulcro; seus ossos estavam totalmente descarnados. Prendeu-se com firmeza às pedras do túmulo, desenhando-se sobre a negra lápide suas costelas, como os ciprestes na penumbra dum cemitério.

— Onde estão suas idéias? — perguntei.

— Nas ossos, meu amigo, nos ossos! Suas idéias asseme-lham-se ao reumatismo, à gota; penetram até à medula.

— Senhor, continua sendo lido meu pequeno tratado? — perguntou o esqueleto com voz surda.

— Sim; as novas gerações lêem-no como ingênuos, com paixão... Uma estupidez arcaica, qualquer tolice atrai por muito tempo a atenção humana... O professor — ajuntou o diabo voltando-se para mim — mediu nas diversas épocas de sua vida o crânio da mulher, para demonstrar que esta não é um ser racional. Mediu centenas de crânios, numerou-

lhes os dentes, pesou os cérebros mortos; foi o trabalho favorito do mestre: evidenciou todos os seus livros, e especialmente seu famoso tratado. Leste-o?

— Eu entro no templo pelas portas — redargui — e não sei estudar o homem nos livros; os homens devem ser estudados sempre como frações, eu quase desconheço a aritmética. Creio que o homem barbeado não é melhor nem pior que o de barba e bigodes... como o trajado elegantemente não vale mais nem menos que o desnudo.

— Sim — prosseguiu o diabo — a vulgaridade e a estupidez contaminam o cérebro independentemente dos costumes e do número de cabelos que cubram a cabeça. Ao presente figurouse de modo interessante a questão relacionada com a mulher.

O diabo riu, segundo seu costume; ele ri continuamente e o faz com estrépito no cemitério, ainda que, juro-o, ame a vida e os homens.

— Aquêles para quem a mulher é necessária apenas como fêmea e escrava, asseveram que não é um ser racional — continuou. — Os outros, que não querem dispensar-lhe consideração, exploram brutalmente suas energias, afirmando que é capaz de competir, e mesmo de superar, no trabalho, o homem. Não há dúvida! Uns e outros, depois

(CONTINUA NA PÁGINA 48)

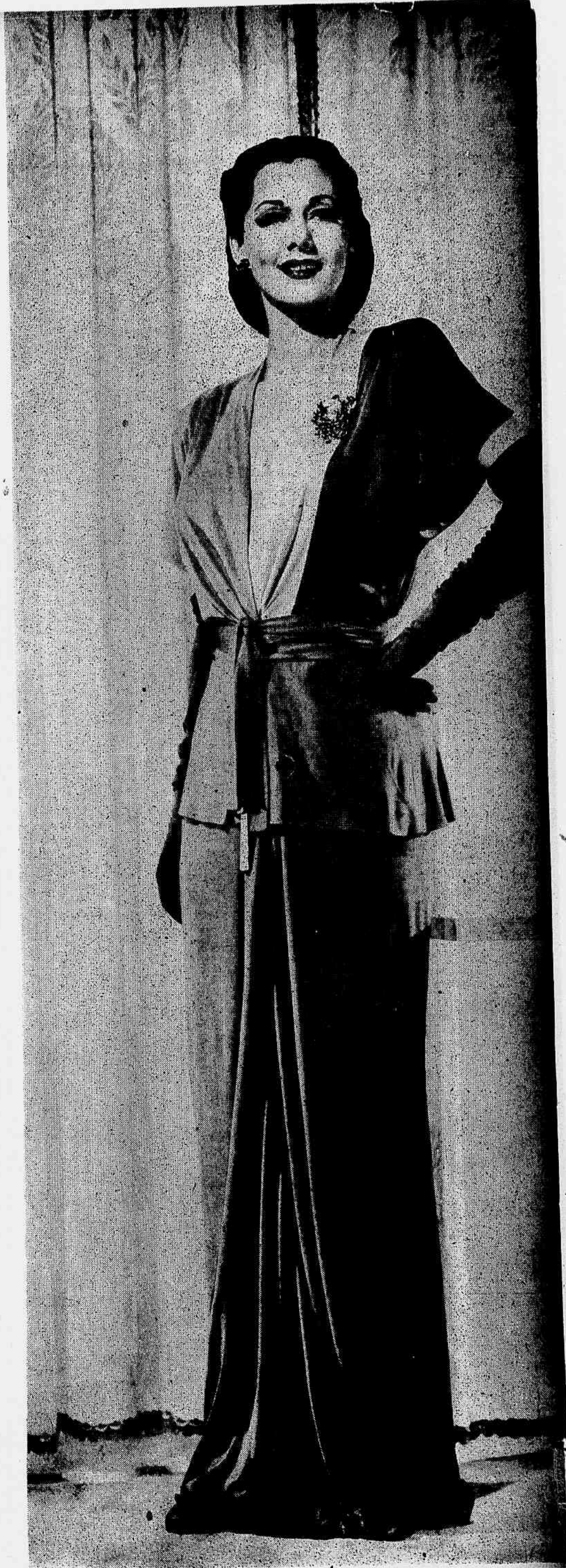


Elegantíssimo pijama, em pesada seda havana com vize amarelo, apresenta Julie Bishop, da Warner. O casaco é longo, indo até os joelhos. Um grosso cordão é amarrado à cintura, dando um laço que termina em longas pontas.





Peggy Ryan, da Universal, oferece aqui às nossas leitoras um elegantíssimo modelo, feito em seda preta. As mangas são japonesas, ajustando do cotovelo para baixo. Na blusa há um recorte aplicado sobre "georgette" também preto. Três laçinhos de setim na blusa e um cinto, também de setim, completam o modelo.



Maria Montez, da Universal, aparece aqui, em toda a sua radiante beleza, ostentando um modelo para a noite, em "jersey" vermelho e branco. O blusão tem mangas japonesas e é franzido na cintura. O cinto dá duas voltas, terminando em nó. A saia, quase reta, tem um apanhado de franzidos na frente.

Coisas não ditas

ESCRAGNOLLE D O R I A

PROÊMIO DE UM LIVRO

QUE há de novo debaixo do sol? Nada. Quem assim responde peremptório? Salomão, rei magnífico em Israel, sentenciado de julgamento ultra famoso, a fio de espada buscando o juiz conhecer mãe verdadeira entre duas mundanas disputando filho recém-nascido, roubado à legítima genitora adormecida no silêncio de alta noite.

Sem discordar do rei-juiz, os esquivos a demasiada repisa de assuntos tentam escapar-lhe quanto possível, evitando bater sempre no batido, soar só no soado.

Que fazer para tanto? Recorrer principalmente a inéditos e a tudo quanto, em arquivos ou não, dorme sono profundo de olvido.

Neste livro, **Cousas Não Ditas** são sobretudo de vista a documentos ou testemunhos fidedignos, existe o singelo e sereno propósito: o de ser veraz dizendo, ainda conforme Salomão, de gente e sucessos que passaram sob o céu segundo a cada um foi prescrito.

SINOS CARIOCAS

Qualquer obra de história pátria narra as invasões francesas do Rio de Janeiro por Duclerc e Duguay Trouin, consequências americanas da guerra européia da Sucessão de Espanha. Pelo segundo daqueles corsários foi a cidade carioca bombardeada, posta em saque, sujeita a resgate para livrar-se do intruso velejante e bélico.

Intercala-se no capítulo da invasão de 1711 a narrativa seguinte.

No êxito da aventura náutico-militar de Duguay Trouin o Rio de Janeiro dominado por um triz ficou sem sinos, sabido quando por ocasião de guerra os sinos são objetos de imediata cobiça, mormente quando artilharia se desfalca.

A notícia de ser ficado o Rio de Janeiro de 1711 baldo de sinos e de campanários vãos não vá sem fundamento documental de arquivo europeu.

Um ofício do sr. Robert, intendente da

Marinha Real na Bretanha, trata do assunto, a 14 de Março de 1712. Segundo o ofício um tal Helyot, em carta, acusava Duguay Trouin por não haver retirado todos os sinos do Rio de Janeiro para dá-los aos oficiais de artilharia — Helyot dizendo-se um deles — embarcados na armada de conquista. Conforme Helyot, os ditos sinos deviam caber aos oficiais de artilharia, segundo usos de guerra.

Usos singulares, mas adiante. Para decidir Robert era de parecer que em matéria de sinos, quem ouve um sino só ouve um único. Ao sino do lado de Helyot devia suceder, pois, o sino do lado de Duguay Trouin.

Tinha este um irmão, o sr. La Barbinay. Em defesa fraterna acudiu La Barbinay, afirmando que Helyot fôra a bordo da esquadra de 1711 com **enseigne de vaisseau**, pôsto este com soldo diverso do de oficial de artilharia, como alegava o petiçãoário ao pedir proventos.

Quanto aos sinos, Robert, o intendente da marinha, dizia saber que Duguay Trouin deles se esquecera ao assinar a capitulação com o governador do Rio de Janeiro. Depois de assinada alguns oficiais lembravam os sinos a Duguay Trouin. Mas observava Robert, o intendente da marinha, "isso devia ter sido feito em tempo oportuno". Duguay Trouin, à vista do lembrete de seus oficiais, dirigira-se ao governador para que lhe entregasse os sinos ou os resgatasse. Negou-se a isto Castro Morais. Duguay, refere o intendente da marinha, ungido pela presa de partir não insistiu. Aliás todos os oficiais regressados do Rio de Janeiro atestavam a presença na cidade de sinos pequenos e de pouco valor, quando na expedição de Cartagena os sinos desta cidade haviam sido transportados para Brest e aí vendidos por oficiais de artilharia da expedição contra Cartagena.

Não se contentava o reclamante Helyot com os sinos cariocas, queria mais, uma paga por canhões e morteiros postos em bateria. Opunha-se Robert, o intendente da marinha, à nova pretensão. "Tal prática não tinha razão de ser nas expedi-

ções particulares que se serviam de naus reais e tal prática não fôra seguida em Cartagena.

O teor da reclamação de Helyot prova a sinofilia do reclamante. Não estava por ela o intendente da marinha real. Pôr pedra em cima da pretensão, sobrepondo-lhe argumento decisivo, **tranabanti** diria o francês.

Helyot apresentara lista de oficiais e guardas-marinhas participantes da chamada expedição do Rio de Janeiro, todos estes em serviço de artilharia. Entretanto nenhum dos artilheiros acompanhava Helyot na sua reclamação única.

Os sinos cariocas não tinham sido incluídos como de entrega na capitulação da cidade, haviam ficado nos campanários da mesma, sem possibilidade de corujas e morcegos se assenhorearem de torres vazias.

Valeu também à preservação dos sinos de 1711 a sua pequena quantidade e tamanho, quanto maior o sino tanto maior o desejo de vendê-lo para qualquer fim.

Não termine a história dos sinos cariocas sem uma atenuante a favor de Francisco de Castro Morais, incriminado e punido governador do Rio de Janeiro no momento da invasão Trouin; acusado por não ter resistido.

O processo histórico Castro Morais, instaurado em 1712 e em aberto até hoje, carece de revisão. Procedida esta, cumpre não deixar à margem o fato de quanto a sinos, embora vencido, Castro Morais ter dito **não** a Duguay Trouin vencedor. A negativa conservou ao Rio de Janeiro os seus sinos enchendo de ecos a cidade, em dobres ou repiques, às vezes, da tristeza ou da alegria.

LIÇÃO TUMULAR

"Aqui Jaz
Sebastião José de Carvalho e Mello
Marquez De Pombal
Ministro e Secretario d'Estqdo
De D. José I
Rei de Portugal
O Qual Reedificou Lisboa

Animou A Agricultura
Estabeleceu As Fabricas
Restaurou As Sciencias
Estabeleceu As Leis
Reprimio O Vicio
Recompensou A Virtude
Desmascarou A Hypocrisia
Desterrou O Fanatismo
Regulou O Thesouro Real
Fez Respeitada A Soberana Autoridade
Cheio de Gloria
Corcado De Louvores
Oprimido Pela Calumnia
Louvado Pelas Nações Extranjeiras
Como Richelieu
Sublime Em Projectos
Iqual a Sully Na Vida E na Morte
Grande Na Prosperidade
Superior Na Adversidade
Como Filosofo
Como Heroe
Como Christão
Passou Á Eternidade
No Anno de 1782
Aos 83 Da Sua Idade
E No 27 Da Sua Administração

Lição de História num epitáfio, neste fácil separar a verdade do seu antônimo.

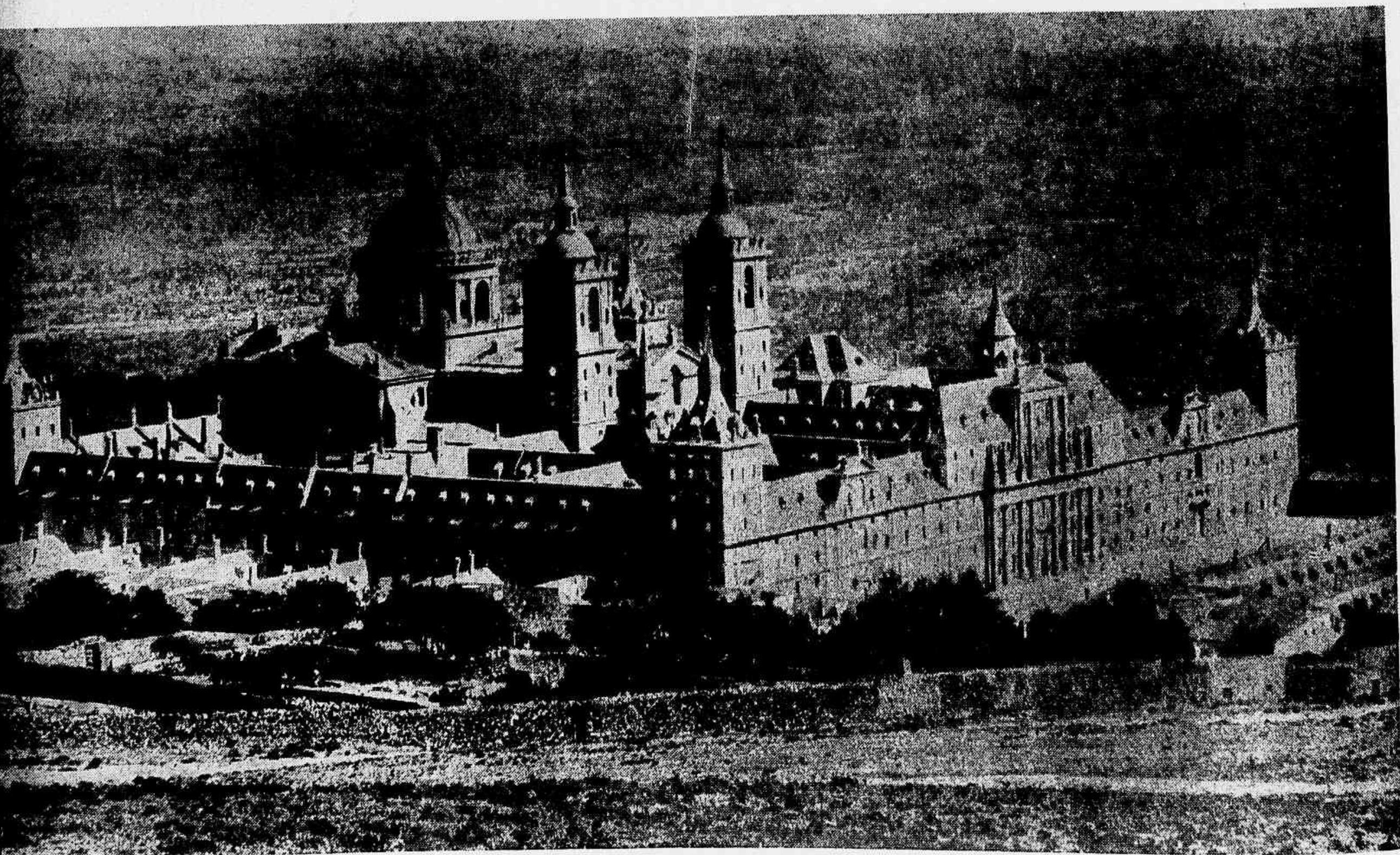
DE VISITA AO MUSEU DO PRADO

Terra de história, terra de monumentos, terra na qual os Árabes deixaram tantos atestados de conquista e permanência, a Espanha teria muita coisa a mostrar ao viajante que não calce as botas de sete léguas do conto de fadas. Tal o viajante que deixa pátria não para correr, sim para ver bem e muito na pátria alheia.

Vale a pena ir a Madrid para lhe conhecer com vagar o **Museo Nacional de Pinturas y Escultura**, denominação oficial apagada pela de **Museo del Prado** ou mais seduzidamente **O Prado**. É o primaz dos museus espanhóis pela cópia e valor de preciosidades encerradas entre muros de um templo de Arte.

(Continua na pág. 44)

O Escorial. Vista geral do mosteiro onde jaz D. Maria Isabel, rainha de Espanha, filha de D. João VI de Portugal.



Que ligação teriam os dois incidentes, aparentemente independentes?

SURTAMENTE as vozes se elevaram, mais fortes e bem distintas na noite. A vizinhança já acordara, havia muito tempo, com a balbúrdia, mas só agora se percebia as palavras, ou melhor, os improperbrios.

— Seu cachorro! Você quer é me limpar de uma vez!

— Eu não tenho medo de ninguém, Katie. Nem mesmo de mulher metida a homem.

— Ah, patife! Você me paga por isso! Antes que pudessem acudir, a louça que estava sobre a mesa já se espatifara na cabeça do homem, impelida pela mão musculosa de Katie.

— Que foi?

— Que foi?

Ninguém sabia ao certo. O fato é que foram precisos quatro homens para controlá-la e escoltá-la até a polícia.

O inspetor tirou os óculos, limpou-os cuidadosamente, tornou a colocá-los e perguntou então:

— Seu nome?

— Katie Schlumberger.

— Profissão?

— Dona de casa, não basta?

— Eu fiz uma pergunta e espero uma resposta, não outra pergunta. E virando-se para o assistente: escreva "dona de casa", Barton.

O auxiliar assentiu:

— Sim, senhor.

O interrogatório prosseguiu. Katie explicava o incidente à sua maneira.

— Não quero êle lá. Já disse que quando puder pagar, pago; quando não puder, mando dizer e saio de lá. Eu não quero ninguém dentro de casa exigindo pagamento. Vou ao escritório pagar e não preciso de ninguém para me forçar a ir.

— Pagar o que?

A vítima, que já voltara a si, interveio:

— Essa senhora é minha inquilina. Estava atrasada vários meses no pagamento da casa em que mora, que é de minha propriedade. Tendo enxotado todos os empregados meus que a procuravam, decidi eu mesmo ir exigir o que era meu direito exigir, e ameacei-a com o despejo caso não quisesse pagar o que devia. Essa senhora parece que não tem o suficiente controle para portar-se convenientemente...

— Como é que você quer que eu pague se não tenho dinheiro?

— Como é que a senhora quer que eu viva se não me paga?

A discussão ia recomençar se o inspetor não intervisse logo.

— Vamos, basta de discussões. A senhora não tem parentes, amigos que paguem o que deve?

— Eu...

O ROUBO DO COLAR

Novela de EDGAR WALLACE

Nesse instante entrou um detective na sala. Fez continência para o inspetor e disse, entregando-lhe um envelope:

— Um cavalheiro deixou isso para ser entregue imediatamente ao senhor.

O inspetor abriu o envelope e puxou de dentro mil libras e uma carta:

"Faça o favor de pagar o que essa senhora deve e entregar-lhe o saldo. Muito obrigado."

Mais nada. Nem assinatura, nem data. O mais curioso era que êle soubesse que Katie estava com o inspetor àquela hora. De outra forma não teria escrito.

O inspetor mostrou a carta à mulher:

— Sabe de quem é isso?

Ela leu, devagar, depois riu:

— Sei. Agora estou livre, não é verdade?

— Sim. Um momento que eu vou tirar daqui a importância do aluguel mais os danos que a senhora deve a êsse senhor pela violência a que o submeteu.

Um riso sarcástico mexeu com os lábios da velha. Alta, angulosa, forte, de cabe-

los completamente brancos e ar rude, ela esperou que terminassem as formalidades. Afinal, tomou o dinheiro que restava e saiu sem dizer mais uma palavra.

Esse foi um dos pequenos mistérios que ficam todos os dias sem esclarecimento para a polícia. Foi, entretanto, um mistério sem importância. Não assumiu as proporções do caso que, dias mais tarde, pôs Londres em polvorosa.

Roubo de colares dão-se com frequência, mas um colar de diamantes, e além disso pertencente à tia do ministro do Exterior, raramente são roubados; quando o são, o caso transcende a competência de um simples inspetor. Entretanto foi ao mesmo inspetor que conhecemos a quem o ministro mandou chamar, quando a polícia confessou a impossibilidade de descobrir o ladrão ou as pedras.

Entre e sente-se, inspetor Rater — disse o ministro quando Rater se apresentou.

Rater agradeceu e instalou-se numa confortável poltrona.

— Em que posso servi-lo?

— A tarefa de que pretendo incumbi-lo — começou o ministro — é puramente particular. Nem eu poderia pedir-lhe oficialmente que fizesse uma coisa que, na verdade, está fora da lei. Entretanto, para nossa futura tranquilidade, vejo-me forçado a fazê-lo. O senhor com certeza já sabe que minha tia é um temperamento muito... muito vivo e que não descansará enquanto não descobrir as suas pedras, às quais, além do valor intrínseco, atribua um valor estimativo extraordinário, porque são o único presente do seu falecido marido que lhe resta. Portanto estou disposto a gastar até quatro mil libras para reavê-las, seja por que meio for. Compreende?

— Na verdade...

— Meu caro inspetor. Não estou falando de um ministro para um inspetor. Estou falando como um homem a outro homem. Sei que o senhor conhece como ninguém o "bas-fond" de Londres.

— É verdade.

— Portanto aqui estão quatro mil libras. Obtenha-me o colar nem que tenha que comprá-lo de um desses negociantes de joias roubadas.

— O senhor compreende que, às vezes, êles cortam a pedra para torná-la irreconhecível.

— Sim, compreendo perfeitamente, e foi por isso mesmo que eu o mandei chamar logo. Para que se mostre disposto a comprar as pedras intactas, antes que os ladrões pensem em cortá-las.

— O senhor compreende, sem dúvida, que, isso é mais do que uma irregularidade.

— Sim, inspetor, mas foi por isso mesmo que eu lhe pedi que não ouvisse o que tinha a dizer-lhe como um inspetor de polícia, mas como um particular que conhece os criminosos londrinos.

— Bem, farei o possível.

— E eu ficar-lhe-ei muito grato.

Era um homem alto e magro o informante. Rater conhecia-o perfeitamente, sabia que êle poderia ser prêso a qualquer hora, quando houvesse provas suficientes da sua culpa num caso que estavam investigando; porém, como era sua intenção extrair do homem, em caráter extra-oficial, tudo o que pudesse, nada disse a respeito do outro caso. O homem mostrou

(Continua na pág. 53)

PRECISO COMPRAR
JÁ UM TUBO
DE
MENTHOLATUM



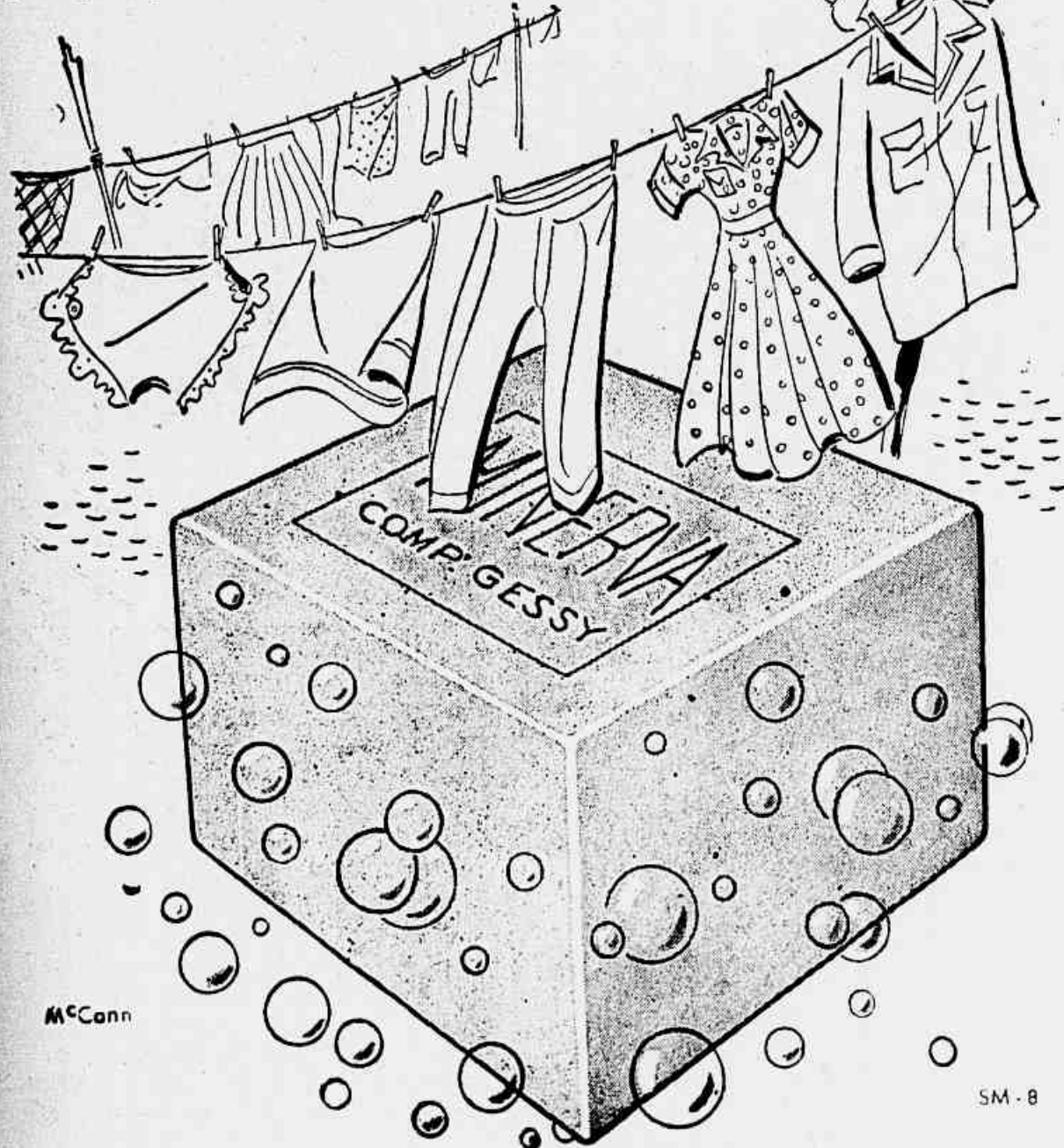
MENTHOLATUM
É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA
RESFRIADOS

UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULÁVEL



**LAVA M-A-I-S
POR MENOS
DINHEIRO!**

A economia não é apenas uma questão de preço. O *Sabão MINERVA*, por exemplo, além de custar pouco, é econômico porque permite a lavagem de maior número de peças de roupa. E é também econômico porque não ataca os tecidos que lava. O *Sabão MINERVA*, sai barato — porque protege o que lhe é caro.



McCann

SM-8

Sabão **MINERVA**

PRODUTO DA COMPANHIA GESSY INDUSTRIAL

O ARQUITETO

De PETER MATHEWS
Copyright do B. N. S., especial
para a REVISTA DA SEMANA

Londres, abril. — Para um promissor político inglês, nos primeiros anos do século atual, era sem dúvida uma vantagem ser neto de um duque de Marlborough e filho de um dos políticos mais destacados de seu tempo. Mas o acidente de sua origem não explica suficientemente por que em outubro de 1911, aos 37 anos de idade, Winston Churchill era já primeiro lord do Almirantado, em uma época em que os mais autorizados observadores começavam a se preocupar com as possibilidades de uma guerra com a Alemanha do kaiser. Churchill havia deixado o Partido Conservador — o partido de seu pai e no qual era de esperar que o filho de um duque se sentisse muito à vontade — ao mudarem os "tories" de opinião na questão do Livre câmbio contra o Protecionismo. Além disso, Churchill tivera parte predominante numa batalha com a Câmara dos Lords, como resultado da qual a Câmara Alta perdeu seu poder de estorvar o cumprimento da vontade dos Comuns.

Na atualidade pensamos em Churchill principalmente como o



O sr. e a sra. Churchill, numa de suas frequentes visitas à Casa da Guarda, em Londres, enfrentando a objetiva com o seu habitual sorriso de quem não está muito preocupado com os negócios...

líder da guerra, e na verdade ele sempre foi um lutador. Em 1911, porém, ele era conhecido principalmente como o presidente da Junta de Comércio que apresentara ao Parlamento com Lloyd George o primeiro sistema de seguros contra a greve, pensão para a velhice aos 65 anos e pensões para as viúvas e órfãos. Já então sua carreira política havia sofrido sérios contratemplos, como a derrota na eleição de Oldham e posteriormente na do nordeste de Manchester, e ainda havia de experimentar outros da mesma índole.

Quando contava ainda 37 anos de idade, Churchill havia feito já uma carreira política e desempenhara com êxito os postos de subsecretário das Colônias, presidente da Junta de Comércio, ministro do Interior e primeiro lord do Almirantado. Além disso convém lembrar que ele já se ocupara também de muitas outras coisas. Destacaremos o seu alistamento como sub-tenente do 4.º Regimento dos Hussares, sua ida a Cuba, onde então se lutava e onde adquiriu o hábito do bom charuto e da sesta (posteriormente, quando era primeiro lord do Almirantado, descobriu que dormindo uma hora depois do almoço, podia acrescentar mais duas de trabalho a um dia já extraordinariamente longo). Como oficial do Exército lutou na fronteira noroeste da Índia, onde por milagre escapou de ser morto por um disparo que lhe fez um indígena.

Num recente artigo publicado em Londres, foram relatadas 25 dessas escapadas em sua carreira: de balas de um avião na guerra passada, cujo motor parou sobre o canal da Mancha; de um taxi em Nova York, etc. Na África do Sul escapou, outra vez milagrosamente, quando o trem blindado em que viajava caiu numa emboscada dos "boers". Esteve prisioneiro dos "boers", e fugiu para a África Oriental Portuguesa depois de ter percorrido 450 quilômetros. Voltando

HEMORRHOIDAS? tome

LIC. 3518-14-3 925 D.M.S.P.

ENCONTRA-SE EM TODAS AS

Pílulas de Herva de Bicho

CONDICIONES! OPTIMAS! INFALLIVEIS!

DA VITORIA

à Africa lutou com o Regimento da Cavalaria Ligeira da Africa do Sul, cujo uniforme incluía um chapéu de abas largas. Churchill sempre teve uma grande fraqueza pelos chapéus pitorescos, e um dos melhores exemplares de sua coleção lhe foi presenteado pelos jornalistas canadenses, durante sua visita a Ottawa, em 1942.

Nas semanas críticas da guerra passada, quando os alemães foram contidos diante de Paris, Churchill apoiou a ousada decisão de permitir que a totalidade do exército regular da Grã-Bretanha fosse enviada à França. A frota — disse ele aos seus colegas de gabinete — aceitaria a responsabilidade de defender a Grã-Bretanha contra uma invasão.

Depois do fracasso dos Dardanelos, pelo qual Churchill, como primeiro lord do Almirantado, assumiu a responsabilidade — ainda que o plano tenha fracassado mais por falta de execução que pelos defeitos de concepção — voltou ao exército como major, foi à França com seu regimento e mais uma vez escapou milagrosamente de morrer. Enquanto se encontrava fora de sua trincheira, de onde havia saído para encontrar-se com um oficial do Estado Maior, que não apareceu, a trincheira foi totalmente destruída por um disparo da artilharia inimiga.



Ele não é apenas o homem de gabinete, mas sempre que se oferece uma oportunidade vai ver a guerra de perto. Aqui o vemos acompanhando os exercícios de uma bateria no sul da Inglaterra. Ele e o seu charuto...

Já avançada a guerra Churchill voltou ao governo, mas no posto de ministro das Munições, departamento que, embora vital naquele tempo, era menos importante que o Almirantado, cuja pasta havia desempenhado no início da guerra. Ao firmar-se o armistício suas perspectivas políticas eram menos brilhantes que oito anos antes.

Churchill foi um dos primeiros a lançar ao mundo a advertência sobre a ameaça que representava para a Grã-Bretanha, a Europa e todos os países pacíficos o rearmamento da Alemanha nazificada. Sabia que Hitler e Goering estavam organizando uma poderosa força aérea, e também que a R. A. F. não se desenvolvera em escala suficiente para fazer frente ao perigo. Churchill viu que a guerra somente poderia ser evitada se a Grã-Bretanha fosse forte e se os países ameaçados pela Alemanha formassem uma grande aliança. A segurança coletiva lhe parecia a única resposta adequada à tirania de Hitler e à sua tática de aniquilar um inimigo de cada vez.

Churchill se convertera no líder e porta-voz daqueles ingleses que viam o perigo alemão, e quando, em 3 de setembro de 1939, estalou a guerra que ele havia anunciado, voltou ao posto do Almirantado. Um mês depois, em seu primeiro discurso de guerra pelo rádio, pronunciou estas palavras proféticas: "Através da névoa da confusão e da incerteza, podemos discernir bem claramente a comunidade de interesses que existe entre a Inglaterra, a França e a Rússia". Dezoito meses depois ficava uma vez mais demonstrado o acerto de suas profecias.

(CONTINUA NA PAG. 56)



ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



A mulher de Paris e Londres

Paris (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extraídos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada, oferece o máximo de

sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá! Pega a fórmula dragéias "ouro" em todas as boas Drograrias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.

GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS



TRANSPIROL



Coisas não ditas

(Continuação da pág. 40)

A reunião daquelas preciosidades dedicaram-se vários soberanos da Espanha e de duas dinastias, trazendo de seus patrícos ao Prado muito de arte que os enriquecia.

Mostraram aqueles reis mais senso artístico que Wellington ao andar este por Espanha de 1813, a combater Napoleão. Chegando à catedral de Sevilha, o general propôs ao cabido comprar-lhe *O Êxtase de Santo Antônio de Pádua*, do pincel de Murillo. Para prego, a tela seria coberta de onças de ouro, o que equivaleria a

enorme soma. O cabido sevilhano soube dizer não ao proponente. Não só Sevilha tinha um maravilhoso Murillo.

Entre os muitos, muitos e muitos retratos do Prado, o antigo *Museo del Rey*, um retrato chama atenção e diz algo ao viajante brasileiro por ser de uma rainha de Espanha de adolescência no Rio de Janeiro.

Em mais alto que largo quadro, o pintor valenciano Lopez y Piquer representou D. Maria Isabel de Bragança, segunda mulher de Fernando VII, seu tio, e filha de D. João VI, com esta habitando o Rio de Janeiro até casar em 1815 e morrer, aos vinte e três anos, rainha de Espanha.

Lopez retratou D. Maria Isabel em traje esmerilhado recamado de ouro e pérolas. Figurou-a junto a móvel sobre o qual estendidas plantas do Museu do Prado, dividido no fundo da pintura por janela aberta do aposento.

Por que isto? Por alusão ao desinteresse com o qual D. Maria Isabel ajudou a restauração do Prado e o seu progresso.

Todas as seis filhas de D. João VI foram bonitas, uma delas, Ana de Jesus Maria, alcançando fama de beleza europeia.

D. Maria Isabel "era branca, nutrida, rosada, boa e virtuosa, tinha um grande ar de bondade que lhe temperava as feições um pouco duras, um ar bonacheirão, como o do pai".

Assim dela disse escritor português, assim a revela o seu pintor espanhol.

No Prado outra tela deve despertar atenção de viajante brasileiro. É uma tela da escola de Madrid, *del buen tiempo*, e da autoria do artista madrilenho Felix Castello. A obra foi exposta até 1878 com a designação de *Expugnação de Um Castello* por D. Fadrique de Toledo.

Em 1860, Viardot, nos seus *Musées d'Espagne*, ainda menciona o quadro de Castello, avantajado de altura e largura, com a designação primitiva de catálogo.

Atenção maior prestada ao quadro, estudos dele, mudaram-lhe a denominação passada a *Desembarque do General Fadrique de Toledo na Bahia de Todos os Santos*.

Da obra de Felix Castello, a dizer Brasil, Madrazo dá minuciosa notícia em um seu catálogo dos tesouros do Prado, o quadro merecendo duas páginas de texto no citado catálogo.

A tela de Castello tem por companheira outra da palheta do mestre valenciano. Representa combate entre espanhóis e holandeses, aqueles vencedores na ação de

guerra ganha por D. Baltazar de Alarcos nos primeiros anos do reinado de Felipe IV de Espanha, tanto vale dizer desde 1622. Foi o rei espanhol intrusamente soberano português com o nome de Felipe III, por efeito de conquista mais de suborno que de armas de Felipe II, o Demônio do Mar. Dia para os seus contrários. Se anjo não era, com apêlo de História, para Satanás muito lhe faltava.



Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquirá um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— Altofalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

Nair (Rio) — Esse rapaz não gosta de você, minha amiga. Não acredite na sua "superioridade". Ele faz isso para que você se julgue inferior e desista... Na minha opinião, se você deixá-lo agora mostrará que não está impressionada com a sua figura, e também dar-lhe-á uma boa lição. Mesmo com algum sacrifício, "banque" a indiferente e afaste-se tomando para si a iniciativa.

Lenita (Rio) — Não compreendo a sua atitude, minha senhora. Ou melhor, compreendo-a bem de mais para dar aqui a resposta que a senhora merece. Creio que os homens deveriam escolher melhor as suas esposas afim de que não caíssem nas mãos de certas mulheres "insaciáveis". Nem mesmo o seu temperamento desculpa a sua atitude, principalmente e porque a senhora é mãe e tem para com seus filhos um dever sagrado. Respeite-os, bem como a seu espôso, e esqueça esses "esquecimentos" internos.

Jandira (Niterói) — Você é muito jovem, minha amiga. Seus pais têm razão. Não se precipite.

SEGREDOS DO CORAÇÃO

Aguarde com calma a chegada do "príncipe encantado", pois você não está ainda em idade de atirar-se ao primeiro que apareça. Escreva-me quando queira. Estou aqui às suas ordens.

Marilia (Rio) — Leia a resposta que dei a Lenita. Infelizmente são comuns hoje em dia casos como o seu. Procure encher sua vida com distrações próprias para a sua idade e posição. Pense nos seus filhos e deixe de lado a idéia de aventuras.

Maria Helena (Rio) — O ciúme é coisa muito natural, minha amiguinha, e se "êle" o demonstra da maneira que você me conta é porque de fato gosta de você. Procure inspirar-lhe confiança e fazer com que êle veja que é o seu único amor.



SALADA DE BRÓCOLOS

Tome um molho de brócolos, lave-os bem, desfie os talos, cozinhe-os em água e sal e esconda. A parte bata bem uma gema com 1/2 xícara de azeite, misture 1/4 de xícara de vinagre, sal e pimenta. Regue os brócolos com esse molho, junte rodelas de cebola, tomate e o branco de um aipo.

POLVO COM ARROZ

Ponha de molho, na véspera, um polvo pequeno, e no dia seguinte sove-o muito até ficar macio e retirar toda a areia que tem. Retire depois uma parte escura e grossa que tem no centro e parta-o em pequenos pedaços; leve-o a cozinhar com água, sal, pimenta e salsa. Logo que fique macio, deite-o sobre um bom refogado, junte duas xícaras de arroz, misture muito bem, adicione 4 1/2 xícaras d'água e deixe cozinhar lentamente.

CREME DE MORANGOS

Ferva 2 copos de leite com 250 gramas de morangos e 100 de açúcar. Passe depois tudo por peneira. Adicione 1 colher de sopa (rasa) de maizena, 4 gemas e casca fina de 1/2 limão. Misture bem, deite em forma untada e leve ao forno em banho-Maria.

OS "MENUS" DA SEMANA

PASTELAO DE CAMARÕES

Massa: — Misture 300 grs. de farinha de trigo com 1 colher de sopa de manteiga, sal e água quanto baste. Sove durante 20 minutos. Estenda a massa um pouco fina, pincele com manteiga derretida e dobre em quatro. Descanse 15 minutos, estenda novamente, passe manteiga e torne a dobrar. Repita mais 2 vezes, descanse e estenda um pouco fina.

Espalhe um guizado de camarão por cima, enrole, pincele com gema e leve ao forno regular.

CREME DE AZEDINHAS

Cozinhe em água e sal alguns molhos de azedinhas. Escorra a água, pique-a muito fina, misture-a com molho branco de consistência um pouco rala, adicione queijo ralado e sirva.

PUDIM SEDUÇÃO

Misture 8 gemas com 8 colheres de açúcar, adicione 8 colheres de farinha de trigo intercaladas com 8 xícaras de leite, 1 colher de chá de essência de baunilha, 1 colher de sopa de manteiga sem sal e 1/2 coco ralado. Misture tudo, deite em forminhas untadas e leve ao forno em banho-Maria.



uma escôva até tirar bem: a palha fica perfeitamente limpa.

Para conservar as flores frescas por muito tempo, emerge-se-as em água fresca onde se dissolveu 30 grs. de sabão branco e 3 gramas de sal de cozinha.

Se um molho feito com farinha se espessa demasiado deve-se adicionar-lhe um pouco de água, e misturar bem e com rapidez para que fique flúido.

ALGUNS CONSELHOS

Quando a flanela ficar amarelada, para que recupere sua cor, lavar-se-á da seguinte maneira:

Pondo em um litro de água duas colheres de farinha e agitando enquanto esquenta. Com esta pasta lava-se a panela, empregando-a como se fosse sabão. Depois lava-se em água clara.

Fica perfeitamente branca.

CHAPÉUS DE PALHA — Lava-se com uma mistura de sumo de limão, duas colherinhas de enxofre em pó. Com uma escôva de dentes estende esta pasta sobre a superfície suja e põe-se ao sol; quando a pasta está bem seca elimina-se tudo com

MODELOS DE

"Après-Midi"



1 — Elegante modelo em romano preto, com blusa de traspasse e "ruche" no decote. Saia franzida na frente.

2 — Gracioso modelo em crepe verde. Mangas drapeadas em verde mais escuro. Também o cinto é em verde escuro, passando em casas feitas na pala.

3 — Vestido em crepe foncé, com trabalho "ajour" na blusa e nas mangas.

4 — Vestido em crepe turqueza, enfeitado de nervuras e "pois" de diversos tamanhos.

5 — Original modelo em seda azul marinho. Os bolsos prolongam-se formando um laço atrás. Decote drapeado, prêso com dois "clips".



VESTIDOS PRETOS

Ao alto:

1 — Um belo trabalho de nervuras dá realce a este vestido, que poderá ser feito em crepe de seda ou lã. 2 — Gracioso modelo, enfeitado com uma flôr azul celeste. O mesmo tom forra o babado da saia. 3 — Vestido de crepe ro-mano, de corte original. Saia apanhada na frente caindo em "godet". 4 — Modelo ador-nado de "rouleaux" feitos do mesmo tecido. 5 — Um enfeite de setim branco dá um ar juvenil a este modelo.

Em baixo:

1 — Modelo em crepe de seda. Leva um ba-bado ao redor da pala e é fechado com botões dourados. 2 — As mangas e a pala da saia dêste modelo são abotoadas com botões co-plissados e botões dourados dão realce a este encantador modelo em crepe da China.

Os povos primitivos

têm BONS DENTES



...porque ingerem alimentos de alto teor vitamínico e que exigem vigorosa mastigação. Os dentes e as gengivas desta menina esquimó provavelmente continuarão fortes e são durante toda a vida. Os civilizados, porém, vivem em condições diferentes. Para auxiliar a conservar seus dentes, faça com que sua alimentação contenha as vitaminas e os minerais adequados. Visite o seu dentista periodicamente.

... e faça questão de escolher um dentifrício que seja puro e seguro

Use o

Creme Dental SQUIBB

É cientificamente preparado, não contém substâncias ásperas nem adstringentes que possam estragar o esmalte ou irritar as gengivas. E o seu delicioso sabor e efeito refrigerante são apreciados por todos. Escovar os dentes com Creme Dental Squibb não é uma rotina monótona — é um prazer. Experimente-o!



...REPRE NO SÊLO QUE LEVA CADA TUBO... É O SÊLO SQUIBB E SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR

Em São Paulo...
é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 11

Os donos da vida

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 37)

de violar uma donzela, expulsam-na de sua comunidade. todos acham que o contacto com ela sempre mancha, e pre... Não; o problema da mulher é divertidíssimo! A lução radical que exige, talvez lha dê o homem de enã... Todavia... esse homem, que faça tábula rasa preconceitos, chegará a existir algum dia?

O rosto do diabo deixava entrever que evitava nunciar-se a favor do homem do futuro. Mas sendo eu versário tenaz do atual estado de coisas e como o diabo competia comigo neste trabalho simpático e fácil, interrompi o discurso:

— Dizem que o diabo manda as mulheres a todos os lugares onde ele não pode entrar... é verdade?

O diabo encolheu os ombros e retrucou:

— Quando quero, basta-me um homem inteligente e acanhado...

— Não sei por que: penso que não propendemos para o mal! — disse.

— O mal não existe! — replicou ele suspirando. acreditar nele é uma vulgaridade! Noutros tempos, o diabo foi uma bela energia. No presente, embora os homens odeiem, verificam-no de modo trivial, como se tivessem apenas mãos. Não são perversos, são simplesmente duvidosos. O verdugo é um eterno escravo. A mão e a cabeça são contrações, esgar de medo e pavor insuperáveis... se martiriza a quem se teme.

Os dois esqueletos estavam em frente um do outro sobre seus túmulos; as folhas secas açoitavam-lhes os ossos e o vento uivava através de suas ossadas, ressoando eco rouco na cavidade de seus crânios. Ambos trilhavam. Compadecendo-me deles, disse ao diabo:

— Restitua-os às suas sepulturas!

— Ah! Sentes-te humanitário também no cemitério? exclamou.

— Vendo bem, pode-se ser humano ante os cadáveres que não nos ofendem. Na fábrica, na rua, no cárcere e na mina, entre os vivos, mostrar-se humano é ridículo e pode suscitar perseguições. Ninguém deixa de zombar compassivo. Os mortos são imperturbavelmente sérios; fesso que me encanta não ouvi-los falar de humanitarismo. O humanitarismo jamais deixou de ser uma trapalhada, mas não eram néscios aqueles que queriam colocá-lo

Neurastenia? Insônia? Angústia?

BENAL

SEDATIVO do Sistema Nervoso
Fórmula do Professor Austregésio.

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIQUINA

entrada do mundo um lindo jardim, para ocultar por trás dele o terror profundo das matanças, a fria crueldade do reduzido grupo dos fortes... e o idiotismo de todos.

O diabo ria-se ironicamente destas verdades sinistras. No obscuro firmamento cintilava uma estrela, e sobre o túmulo do passado erguia-se, imóvel, o senhor das trevas. A terra emanava um fétido insuportável, e o vento transportava os miasmas da morte até à cidade adormecida e silenciosa.

— Quantos humanitaristas jazem aqui! — prosseguiu o diabo apontando com prolongado gesto os túmulos que o circundavam. — Alguns eram-no de verdade... na vida abundam os desorientados, e frequentemente são os mais ridículos... aqui descansam mui tranquilamente junto aos donos da vida noutra ordem, como ajudando a reforçar os alicerces do ruinoso edifício da mentira, construído sobre milhares e milhares de mortos com tanto trabalho e perseverança...

"Naturalmente, os sábios gastam seus dias perseguindo uma idéia. Como duvidá-lo? Os cemitérios estão repletos de programas para a melhoria da vida nas cidades..."

O diabo olhou em redor de si. A capela do tetrico lugar, branca como o dedo dum esqueleto colossal, erguia-se silenciosa no fértil campo dos mortos, desafiando o céu, campo silencioso das estrelas.

O vento, saturado de graxas emanações da podridão, mexia suavemente os ramos dos chorões, fazendo cair as folhas mortas.

— Agora vais ver os mortos agrupados: algo assim como um arremêdo do juízo universal — disse o diabo, caminhando em minha frente por uma tortuosa senda cheia de túmulos. — Já sabes que o juízo universal se verificará sobre a terra e que esse será o grande dia! Nesse dia os homens responderão por todas as suas faltas contra os donos e legisladores da vida, que fragmentaram a criatura racional em partículas insignificantes de carne e ossos. Tudo isso vive agora sob o nome de homem. Isto é só uma parte: o homem completo não foi criado ainda. Ele surgirá das cinzas da experiência universal, e depois de absorver a prática do mundo como o mar absorve os raios solares, iluminará o planeta como o astro-rei. Eu verei tudo isso, eu o verei! Porque eu acredito nesse homem e criá-lo-ei!

O velho estava algo comovido, e caía num lirismo nada próprio do diabo. Eu o perdoei. Como não? Por outro lado, a vida deforma poderosamente Satanaz, prendendo com amarras seu férreo espírito. Embora muitos tenham a cabeça redonda e o pensamento anguloso, qualquer um mirando-se no espelho se encontrará formoso.

Pousando-se de repente sobre um túmulo, gritou o diabo imperiosamente:

— Ai dos mortos! Tornai-vos visíveis!

Quase no mesmo instante estremeceu o solo, e, como se lá nos abismos um monstro gigantesco destroçasse a terra com suas garras, o cemitério abriu a um tempo todos os seus túmulos e, como surgidos dentre a erva, apareceram os esqueletos, quebrando o silêncio com o ranger de seus ossos.

Olhando-se uns aos outros, apareciam sobre as lápides; por toda parte se viam crânios semelhantes a bolas de marfim. Uma costela quebrada mostrava-se como uma condecoração augusta; entrecrocavam-se as tíbias, sustentando com grande esforço o peso dos fêmures monstruosamente deformados.

Todo o cemitério se convulsionava. Uma fria gargalhada do diabo apaziguou aquela desordem.

— Eis aí alguns dos homens honrados e sábios que existiram no mundo! — disse o diabo, apontando para alguns milhares de esqueletos.

— Quem de vós prestou mais benefícios à humanidade? — perguntou.

Ouviu-se um prolongado murmúrio, como o chiado de muitos cogumelos ao frigr-se em enorme frigideira.

— Abri-me passagem — gritou uma voz angustiada.

— Eu, senhor. Sou eu quem demonstrou que a unidade é zero na soma da sociedade.

— Eu fui muito além dele — vociferou um ao longe.

— Eu demonstrei que toda a sociedade é o esquema do zero e que, por conseguinte, a massa deve submeter-se à vontade da maioria.

— E na cabeça da maioria reside a unidade, e esta é obra minha — clamou vitoriosamente outro.

— E quando ostentei coroa, disse como Luiz XIV: "O Estado sou eu".

— Oh! — percebeu-se um sussurro de gôzo — há entre nós um rei. Isto não acontece em todos os cemitérios!

— Vêde se os ossos do rei são azuis — vociferou um minúsculo esqueleto jiboso.

— Deixai-me falar — clamou outro que cavalgava sobre um sarcófago.

— A melhor pomada para calos é invenção minha — gritou um ao longe.

— Eu sou o arquiteto que...

Um esqueleto largo e rechonchudo, como se preten desse abarcar a todos com os pequenos ossos de suas mãos, perorava como se pretendesse resumir todos aqueles rumores de além-túmulo:

— Irmãos: por ventura não sou o filósofo por antonomásia? Não sou eu quem curou com o remédio da resignação os sofrimentos de vossa vida?

— Não vê senão sofrimentos — murmurou algum irritado — está louco.

— O arquiteto que construiu a porta baixa... para que os homens, ao entrarem numa casa, inclinassem forçosamente a cabeça diante do amo — ressoa uma voz irritante.

— E eu o papel para matar moscas...

— Irmãos: por ventura não sou o filósofo por antonomásia? Sou eu quem acalma vossos espíritos, ansiosos por esquecer os próprios sofrimentos, com o leite e o mel de minhas reflexões sobre a inutilidade e vaidade das coisas terrenas.

— Tudo o que existe foi criado *ab aeternum* — disse uma voz surda.

(CONTINUA NA PÁGINA 54)



Veja Carmen Miranda no filme "Alegria, rapazes!" ("Something for the Boys"), um technicolor da 20th Century-Fox.

A Eletrizante CARMEN MIRANDA

candidata-se a um novo Rádio G-E Tom Natural

Os futuros rádios G-E na verdade merecem o nome de... *Tom Natural*. Porque reproduzem todas as vozes, desde o soprano até o baixo profundo — todas as notas e sons — com a máxima naturalidade cristalina, como se nascessem na própria sala em que V. S. se encontra. O *Tom Natural* será um rádio magnífico... instalado também num móvel belíssimo! Recentemente, a General Electric consultou milhares de ouvintes, para descobrir-lhes as preferências quanto a desenhos de móveis para rádio. Baseados nesse vastíssimo manancial, os estilistas da General Electric estão criando modelos de inextinguível beleza, que serão executados por habilíssimos artesãos, especialistas no tratamento de madeiras de lei. É natural que, no momento, todas as mais recentes invenções da General Electric se apliquem exclusi-

vamente aos equipamentos militares. Mas lembre-se... quando chegar a ocasião, a vasta experiência e a técnica da General Electric serão dedicadas à produção do belo e novo Rádio G-E *Tom Natural* — com aperfeiçoamentos tais como o "altofalante coordenado", o "equilíbrio acústico", para revelar apenas dois.

Faça como Carmen Miranda: candidate-se a um novo Rádio G-E *Tom Natural* — pelo qual vale a pena esperar.

ADIANTAMENTOS COMPROVADOS NA FRENTE DE BATALHA



A General Electric está fabricando mais aparelhos de rádio para uso bélico do que qualquer outro fabricante. Depois da Vitória, os adiantamentos obtidos pela G-E farão com que o seu novo rádio G-E seja o melhor que V. S. jamais teve.



Construção à prova do CLIMA TROPICAL

A investigação científica traz constantes melhoras ao rádio General Electric. Os receptores G-E e suas partes componentes são submetidos, na Câmara Higroscópica G-E, a uma atmosfera artificial mais rigorosa que a dos climas tropicais.

RADIO

GENERAL ELECTRIC

Na vanguarda em Rádio - FM, AM - Televisão - Eletrônica

NÃO PERCA OS "FESTIVALS G-E", ÀS 3h. FEIRAS, NA RÁDIO NACIONAL, ÀS 22h, EM ONDAS MÉDIAS (800 Kcs) E CURTAS (30,60 METROS). UM PROGRAMA MUSICAL COM ATRAÇÕES PARA TODOS OS GOSTOS

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentifricio mais indicado para hygiene e conservação dos dentes.



O ANIVERSÁRIO DO DR. EUDAS BATISTA

Na medicina, como em tôdas as profissões, sempre houve elementos que se destacam pelas qualidades que as caracterizam. E' agradável, em geral, testemunhar casos desta espécie, em que o indivíduo, como que predestinado a galgar posições de real importância, se notabiliza desde os bancos escolares e continua a dar constantes provas do seu valor.



Está neste caso o Dr. Eudas Batista, o ilustre médico que se tornou tão conhecido e estimado, em virtude do brilhantismo com que sabe desempenhar a sua nobre missão.

De há muito o mesmo se vem dedicando com critério à sua especialidade, grangeando vasto círculo de amizades, entre clientes e aqueles que de perto privam com tão distinto médico.

Mais uma prova disto terá êle, é certo, a 17 do corrente, que assinala o seu natalício. Será uma recompensa pelos excelentes serviços prestados a diversas classes, que não se cansam de lhe louvar as qualidades de caráter e de coração.

CABELLOS BRANCOS

CASPA Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE



Em crepe "rayon" esta bonita "toilette": blusão com um "plissée" ao redor; renda "cordónet" nas mangas e ao redor da gola; decote quadrado; chapéu e bolsa do mesmo tom; luvas e flores do chapéu combinando.



OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado na grande descoberta que se chegou à elaboração de uma grande fórmula, cuja disposição da mulher um tesouro de valor, cujo nome é PANSEXOL. Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurose sexual, falta de vigor e vitalidade, menstruações tardias, irregulares, pouco abundantes, excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo primeiras dragéias aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

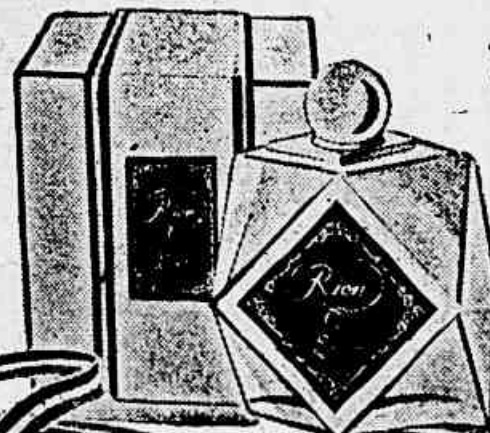
"Pansexol" Feminino encontra-se disponível em tôdas as Droguarias e Farmácias. Fórmula do Prof. Austregésilo Remetemes pelo Reembolso Postal Cr\$ 20,00 o vidro.

Produtos PANVITAL — Rua da Estrela, 100 — RIO DE JANEIRO

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES



PERFUMES
BELLES FLEURS
MUSGO CHINE
05

Um Yankee alegre

(Continuação da página 27)

— Danço mal, não é verdade?
Ela sorriu:
— Meus pés parecem estar murmurando algumas observações que provam quanto são mal educados, mas eu lhe asseguro que não lhes dou ouvidos.
— Faz mal. Os pés são a parte mais útil do corpo. Vamos para o terraço, quer?
Ela aceitou com gratidão.
— Na verdade — disse, ao debruçarem-se na sacada florida, com o intuito de amenizar o golpe — você tem ritmo, falta-lhe é agilidade, você precisa ser mais leve, mais...
Ela riu, mostrando os dentes muito brancos:
— Escute, quando não há outra maneira de se cumprimentar um indivíduo pela maneira de dançar, diz-se: mas, afinal de contas, você tem ritmo. Sim, tem ritmo, dizem os botões, a parte mais franca do vestuário humano, tem ritmo mas pisa-me os pés como um rôlo compressor, sacode-me como um *shaker* de *cocktail*, agarra-se ao meu pobre vestido como um bêbado a um poste...
Ele não teve outro remédio senão rir.
— Você devia tomar umas lições de dança. Assim poupava-se essas contrariedades.

Mas ele protestou:
— Quem lhe disse que são contrariedades?
— Bem, eu pensei...
— Nada disso. Já uma ótima professora de dança ofereceu-se para me tornar um bailarino. Recusei.
— Por que?
— Um motivo muito simples. Imagine o nosso caso. Mal nos conhecemos. Na verdade não nos conhecemos. Entretanto convidei-a para dançar num baile. Fora do ar respeitável que é inerente aos indivíduos que dançam mal, que faz com que as moças o classifiquem inconscientemente no rol dos titos, e dos pais e, portanto, inofensivos; fora disso resta ainda o fato do passeio ao terraço. Esse passeio ao terraço é de importância capital nas relações incipientes. Entretanto, como teríamos vindo ao terraço se eu dançasse mal? Além do fato de não dançar convenientemente, tornando-me aos seus olhos de certo modo eminentemente respeitável, você deu graças a Deus por se livrar das minhas pisadelas, e e-la, portanto, aqui, não relutante e desconfiada, mas confiante e amistosa. Boa preparação.

— Você é um número...
— Ótimo. Quando um homem consegue fazer uma mulher rir desarmada, de certo modo. Imagine você a clássica cena do beijo roubado à força. O vilão agarra a mocinha nos braços e ela se debate inutilmente. O herói está perto. Ela vai gritar, vai pedir socorro. De repente o vilão rapidamente se inclina ao seu ouvido e...
— E beija-a no ouvido em vez de beijá-la na boca?

— Não. Conta-lhe uma piada. Ela não grita, ri. O herói retira-se desapontado e o vilão beija à vontade. E' excusado dizer que depois disso não é mais vilão. Já ganhou as simpatias do público. Muitos não compreendem porque nos filmes de mocinho este sempre vence. Eu explico. E' porque ele não pode se arriscar a repartir o seu prestígio, primeiro passo para perdê-lo. Cada vitória do vilão é uma parcela das simpatias do público que ele aliena. E' muito simples de compreender. Além do que o público está sempre disposto a rir da lei, coisa que eles não fazem da vida real. Portanto pronto a fazê-lo com energia e decisão na ficção. Por isso querem ver a lei bem quebradinha nos filmes. E' outra lei, essa inquebrantável: a lei das compensações...

— Você é um número.
Ele avançou. Tomou-a nos braços.
— Que é isso? Está louco?
— Você já reparou na barriga daquele homem ali? Todas as vezes que ele apressa o andamento ela sobe num pulo até o queixo que a manda para o seu lugar indignado com a invasão dos seus domínios; até parece um verdadeiro bate-bola.

Ela não pôde deixar de rir. Sem esperar ele beijou-a.
— Teoria e prática em uma lição curta, simples e proveitosa — disse ao largá-la.
Ela, sem fôlego, preparou a bofetada. E ele:
— Ela vai fazer igualzinho à barriga do homem: mão no meu rosto, e indignação da minha epiderme ante o contacto violento.

Não veio a bofetada: era impossível ficar séria.
— Quando é que nos casamos?
Ela levantou os olhos, espantada. Naquela última semana David, enciumado, não lhe telefonara, e ela saíra quase todas as noites com o americano. Tinha-se divertido imensamente. A proposta entretanto não era esperada. Surpreendera-a.

— Mas George...
— Pela primeira vez na minha vida eu vou falar sério. Imagine você que eu moro com um irmão. Ele ronca assustadoramente, o que só me permite alguns segundos de cochilo entre dois estrondos cataclísmicos do meu irmão. Ora, não posso mandá-lo dormir noutra parte: ele ficaria magoado, e não é direito magoar-se os amigos. Se eu tivesse uma esposa, entretanto... já poderia dizer a ele que não poderia mais dormir no mesmo quarto, visto como minha

esposa não permitiria esse excesso de camaradagem fraternal...

O riso dela não foi tão espontâneo como sempre.
— Você é tão bobo!
Ele fixou os belos olhos azuis e disse com seriedade:
— *It's on the level, baby.* (E' no duro, menina).
Ela também perdeu o ar de brincadeira.
— Você é um amor, George. Eu gosto muito de você, mas...
— Mas não quer casar comigo, hein, sua francesinha?
— Não...ão.

Ele ficou um momento calado. Ela pensou que ele ia dizer qualquer coisa de sério. Ia estragar toda aquela camaradagem louca e divertida com uma expressão de dor, de...

— Baby, você não sabe como me alivia! Eu sou um rapaz direito. Minha mãe, pelo menos, pensa assim. E, como não tencionava deixar você tão cedo, achei que era conveniente pedir sua mão. E' uma questão de princípio. Mais de um mês com uma garota, pede-se a mão. Depois...

— Depois quebra-se o noivado.
— Não, tola. Nos Estados Unidos há uma coisa chamada *brech of promise*. E' uma maneira de fazer com

que os rapazes cumpram as suas promessas. Depois de algum tempo eu me mostro tão repugnante que a própria noiva desmancha o noivado. Simples, prático e conveniente.

Ela riu.
— E você tinha essas más intenções comigo?
— Baby, você daria graças a Deus em ver-se livre de mim...
Ela tornou a rir. Vieram chamá-la.
— Mlle. Diana. E' Mr. David. Telefone.
Ela correu.

— Onde foi aquele rapaz que estava aqui? — perguntou à criada ao voltar, radiante com a reconciliação.

— Não sei não, senhora. Ele foi saindo. Perguntei para onde ia, mas ele virou-se para mim e disse: "*Baby, you've got me there!*".

— Que é que quer dizer isso?

— Ele não sabia para onde ia... Esses americanos são mesmo meio malucos. Sabei dizendo: "*What a joke!*". Que piada! Mas ele parece que não estava achando muito divertido, não... Até parece que uma pequena tinha dado o fora nele...

CABELOS SEDOSOS, BRILHANTES,
FINAMENTE PERFUMADOS.

Nº 177 B

Quina
Petroleo
ORIENTAL

PERFUME RIVIERA

A' VENDA
EM TODO O BRASIL

Longa Tradição
de alta qualidade



Consagrado por uma preferência de meio século, graças à sua pureza e qualidade, o Sabonete de Reuter é o indicado para as epidermes mais delicadas. Isento de substâncias nocivas, o Sabonete de Reuter constitui um verdadeiro tratamento de beleza para a cutis, tornando-a macia e aveludada.

Sabonete de Reuter

I-A SR-3

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Modelos

1 — Decote amplo, enfeitado com quatro "motivos" bordados e um pequeno trabalho de organdi. Saia ampla, "apanhada" na frente.

2 — Modelo de grande originalidade, em linho havana. Vies e botões de piqué branco. Bordado ligeiro sobre os bolsos da blusa.

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES
2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

Dra. HELENA N. DAHER
CLINICA DE CRIANÇAS
Avenida Copacabana, 209
Apart. 704
TELEFONE 27-0252

Cabelos Brancos??
Escurecedor Discreto
Informações:
Rua Flack, 163-Rio. T. 29-2840
OLEO — LOÇÃO



No toucador.



Após o banho, dê à sua pele uma agradável sensação de frescor com uma leve aplicação de Água de Flórida. É mada, desodorante, antissética, estimulante da circulação subcutânea. Água de Flórida mantém a pele fresca e perfumada o dia todo... Disponível em todas as farmácias e perfumarias.

ÁGUA DE FLÓRIDA



inencarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

VIVA!

CONTENTE



para
viver mais!

Qualquer anomalia na função do fígado compromete a saúde, perturba o bom humor e faz envelhecer antes do tempo. Normaliza a função hepática com as famosas "Pílulas de Reuter" e desfrute intensamente a alegria de viver!

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

O roubo do colar

(Continuação da pág. 41)

se cauteloso e reticente. Era evidente que temia uma cilada da polícia. Sim, por que tentar comprar a joia roubada? Rater tentou explicar, mas sentiu que não o tinha convencido devidamente.

— O senhor compreende que não estou aqui como um policial numa investigação. Sou simplesmente um particular desincumbido de uma tarefa que lhe foi dada por um amigo. O ministro me afirmou que não tem a intenção de perseguir o ladrão e, como o valor estimativo da joia é grande, está disposto a reavê-la e esquecer o que se passou. O lucro do ladrão será o mesmo e todos ficarão satisfeitos.

O homem, porém, não se deixava levar pelos argumentos do detective. Sabia bem de mais da sagacidade de Rater e acreditava que aquilo era um meio, que o policial arquitetara, para descobrir todos aqueles membros do bando de ladrões que, havia muito tempo, inquietava os habitantes da cidade de Londres. Uns

roubavam, outros se desfaziam das joias com perícia, transformando-as a ponto de torná-las irreconhecíveis. A polícia, é verdade, estava sempre mais bem informada do que parecia: tolhiam-lhe os movimentos enquanto a falta de provas e, além disso, a impossibilidade, por desconhecimento de certos detalhes importantíssimos, de prender aqueles que acreditava responsáveis pelos roubos. Não havia dúvida que um chefe existia e encerrava numa masmorra todos os seus auxiliares, facilmente substituídos, não seria conseguir paralisar as suas atividades. Era preciso descobrir o chefe, e este, não há dúvida, era desconhecido.

— Se é que eu sei alguma coisa sobre delatores — dizia Rater — sou capaz de jurar como ele tem sempre um álibi fulminante, e além disso não há meio de relacioná-la com o roubo. Muitas vezes eles suspeitam quem era o chefe, mas era difícil, muito difícil. Agora, porém, que não era seu interesse prendê-lo, talvez tivesse a sorte de falar, pelo menos, com um de seus agentes mais chegados. Era um passo em direção a ele.

Conseguiu, finalmente, convencer o homem de suas intenções, e o outro confessou que conhecia um certo indivíduo, que por sua vez tinha relações puramente comerciais com um outro cavalheiro, o qual era irmão de uma dama que era casada com o sobrinho de um amigo, de um irmão, de uma tia, de um primo da pessoa que talvez pudesse, dar-lhe uma vaga indicação sobre o paradeiro das joias. Isso, é claro, estritamente em confidência e sob palavra de Rater, sem ser usado de maneira alguma no desempenho da sua função.

Era um homem gordo, disforme mesmo, o objetivo a que chegara depois de tantas peripécias. Passara pela série inteira de intermediários e conseguira, afinal, uma palavra com o indivíduo que parecia poder dispor das joias. Estou mesmo muito perto do centro, pensou Rater; mas lembrou-se de sua promessa e começou a transação.

— Permite-me uma pergunta indiscreta

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

— disse o homem, após terminarem o negócio e quando Rater se preparava para partir com as pedras.

— Pois não...

— Por que o ministro o escolheu?

— Talvez porque eu conheço um pouco esse meio. Permite-me agora uma pergunta?

— Pois não.

— Como chegaram ao seu poder as joias?

O outro riu gostosamente, fazendo oscilar o imenso ventre.

(Continua na pág. 56)

PARA O SEU BEBÉ!



TALCO

Lady

★ REFRESCANTE

★ BÓRICO

★ PERFUMADO

À VENDA EM TODO O BRASIL



Em viagem

Ha pessoas, principalmente senhoras, às quais as viagens por mar ou por terra agitam enormemente o sistema nervoso, produzindo mal-estar, tonteados, sensações de apreensão e medo. Um ou dois comprimidos por dia, de ADALINA, são suficientes para restituir a normalidade ao sistema nervoso, permitindo o bem-estar durante a viagem e um sono calmo e tranquilo. ADALINA é remédio inofensivo a qualquer órgão.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

30 dias de feira

CAMISARIA PROGRESSO
Praça Tiradentes, 2 e 4
Camisas - Gravatas - Bolsas
Capas - Lingerie Finíssima
Cretões - Cama e Mesa - etc.

A CRISTALEIRA
Silva Jardim, 1 e 3
Prata - Faqueiros
Cristais - Porcelanas
Artigos para Presentes

ALFAIATARIA GUANABARA
Carloca, 54
Primorosa Confeção
de Roupas em ótimos
tecidos nacionais e
estrangeiros

A PROGRESSO
Av. Copacabana, 1350
Roupas para Banho
de mar e Acessórios
para Praia Lingerie
Cama e Mesa - etc.

ACERTE comprando nos
30 Dias de Feira por
preços reduzidos.

ANDE UM POUCO MAIS E PAGUE MUITO MENOS

Os donos da vida

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 49)

Um esqueleto vermelho, sentado sobre uma lápide cinzenta, levantou a tábua, e abaixando-a gritou:

— Isso é verdade!

O cemitério transformou-se num mercado onde cada um apregoava sua mercadoria. Um confuso torvelinho de pregões, uma corrente de imundas vanglórias, um orgulho asqueroso, perturbavam o noturno silêncio do recinto da morte.

Agruparam-se todos em torno do diabo, cravando em seu rosto as negras cavidades de suas órbitas, como se ela fôsse o comprador de todas aquelas velharias.

Ressurgiam pensamentos caducos, tornando a perder-se na vozeria comum, como míseras folhas de outono.

O diabo contemplava com seus verdes olhos aquela alvorção, esquadrihando com o olhar aquela mistura de ossos frios e fosforescentes.

O esqueleto sentado aos seus pés, no chão, vociferava, movendo o crânio com as mãos:

— Toda mulher deve ser de um só homem.

Suas palavras contrastavam estranhamente com estas outras:

— Só o morto conhece a verdade.

— A vida no mundo é um caos de erros e de trevas impenetráveis.

— Eu me casei três vezes, e nenhuma legalmente.

— Gasta-se toda a vida, como a aranha, tecendo a teia para o bem-estar da família.

— E nunca com uma mulher...

Sob um impulso indefinível, um esqueleto, cujos ossos amarelados e carcomidos scavam violentamente, levantou o olhar distraído para os olhos do diabo, dizendo:

— Eu morri de sífilis, mas amava a moral, e quando minha mulher me traiu, eu mesmo denunciei sua falta ao juízo da lei e da sociedade.

O esqueleto sífilítico suspirou e de novo, como um silvo do vento num tubo, ressoou outra vez confusa:

— Eu inventei a cadeira elétrica, que é o melhor remédio para curar toda espécie de sofrimentos.

— Pregava eu aos homens: "Espera-vos uma bem-aventurança eterna depois da morte..."

— O pai dá aos filhos a vida e o sustento... O homem só se torna verdadeiramente homem depois da paternidade...

Um crânio parecido com um ovo, com dois pedaços de pele sobre o rosto, gritava por cima dos outros crânios:

— Eu demonstrei que a arte deve corresponder às idéias, aos costumes e às necessidades da sociedade.

Outro esqueleto, montado sobre um monumento que parecia o tronco duma árvore quebrada, redarguiu:

— A arte é um precioso lenitivo para a alma enfadada da vida e do trabalho...

— Eu sustentei que a vida é uma calamidade — gritava uma voz distante.

— Que o livro nos faça sonhar, como as drogas que só contra receita são vendidas na farmácia!

— Todos os homens devem trabalhar, porque convem serem estimulados mutuamente; cada qual se aproveita do seu trabalho, e por isso deve dedicar-se a ele segundo suas aptidões e suas energias...

— A arte deve ser bela e humana.

— Eu aprecio — disse o diabo — a arte livre que não adora senão a deusa Beleza. Os verdadeiros amigos do bom artista são a mulher e o diabo.

A sineta do oratório tangeu com sua língua de bronze um prolongado gemido que vibrou sobre a cidade dos mortos, voando, rítmica e invisivelmente, como um grande pássaro de asas transparentes... Talvez algum guarda sonolento, com sua mão insegura e canhestra, tenha puxado a corda do sino. O eco metálico difundiu-se pelos ares, firmando-se depressa. Entretanto, antes que se fizesse de novo silêncio, souou outro agudo plangido.

O ar asfixiante sussurrava lentamente, e com o triste somido do bronze mesclava-se o ranger dos ossos e o murmúrio das funerárias vozes.

Outra vez se fizeram ouvir os discursos aborrecidos e as palavras triviais, a conversa arrogante da mentira vitoriosa, o clamor irritado daqueles que a todo transe pretendem persuadir.

Todos os pensamentos de quantos homens tinham sido na cidade ressuscitavam; entretanto, nem um sequer merecia, em realidade, a mais leve atenção.

A bolorenta cadeia que escraviza o espírito agita-se sem produzir, nem sequer com o atrito, uma única telha que iluminasse as trevas da alma humana.

— Onde estão os heróis? — perguntei ao diabo.

— São modestos e seus túmulos permanecerão escondidos. Na vida foram derrotados e no cemitério têm reduzidos a cinzas — retrucou Satanaz agitando as mãos para desvanecer a fedentina da podridão.



DYNAMOGENOL, restaura as energias do cérebro, dos músculos e do sangue fortificando e revigorando o organismo.

É o tônico de todos

DYNAMOGENOL

É um produto do

Laboratório Sian

O sapateiro dizia que ninguém, entre todos os homens, o superava em seu ofício, e que tinha direito à gratidão da posteridade por ter inventado o calçado de bico fino. O naturalista, autor dum livro em que se descrevem milhares de diferentes aranhas, afirmava ser um grande sábio.

O inventor do leite condensado rugia irritado, junto ao inventor do canhão de tiro rápido, atarefado em explicar aos esqueletos que o rodeavam os benefícios que sua descoberta trouxera ao mundo.

Todos os mortos discutiam algum tema, perorando como austeros moralistas, como carcereiros enamorados de sua profissão.

— Basta! — exclamou o diabo — estou cansado; aborreço-me tanto o cemitério dos mortos como a cidade, cemitério dos vivos... Guardiães da verdade humana, voltai aos vossos túmulos! — gritou com voz estentórea, de autócrata consciente do próprio poder.

A massa cinza-amarelada de restos humanos rangeu

sinistramente, girando como o pó enrolado pelo vendaval. A terra abriu milhares de negras bocas, e mastigando lentamente como um porco já farto, enguliu de novo o alimento vomitado para tornar a digerir-lo.

Tudo desapareceu rapidamente: os sepulcros trepidaram, cerrando-se depois com suas respectivas lápides. O diabo sentou-se sobre um panteão e, apoiando o cotovelo nos joelhos, apertou a cabeça entre seus afiados dedos. Seus olhos fixaram-se, imóveis, nas múltiplas sepulturas e nas pedras distantes. Sobre sua cabeça brilhavam as estrelas, enquanto no silencioso recinto soavam os ecos metálicos do sino, remendando as sílabas dum macabro poema.

— Viste? — perguntou-me o diabo. — Sobre o terreno deserto, envenenado e viscoso por toda esta escória imbecil, a mentira e a vulgaridade, encontra-se edificado o templo augusto das leis da vida, uma caixa forte aonde todos levam suas riquezas... Os verdadeiros donos de vossa existência são os mortos, e embora os que vos dirigem sejam vivos, inspiram-se nos mortos. Os sepulcros são

as fontes da ciência terrena. Vosso senso comum é uma flor desenvolvida pela "cadaverina". Embora putrefato nas entranhas da terra, o morto quer sobreviver na alma do vivo. Os restos mortais, nutridos de pensamentos arcaicos, penetram livremente no cérebro dos vivos. Eis por que os pregadores da prudência são sempre apóstolos da morte e cantores das glórias do passado...

O diabo levantou a cabeça, fixando em meu rosto seus olhos fulgentes como os astros siderais:

— Qual é a doutrina mais forte que vos ensinam no mundo? Que coisa imutável ambicionam estatuir? A divisão da vida; a organização da sociedade em classes; a uniformidade absoluta de todas as almas, para que seja possível colocar os homens como ladrilhos em todas as figuras geométricas. Proporcionam-te a doutrina hipócrita da resignação, tratam de assassinar ignominiosamente a alma criadora dos rebeldes; esta doutrina tende de modo vil a construir com a pedra da mentira um sepulcro para a liberdade do pensamento.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

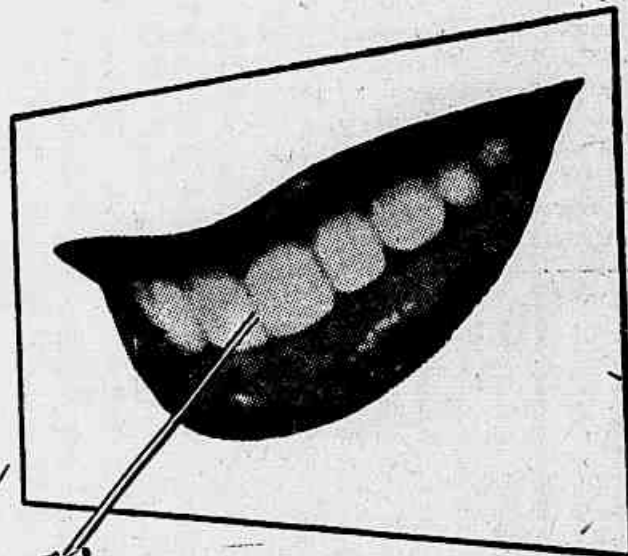
Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

80% das Cáries começam aqui—

Afirmam os Dentistas!



Gessy protege no Ponto Vital!

ONDE A ESCOVA não atinge... começam as cáries. Proteja seus dentes nesse Ponto Vital, usando o Creme Dental Gessy.

Sua espuma, de ação ultra-penetrante, atinge onde a escova não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

Gessy é três vezes concentrado — custa menos, rende mais. Gessy limpa, dá brilho aos dentes e combate o mau hálito. Use Gessy três vezes ao dia.

GESSY CUSTA MENOS!

Compare Gessy com os demais dentífricos de alta qualidade. Verá que Gessy lhe oferece até 20% de vantagem no preço. Escolha qualidade e economia, escolhendo Gessy.

MAGNESIA
CREME
GESSY
DENTAL

50 ANOS A SERVIÇO DA

EUGENIA E DA BELEZA

UM DESODORANTE DE AÇÃO DUPLA



ARRID EVITA MANCHAS E ODOR NAS AXILAS

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege *você* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID

O desodorante que mais se vende

PÍLULAS DE BRISTOL

Estimulam
suavemente os
intestinos e
eliminam os
resíduos e
toxinas.

Vegetais e
açucaradas

I-A - PB 2

Desperte a Bilis do seu Fígado!

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pímulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

O roubo do colar

(Continuação da pág. 53)

— Ah! Ah! Ah! Essa é boa...
— Bem, vejo que é inútil — disse Rater. Porém o homem o interrompeu:
— Um momento. Não quero que fique com uma idéia falsa a meu respeito. Não sou um ladrão, nem é meu hábito vender produto de roubo; mas acontece que, sabendo que procurava os diamantes e como me oferecessem mais uma oportunidade de adquirir joias furtadas, adquiri-as para facilitar seu serviço. Sou um honesto ne-

Dor de garganta

Nesta época do ano são frequentes as dores de garganta, as inflamações das amígdalas, devido às mudanças de temperatura, à umidade do ar e às poeiras. Para evitar esses males, dos quais podem resultar sérias complicações, chupe algumas pastilhas de Panflavina por dia.

Nada supera estas pastilhas na prevenção das doenças que têm por porta de entrada a boca e a garganta.

Além de ser de paladar muito agradável (compostas de Trypaflavina, mentol, açúcar e chocolate) e por isso muito apreciadas pelas crianças e pelos adultos, têm uma forte ação desinfetante contra os germes infecciosos que se localizam na mucosa daquelas cavidades.

A toda pessoa que se sentir ameaçada de dor de garganta ou dela já esteja sofrendo, aconselhamos o uso imediato das referidas pastilhas que, com toda a segurança, produzirão os melhores resultados dentro de pouco tempo.

gociante, creia. Nunca me meti nisso. E' a primeira vez.

— Acertou comprá-las para facilitar minha tarefa ou para encobrir o vendedor? O homem tornou a rir:

— O senhor tem cada uma! Deve conhecer meu irmão. Ele, sim, poderá dar pasto à sua curiosidade policial. E' um verdadeiro criminoso.

— Como?

— Sim. Meu irmão é um ladrão famoso. Admira-me que não o conheça. Mas também nunca a polícia o pegou. Ele é duro de roer.

— Por que me alerta contra ele?

— Porque o detesto, cordialmente é claro. Não vá fazer mau juízo e pensar que tenho intenções sinistras. Odeio-o, simplesmente.

— Por que?

— Temos as nossas brigas. Mas aviso-lhe que é inútil tentar prendê-lo: ele sempre tem um alibi.

— Deve ser um homem muito ocupado.

— Multíssimo.

Sem mais uma palavra Rater despediu-se.

Uma idéia louca, sem razão de ser, atormentava-o. Mas o mais curioso é que não sabia ao certo qual era a idéia. Era como que um espectro, que se divisa dificilmente na obscuridade, mas estava ali. Ele o sentia. Que relação teria... que relação teria o que? A que ligar os dois irmãos? O negociante e o ladrão. Olhou para o recibo que o outro lhe passara pelas joias, pensativo. Que sugestões evocava aquela letra esparramada, quase ilegível?

Tinha a certeza de que já vira aquela grafia. Onde? Onde?

Era uma pequena loja, em lugar de nenhum destaque; mas para quem a procurava estava bem visível, é lógico.

Rater entrou. Esperava-o atrás do balcão uma segunda edição, melhorada e revista, do homem que lhe vendera os diamantes.

— Deseja falar comigo, inspetor?

— Sim. Tenho um recado para o senhor.

— Um recado?

— De seu irmão.

O homem sorriu:

— Que tem ele a me dizer?

— Uns dois ou três desaforos, e confesso-lhe que gostaria de saber a razão da animosidade.

— Pois não.

— Sou todo ouvidos.

— E' um caso simples. Tivemos uma briga.

— A respeito de que?

— A respeito da nossa mãe.

— Como?

— Sim. Ambos a sustentávamos, contribuindo cada qual com uma parte; porém, quando eu comecei a tratar de... de um negócio mais proveitoso, o meu irmão pensou que poderia exigir a manutenção completa dela. Resultado: briga-mos. Achei que era exploração.

— Uma coisa eu queria perguntar-lhe...

— Pois não.

— Como é seu verdadeiro nome.

— O nome que lhe dei: Heinz.

Rater notou que ele ficara perturbado. Não disse mais nada. Retirou-se.

Deu-se então o roubo e isso, de certo modo, precipitou os acontecimentos. Os diamantes tornaram a desaparecer. Uma telefonada ansiosa do ministro pôs Rater a par dos acontecimentos. O roubo fora cuidadosamente arquitetado e perfeitamente realizado. Estava, com certeza, em elaboração na hora mesmo em que Rater comprara as pedras.

Mas, ao que parece, o criminoso, o chefe da quadrilha, não tivera cuidado. Deixara provas de sua passagem, deixara pistas. Era o irmão do vendedor Heinz. Já a essa hora Rater não alimentava ilusões. Estavam os dois irmãos envolvidos na história.

— Desejo falar com o inspetor Rater...

— Às suas ordens.

— Lembra-se de mim, inspetor?

— Como não haveria de lembrar-me?

— Por que, então, hesita em reconhecer-me?

— Não é isso: queria saber o motivo da sua visita. Não creio que saiba que corre o risco de tornar essa visita à chefatura de polícia muito mais longa do que planejou.

— Não tenho esse receio. Minha consciência está clara e limpa.

— Mesmo de um certo roubo de diamantes?

— Escute, inspetor, eu vendi-lhe os diamantes que meu irmão me entregara. Foi o único papel que desempenhei nessa história.

Arquiteto da Vitória

(Continuação da pág. 43)

Os alemães invadiram a Noruega, e a marinha de guerra, que carecia de apoio aéreo devido ao fracasso de um rearmamento adequado da aviação, não pôde impedir a invasão alemã. Na tempestade de crítica levantada contra o governo, tornou-se evidente que Churchill era o único homem para dirigir o país. Na noite de 10 de maio o rei encarregou Churchill de formar um novo governo: "Tenho que dizer à Câmara, como já disse àqueles que formam o governo, que não tenho nada a oferecer-lhes senão sangue, suor e lágrimas". Palavras duras e muito diferentes das cômodas seguranças que o povo britânico ouvira de outros lábios.

Separada dos principais exércitos franceses, a Fôrça Expedicionária Britânica se retirou para Dunkerque, e Churchill disse ao mundo: "Lutaremos na França; lutaremos nos mares e nos oceanos; lutaremos com crescente confiança e crescente poderio no ar; defenderemos nossa ilha, qualquer que seja o preço que tenhamos de pagar; lutaremos nas praias, nos aeródromos, nos campos, nas ruas e nas colinas, mas jamais nos renderemos".

A França caiu, e a Grã-Bretanha ficou sozinha na peleja. Porém Churchill não perdeu sua confiança na França nem na capacidade da Grã-Bretanha para vencer a luta sozinha: "Cumpramos nossos deveres e comportemo-nos de forma tal que, se o Império e a Comunidade Britânica perdurarem mil anos, os homens possam ainda dizer: "Aque-la foi a sua hora mais nobre".

Durante um ano a Grã-Bretanha lutou sozinha, sob a direção de Churchill. Depois Hitler atacou a Rússia, e o Japão vibrou o seu traiçoeiro golpe em Pearl Harbour. O Império Britânico se converteu então no centro da grande coligação, e Churchill empreendeu sua série de viagens para coordenar a estratégia da Grande Aliança, com a qual sempre sonhara e que, se consertada a tempo, talvez houvesse evitado a guerra. Os aliados passaram da defensiva para a ofensiva, e a 11 de novembro de 1944 Churchill, ao completar 70 anos, estava em Paris proclamando a sua fé na França. E agora, pisando o território alemão na margem oriental do Reno, Churchill incita os soldados aliados a prosseguirem na sua brilhante campanha, lutando árdua e eficientemente na batalha grandiosa que todos esperam seja a batalha decisiva da guerra.

— Só. E o roubo subsequente? sabia que eles iriam ser novamente mados?

— Juro-lhe que não. Espante-me, senhor. Eu sou, afinal de contas, irmão. Nós brigamos, é verdade, mas eu queria vê-lo preso. Por isso, quando soube que o senhor queria reaver os mantos, fingi arrependimento do roubo me pediu que servisse de intermediário, assegurando que era seu último que, com o dinheiro, se retirasse. E que ele pediu sem prever que ia reaver as joias novamente.

— A sua história encerra uma contradição. Por que chamou minha atenção para ele, então?

— Já esperava a pergunta. Por uma razão muito simples. Ele me amara que ia se reformar. Pois bem: a polícia não tinha provas contra ele, e ajudara a contragosto. Mas se ele nasse a roubar, como de fato aconteceu. Muito simples. Eu chamei a sua atenção para que o senhor o vigiasse, ficasse sobrevigado; e assim, vendo-se vigiado, não se animaria a outro roubo.

— Agiu então com a melhor das intenções?

— Perfeitamente.

— E seu irmão, onde está?

— Não sei.

— Sabe que deixou provas de que ele o ladrão?

— Um criminoso tarde ou cedo cai no descuido fatal. Onde está ele?

— Desapareceu.

O irmão suspirou:

— Era o que eu esperava. Ele é incorrigível.

Mas Rater pôs-se a rir.

— Como representa bem!

— O que?

— Sua história teria pés e cabeça se o senhor não tivesse esquecido um detalhe imprescindível: desligar-se completamente de sua mãe. Com ela viva e por interrogá-la a qualquer hora, o senhor estava perdido, e nem mesmo a minha palavra outro dia pôde de sobreaviso.

são vaidosos os criminosos! Como em nos seus planos. Pergunte-lhe o verdadeiro nome, pois suspeitava que era lumberger e não Heinz. Mandei a sua mãe à delegacia. Ela, inocente, declarou que tem um filho. Um compreende?

O homem estava branco.

Foi fácil — explicou mais tarde: — Ele cometeu, com um plano mais uma série de erros pequenos mas fatais e que o condenaram. Assim, ginou dois irmãos, quando só ele botou a culpa toda para cima do outro enquanto ele ficaria solto. Tinha a explicação bem preparada quando veio. Mas esqueceu-se que eu poderia conhecer e interrogar sua mãe. Foi o doável. O irmão, segundo o plano, pareceria. Era natural, pois ele não teria a representar dois papéis. As irmãs, responsável pelo roubo, tribora, enquanto o inocente passava os olhos da polícia, rindo nas suas costas. Mas, em primeiro lugar, eu tinha carta com o dinheiro que ele me para soltar a mãe quando ela fosse. Ele pensou que outro oficial trataria caso, e nunca imaginou que eu poderia ligar uma coisa à outra. Assim, lembrei-me que quando veio à polícia não me mandou entregar o dinheiro e a carta que, pensou, seria rasgada. Foi prudente quando assinou o recibo. Fui capaz de comparar as letras, e mais tarde ainda quando condenou-se a si mesmo, esquecendo-se de avisar a mãe dissesse ter dois filhos. Ela, sem dúvida, mentiria para ele.

— Um plano complicado!

— Mas mal executado.

— Todos os planos dos criminosos são complexos e mal executados.

Rater sorriu:

— Eu só conheço uma espécie de criminoso que não é punido, mais tarde.

O ajudante perguntou:

— Qual é?

— São certos figurões que roubam e cinicamente. Quanto a esses, não presos. Os pequenos são sempre presos.

O ajudante achou que, positivamente, inspetor Rater estava ficando com idéias meio revolucionárias, e era niente mudar de assunto. Assim foi.

(Chuva, trovões e ventania)

LUIZ — Mas com êsse tempo? Viajar naquela estrada, Geraldo?

GERALDO — E vou imediatamente. Emprésteme sua capa e seu revólver.

(Música)

(Passos. Porta que se abre. Rumor de tempestade)

LUIZ — Você aqui, Celeste? Que veio fazer com tôda essa chuva?

CELESTE — Mas que maneira gentil de receber uma visita. Como você está ficando descortez!

LUIZ — Desculpe-me. Mas a surpresa, não é?

CELESTE — Surpresa por que? Afinal não é nenhum caso de espanto que eu venha à casa de um parente...

LUIZ — Bem... mas ainda não há quinze minutos que o Geraldo saiu daqui.

CELESTE — E que tem isso? O Geraldo saiu e eu cheguei.

(Rumor de tempestade. Pausa)

CELESTE — Vim para junto de você, Luiz. Eu estava tão sozinha com esta tempestade. Hum!... eu tenho tanto medo! Chamei um taxi e corri para aqui. Mas se não lhe agrada a minha presença eu posso voltar.

LUIZ — Não. Absolutamente. Eu tenho até muito prazer na sua companhia.

CELESTE — Nesse caso então peço-lhe o favor de tirar a minha capa, que está enxarcada.

LUIZ — Pois não. Com licença. Você não tem medo de resfriar-se, assim tão decotada?

CELESTE — Não. Não tenho medo. E você não tem medo de nada?

LUIZ — De que? Da tempestade, dos trovões, da ventania?

CELESTE — Não... Medo de mim.

(Música)

(Telefone)

JOSÉ (atendendo) — Alô... como? O pequeno morreu? Não é mais necessária a ida do doutor? Mas o doutor já seguiu. Sim. E'. Tem razão. Vou chamar um taxi e ver se o apanho ainda. Sim. Pois é. Vou evitar que êle continue uma viagem tão arriscada. E' sim. A estrada deve estar medonha. Está bem. Obrigado. Está bem (desliga o telefone e monologa) Ora que massada! O pobre do dr. Geraldo afrontando êsse temporal atôa, sem utilidade nenhuma! Bem. Vou ver se o apanho ainda no caminho.

(Passos e porta que fecha)

(Música)

(Ruido de automóvel. Chuva e ventania)

JOSÉ — Mais adiante, chauffeur. Corra um pouquinho mais. Deve ser aquêlê carro que vai ali na frente. E' sim. Veja se passa adiante. Assim. Busine agora...

(Rumor de busina chamando)

JOSÉ — Dr. Geraldo!... Dr. Geraldo!...

(Carro freiando)

GERALDO — Quem é? Que há?

JOSÉ — Sou eu, doutor. Olhe, o menino do coronel Ayres morreu. Telefonaram da fazenda que não é mais preciso o senhor ir lá.

GERALDO — Que desgraça! Coitado do Ayres! Bem. Nesses casos vou voltar.

(Chuva e ventania)

GERALDO — Obrigado pelo seu aviso, José. Pague aí ao chauffeur e passe para cá.

JOSÉ — Sim, doutor.

(Automóvel em marcha. Porta de carro abrindo e fechando)

GERALDO — Mas que tempo medonho, hein José?

JOSÉ — Já esteve pior, dr. Geraldo. A dona Celeste teve tanto medo que chamou um carro e foi para a casa do dr. Luiz.

GERALDO — Celeste com medo de alguma coisa? E' notável. Então, já que ela está em casa do Luiz, vamos passar lá e apanhá-la. Aproveito e entrego ao Luiz a capa e o revólver que êle me emprestou.

(Música)

CELESTE — Tôdas as vês em que estou junto de você eu adquiro um complexo bem desagradável.

LUIZ — Qual é o complexo?

CELESTE — O complexo de inferioridade. Você, até hoje, foi o único homem que me deu esta sensação.

LUIZ — Mas não há motivo para isto.

CELESTE — Como não há? Você me repudia de um modo tão categórico!...

LUIZ — Mas é necessário, Celeste. Você precisa curar-se desta loucura. E' preciso não pensar mais nesta doidice.

CELESTE — Não posso. Está acima das minhas forças, meu querido.

LUIZ — Ora, Celeste. Não se deixe iludir por um capricho.

CELESTE — Capricho? Um capricho que já tem mais de dois anos? Olhe, Luiz. Desde o primeiro dia em que o vi pelo braço da Regina... vocês eram noivos, lembra-se? Desde aquêlê dia eu o amei. Depois casei-me com Geraldo e, lhe confesso, eu me casei com o Geraldo mais para estar perto de você.

LUIZ — Mas que loucura, Celeste!

CELESTE — E outras, muitas outras loucuras eu faria por você!...

LUIZ — Deixe-me, Celeste. Afaste-se, por favor.

CELESTE — Deixe-me encostar a cabeça no seu ombro, meu querido.

LUIZ — Afaste-se, Celeste.

(Súbito porta que se abre e...)

GERALDO (num grito) — Miseráveis!...

(Um tiro)

(Grito de Luiz e Celeste)

(Encerramento)

CAPÍTULO IX

(Característica)

LOCUTOR — No capítulo passado Luiz procura por todos os meios esquecer as palavras de Celeste, acusando Regina de infidelidade. Entretanto, apesar das muitas distrações que Rogério procura proporcionar a Luiz, êle é constantemente atormentado pelas insinuações de Celeste. Não podendo se conter por mais tempo, vai à casa do dr. Novais disposto a romper em definitivo com aquela amizade que êle tanto prezava. O dr. Novais repele com nobreza tôda a maldade que fizeram em tôrno daquela amizade, e confessa que é verdadeiro o seu amor pela Regina, amor que ela ignora e há sempre de ignorar. Dadas as explicações, Luiz compreende o seu êrro e pede que, mais do que nunca, esa amizade deve continuar. Geraldo vai procurar Luiz, quando recebe um telefonema do seu criado José avisando que o filho do coronel Ayres está muito mal e solicita os seus trabalhos profissionais. Geraldo pede uma capa emprestada por causa do mau tempo e, como se trata

LUIZ — Ora, Celeste. Deixemos de comédias. Seu marido é um cientista. Um cirurgião notabilíssimo. Por que você não o admira? Por que prefere admirar o marido de sua amiga, da sua amiga tão infeliz?

CELESTE — Marido... Você ainda se considera marido de alguém? (ri) E' curioso. Francamente. E' divertido.

LUIZ — Cale-se.

CELESTE — Não, Luiz. Eu preciso falar. Então sua mulher o abandona por uma questão de pura vaidade, simplesmente por vaidade... e você ainda tem coragem de considerá-la como sua esposa? Uma foragida. Uma covarde. Que não quis renunciar à sua faceirice, que preferiu fugir de você, que preferiu abandonar o seu lar a renunciar à sua vaidade?

LUIZ — Celeste. Não continue. Talvez você tenha razão. Mas eu prefiro não ouvir estas coisas.

CELESTE — Sim, Luiz. Eu já vou me embora. Mas, antes de me retirar, eu quero lhe dizer uma coisa muito séria, uma coisa que toda a gente lhe está ocultando e que, como sua amiga sincera, eu quero que você saiba, pois não me agrada sentir o ridículo em que esta ignorância o está envolvendo.

LUIZ — De que se trata, Celeste?

CELESTE — Não, Luiz. Parece-me que o melhor será não lhe dizer ainda. Esperar um pouco mais. Mais tarde então eu lhe direi. Mesmo porque eu tenho receio. Você pode falar ao Geraldo. E o Geraldo às vezes é tão violento comigo.

LUIZ — Mas o Geraldo está envolvido nesse mistério? Vamos, Celeste. Conte tudo de uma vez.

CELESTE — Você promete não dizer coisa alguma ao Geraldo? Ou, se disser, você promete não me denunciar? Não me envolver em complicações?

LUIZ — Prometo.

CELESTE — Você não citará o meu nome? Não dirá que fui eu quem lhe contou? Você promete, Luiz?

LUIZ — Prometo. Eu lhe dou a minha palavra.

CELESTE — Pois é isso, Luiz. A Regina... Não. Eu não devo dizer. Eu vou me embora, Luiz.

LUIZ — Celeste. Você não sairá daqui sem terminar esta arenga. Você agora não pode mais recuar. Diga. Vamos. Que é que tem a Regina?

CELESTE — Hum... mas como você está ansioso! Foi preciso que a sua mulher lhe fugisse para que você ficasse realmente apaixonado, hein?

LUIZ — Deixemos de gracejos e termine de uma vez. Você já está me exasperando.

CELESTE — Eu estou tão arrependida de ter começado. Tudo isso porque eu lhe quero muito bem. Porque me revolta sentir que você está caindo no ridículo. Foi por isso que me envolvi nesta complicação. Mas eu tenho tanto medo de Geraldo.

LUIZ — Não receie nada, Celeste. Eu lhe prometi segredo. Você ficará livre de qualquer complicação. Não a comprometerei. Eu lhe prometo. Mas diga... diga... por favor...

CELESTE — Pois bem, Luiz. Como eu ia lhe dizendo, a Regina...

(Encerramento)

CAPÍTULO VIII

LOCUTOR — Celeste teve uma grande desilusão pois ao chegar à casa não encontrou Walter e tão pouco os papéis do invento de Luiz, que estavam sob a guarda de Geraldo. Celeste telefona a Luiz, pedindo-lhe que a auxilie naquela situação. Enquanto isso Walter e Fritz estão satisfeitos com o resultado do plano. Agora estão em preparativos para deixar o Brasil o mais depressa possível, deixando Peter para concluir o trabalho. Celeste vai falar ao sr. Levy — seu cabeleireiro — e este aconselha a Celeste não tomar atitude alguma, caso contrário ele provocará um escândalo e somente Celeste será prejudicada. Geraldo, sabendo do sucedido, vai falar com Luiz e quando conversa nota que há alguém ouvindo a conversa e quando tenta

pegar quem está atrás da cortina, leva com uma estátua de bronze na cabeça e cai sem sentidos. Alguns dias se passaram e Celeste vai visitar Luiz. Como sempre Celeste procura se insinuar, mas Luiz a repele. Celeste, vendo a atitude de Luiz, não quer abandonar aquela casa sem deixar um pouco de veneno. E o capítulo passado terminou quando Celeste dizia:

CELESTE — Eu estou arrependida de ter começado. Tudo isso porque eu lhe quero muito bem. Porque me revolta sentir que você está caindo no ridículo. Foi por isso que me envolvi nesta complicação. Mas eu tenho tanto medo de Geraldo.

LUIZ — Não receie nada, Celeste. Eu lhe prometi segredo. Você ficará livre de qualquer complicação. Não a comprometerei. Eu lhe prometo. Mas diga. Diga, por favor.

CELESTE — Pois bem, Luiz. Como eu ia lhe dizendo, a Regina não era... a santa criatura que você imaginava.

LUIZ — Que insinuação é esta? Que quer dizer com isto, Celeste?

CELESTE — Escute, Luiz. Você não soube que o dr. Novais sofreu um acidente de automóvel logo depois da sua operação, justamente no dia da fuga de Regina?

LUIZ — Soube, sim. E que tem isso?

CELESTE — Mas ainda não percebeu? Você não está compreendendo?

LUIZ — Não. Ainda não percebi aonde você quer chegar. Fale mais claro. Vamos.

CELESTE — O carro do dr. Novais quando capotou na estrada Rio-S. Paulo ia seguindo o carro da Regina. Esquisito, não é?

LUIZ — Repita, Celeste. Eu não compreendi muito bem.

CELESTE — Eu disse que o desastre do dr. Novais deu-se na estrada Rio-S. Paulo. Ele ia numa corrida louca perseguindo o carro em que sua mulher fugia. Compreendeu agora?

LUIZ — Estou começando a compreender. Mas que quer você dizer ainda, Celeste?

CELESTE — Você não se admira de que o dr. Novais soubesse tão certo a hora em que sua mulher fugia e estivesse tão a par do seu itinerário? E você não acha ainda mais estranho o fato de não lhe terem dito nada? Você não acha estranho que o Geraldo não lhe tenha contado coisa alguma?

LUIZ — Ora, Celeste. Você julga então que a Regina, tendo um marido moço e ardente como eu, pudesse dar atenção a um velhote como o dr. Novais?

CELESTE — As mulheres às vezes são tão esquisitas, Luiz... Mas convenhamos que a Regina não correspondesse ao Novais. Em todo o caso ela não deveria ignorar a paixão que lhe inspirava. Sim. Porque está provado que ele tem uma verdadeira paixão pela sua mulher. E as mulheres percebem ao longe estas coisas. Logo, a santinha era bem coquete e bem distarçada, não é?

LUIZ — Celeste. Você é uma víbora. Você está insinuando infâmias. Eu não a quero ouvir mais. Retire-se.

CELESTE — Você me expulsa, Luiz? Por eu me ressentir quando o cobrem do ridículo? Por eu desejar abrir seus olhos? (chora) Que ingratidão!

LUIZ — Bem. Desculpe-me, Celeste. Mas que me adianta isto agora?

CELESTE — Adianta, sim. Adianta e muito até. Só assim, depois de conhecer a realidade das coisas, você deixará de prantejar o seu ídolo... de barro...

(Música)

(Grill de um casino. Música, vozerio, etc.)

LUIZ — Garçon... mais champagne... depressa... vamos...

MARIA LUCIA — Depressa, garçon. O dr. Luiz não quer que os ânimos esfriem.

ROGÉRIO — Sim senhor. Estou gostando de apreciá-lo hoje, Luiz. Nem parece aquele urso de há quinze dias passados.

LUIZ — Você já sabe que eu sou mesmo casado, então
vol. Tenho um nome além do bem famoso e o nome de um
zombeteiro de meu irmão.

ROGÉRIO — É, que nome é esse que tem? Então
os seus filhos de mar e terra?

MARIA — Deixe, Rogério. O Luiz, como todo ho-
mem colombo, tem o direito de ser diferente. Não é, meu
querido?

VOZ DE CELESTE AO FUNDO — "As mulheres da vóze
são tão esquisitas, Luiz."

GARÇON — Pronto, doutor. Aqui está o champagne.

LUIZ — Rogério, sirva, sim?

VOZ DE CELESTE — "Ele lá numa corrida louca,
perseguindo o carro em que sua mulher fugia"...

(Ouve-se uma rumba)

MARIA — Luiz, Você ficou triste de repente? Não quer
dançar esta rumba?

LUIZ (como que desperta) — Ahn? Que disse você?

MARIA — Você não quer dançar esta rumba? Não é
a sua dança preferida?

LUIZ — Quero, sim. Como não? Vamos, Maria Lucia.

MARIA (ao som da rumba) — E' tão agradável estar
assim nos seus braços, Luiz! Bom portinho dos seus olhos
verdes.

CELESTE (voz velada) — "Você não acha estranho que
o Geraldo não lhe tenha contado coisa nenhuma?"

MARIA — Você é um sábio interessante, Luiz. Em
geral os sábios são velhos... carrancudos... Você, não.
Além de moço e bonito você dança tão bem...

CELESTE — "Em todo o caso ela não deveria ignorar
a paixão que inspirava."

MARIA — Luiz, você está sonhando? Por que não diz
alguma coisa?

LUIZ — Maria Lucia, eu quando danço não gosto de
falar.

(Música)

(Mesmo ambiente)

ROGÉRIO — Afinal, porque a Maria Lucia se retirou?

LUIZ — Não sei.

ROGÉRIO — Também você nem insistiu para que fi-
casse! Que foi que houve, afinal?

LUIZ — Não sei. Já disse que não sei.

ROGÉRIO — Francamente, Luiz. Eu não entendo mais
nada. Você convida a criatura para uma cola. Oleroco-lhe
champagne, trata-a como um verdadeiro enamorado e, de
repente, fica de cara anuviada, emudece, esfria e quando
a mulher se despede você a deixa ir sem mais nem menos
e nem se oleroco para levá-la à casa?

LUIZ — Não faltam taxis aí na porta do casino. E ela
sabe muito bem andar sozinha.

ROGÉRIO — Mas eu estou curioso. Palavra. Deixei
você aqui na mesa arrulhando como dois pombinhos, e
quando volto encontro a rapariga despedindo-se. Afinal
que lhe fez você?

LUIZ — Ora, Rogério. Não me aborreça. Trate da
sua vida.

(Música)

MANUEL — Aqui está o chá, doutor. Sente-se melhor?

LUIZ — Não, Manuel. Esta maldita dor de cabeça não
me quer deixar.

VOZ DE CELESTE (velada) — "Está provado que ôlo
tem uma verdadeira paixão pela sua mulher."

MANUEL — Deseja mais alguma coisa, doutor?

CELESTE — "Logo, a santinha era bem coqueta o bom
distarçada, não é?"

MANUEL — Dr. Luiz.

LUIZ — Ahn... que há? Que quer você?

MANUEL — Eu perguntava se o senhor queria mais
alguma coisa.

LUIZ — Que horas são, Manuel?

MANUEL — São três horas, doutor. O senhor não
se lembra de me chamar para ir ao cinema?

LUIZ — Está bem, Manuel. Vou chamar. Depois eu irei
para o cinema. Fala muito cedo. Por enquanto eu vou ficar
aqui mesmo.

MANUEL — Então boa noite, doutor.

(Passos. Porta que se fecha. Música misteriosa em b. g.)

VOZ DE CELESTE — "Só assim, depois de conhecer
a realidade das coisas, você deixará de prantejar o seu
ídolo... de barro."

(Música misteriosa sobe um pouco caindo depois em b. g.)

LUIZ — Você, Regina... Mas... Regina! Você aqui!

REGINA — Sim, meu querido. Aqui estou. Eu vim do
novo para você.

LUIZ — Eu não acredito. Não é possível. Chegue aqui
perto. Assim... Mais perto, meu amor. Mas por que não
tira ôsse véu? Eu quero rever os seus olhos, Regina. Eu
quero ler nos seus olhos a verdade. A verdade capaz de
me tirar essa angústia.

REGINA — Que angústia, Luiz?

LUIZ — Uma dúvida que está me enlouquecendo. Eu
quero ler dentro dos seus olhos, meu amor.

REGINA — Ler nos meus olhos? Mas você não sabe
que os olhos são o espelho da alma, e você não nega
sempre a existência da alma? Você não entende essa lin-
guagem, Luiz.

LUIZ — Mas eu preciso entender. Eu quero entender.
Eu preciso saber a verdade. E' horrível pensar que talvez
não lêsse inteiramente meu o seu coração.

REGINA — Mas você não dizia sempre que o coração
é apenas um músculo e nada mais? Que pode interessar
a você os segredos do meu coração?

LUIZ — Tire ôsse véu, Regina. Eu preciso ler nos seus
olhos uma resposta à minha aflição. Eu quero ler no fundo
de sua alma.

REGINA (rindo) — Você falando em alma, Luiz? Você
falando em alma? Você, o grande materialista...

LUIZ — Não zombe de mim, minha querida. Eu já não
sei mais o que penso, eu não sei mais em que devo acro-
ditar. Tenho a impressão de que estou penetrando em um
mundo desconhecido, que uma região estranha está se
abrindo para mim...

REGINA — Luiz, eu quero lhe fazer uma revelação...

LUIZ — Diga, meu amor... mas, antes, eu vou lhe
arrancar ôsse véu...

REGINA — Não faça isso, Luiz!

(Acorde musical forte)

LUIZ — Oh!... Regina!...

(Intervalo)

(Música. Fundo com música misteriosa em b. g.)

LUIZ — Regina!... Regina!... volte, Regina!... Volte,
meu amor.

MANUEL — Dr. Luiz! Dr. Luiz!

LUIZ (despertando) — Ahn? Que há? O que há, Manuel?

MANUEL — Dr. Luiz. Eu o despertei porque o senhor
estava tão agitado...

LUIZ — Mas... mas que horas são?

MANUEL — Já são nove horas da manhã e o senhor
nem saiu desta cadeira! Está doente, doutor? Quer que
chame um médico?

LUIZ — Não. Não é preciso, Manuel. E'... Engraçado!
Eu peguei no sono aqui mesmo, não foi?

MANUEL — Sim. O senhor disse que ia ficar ainda
um pouco aqui e, afinal, pegou no sono aqui mesmo no
escritório. O senhor deve estar com o corpo molto, não é?
Quer que lhe traga o café agora?

LUIZ — Ah... que sonho eu tive, Manoel!
 MANOEL — Foi um sonho muito bom, Luiz.
 LUIZ — Foi um sonho terrível, Manoel. Bem, vamos, façamos o café.

(Música)

NOVAIS — Sento-se, Luiz. Então, como vai passando, meu amigo?

LUIZ — Dr. Novais, antes de mais nada eu quero, imediatamente, entrar no assunto que me trouxe aqui.

NOVAIS — Estou inteiramente à sua disposição.

LUIZ — Eu soube ontem, aliás só ontem eu soube, e com maiores detalhes, a história do seu acidente. E esta é a razão por que só hoje lhe venho fazer o interrogatório que me disponho a fazer.

NOVAIS — Já disse que estou inteiramente à sua disposição. Que deseja saber?

LUIZ — Queria que o senhor me explicasse, com bastante clareza, de que maneira foi informado, ou melhor, que confidências lhe fazia a Regina, para que tão bom soubesse a hora de sua fuga e o rumo que ela iria tomar? E gostaria também de saber com que autoridade, com que direito o senhor a estava seguindo?

NOVAIS — Foi tudo, pura e simplesmente, uma obra do acaso.

LUIZ — Não. Absolutamente não acredito. Mesmo porque eu sei que o seu interesse pela Regina não é apenas um interesse paternal.

NOVAIS — Veja bem o que está dizendo, Luiz.

LUIZ — Sei muito bem o que digo. É lamentoso que só agora eu tenha sabido, que só agora compreenda a largura em que tomei parte, recebendo-o na intimidade da minha casa, para que os outros se divertissem com a minha ingenuidade, enquanto vocês dois se regalavam num sentimentalismo ridículo e pueril.

NOVAIS — Ridículo você está sendo agora. Ridículo e desrespeitoso. Respeito ao menos a ausência daquela heroína que lhe salvou a vida.

LUIZ — Então o senhor ainda me censura, a mim, a quem ludibriou anos seguidos sob a capa de uma amizade traiçoeira?

NOVAIS — Censuro, sim. E não sei onde estou que não lhe aponto a porta de minha casa. E digo-lhe mais, Luiz: se eu não estivesse preso a esta cadeira, enfim se não estivesse paralizado como estou, já lhe teria dado uma bofetada. Se não estivesse enfermo... eu já o teria feito **ongullir o nójo dessa infame suspeita.**

LUIZ — Mas então como se explica o que houve?

NOVAIS — Se você me quiser ouvir com calma eu tudo lhe explicarei. Dir-lhe-ei como foi que soube da hora em que Regina fugiu e como descobri o rumo que tomou.

LUIZ — Está bem. Eu o ouvirei.

(Música)

NOVAIS — E foi assim, ouviu? Foi assim que a coisa se passou. Quando sair daqui vá perguntar ao Geraldo e ele repetirá a mesma história para você. Há porém uma outra pergunta que eu não quero deixar sem resposta. Você perguntou com que direito eu seguia a Regina, não foi?

LUIZ — Bem. Agora eu compreendo tudo. Você, tendo compreendido que aquilo era uma fuga, não quis perder tempo avisando a ninguém, e imediatamente a seguiu.

NOVAIS — Não, Luiz. O motivo não foi esse. E em toda a série de coisas maldosas que você há pouco proferiu, você disse uma grande verdade. Sim, Luiz, eu sempre amei Regina.

LUIZ — Como?

NOVAIS — Ela porém nunca suspeitou desse afeto, e nunca me olhou senão com olhos filiais.

LUIZ — Calo-se, dr. Novais. Eu não quero saber de mais nada. Eu vou me retirar.

NOVAIS — Não. Você agora tem que ouvir. Você

faz uma pergunta. E eu quero aceitar uma pergunta não feita. Mas não se preocupe, não se preocupe, não se preocupe. E agora... (suspiro) Agora eu já sei o que é...

LUIZ — Calo-se, dr. Novais. Adoim.

NOVAIS — Não se retire, Luiz. Não seja covarde. Ouça tudo até o fim (pensa). Você se escandaliza porque para você só existe o amor egoístico, que só procura na mulher uma satisfação fugaz e quase sempre incompleta. Mas se você conhecesse outra espécie de amor, o amor que se contenta em respirar o mesmo ar, em ouvir a mesma música, em ver sorrir a felicidade numa boca que jamais tentaria beijar, o amor que se alimenta de renúncia, o amor que não diminui nem com o tempo mas, ao contrário, evolui e se apura com os anos, o amor que não está sujeito à beleza física, que é tecido dentro da alma por uns fios misteriosos e mais fortes que quaisquer outras cadelas, aí então você não se ofenderia por eu querer bem à sua mulher. Mas você não pode compreender o que é isso, Luiz.

LUIZ — Talvez possa, dr. Novais. Eu começo agora a compreender. Eu não sabia, por exemplo, o que era saudade. E agora... (suspiro) Agora eu já sei o que é...

NOVAIS — Então seja condescendente, meu amigo. Procure compreender o meu sentimento, que jamais aflorou a alma de Regina. E continue a lhe render o culto que ela merece; não lhe retire nunca a sua gratidão.

LUIZ — Dr. Novais, dê-me a sua mão.

(Música)

GERALDO — Você queria então que eu corresse para lhe contar?

LUIZ — Naturalmente. Então eu como marido não devia ser avisado de uma coisa dessas?

GERALDO — Avisado? Mas para que? A gente avisa uma pessoa quando ela corre perigo quando se quer impedir que lhe aconteça alguma coisa. E não era o caso, Luiz. Por que iria eu desvendar o segredo daquele pobre homem tão inutilmente? Para que? Você ainda não se convenceu de que a Regina está perdida, e para sempre?

LUIZ — Não diga isso, Geraldo. Eu tenho certeza. A Regina há de voltar.

GERALDO — E para que voltaria a Regina? Para escandalizar os seus olhos de esteta? Para arrepiar de horror a sua epiderme tão sensível à beleza? Apenas para humilhar-se e sofrer?

LUIZ — Não, Geraldo. Eu a receberia de braços abertos. Meus olhos procurariam encontrar em Regina uma outra beleza, um outro encanto que eu não consigo encontrar em uma outra qualquer. Ah, se ela voltasse, Geraldo!

GERALDO — Duvido muito, Luiz.

LUIZ — De que é que você duvida? Do seu regresso?

GERALDO — Não. Da sua transformação. Ainda é cedo, meu amigo. Você ainda não pode ter mudado tanto assim. Mais tarde, pode ser...

(Campainha do telefone)

LUIZ — Alô... sim... está, ele está aqui. Um momento, Geraldo. E' com você.

GERALDO (ao telefone) — Sim. O que há, José? Como? Da fazenda do Ayres? Sim. Que houve? Mas que horror! Irei imediatamente. Tenho o carro. Tenho, sim. Tenho todos os ferros. A minha mala está aqui. Não. Eu irei só. Ora, José, eu não tenho medo de bicho papão. Está bem, eu poderei um revólver ao Luiz. Tempestade? Sim, estou ouvindo.

(Ruído de ventania e trovões)

GERALDO — Mas eu preciso ir. E' preciso operar o garoto. E quanto antes. Bem. Avise a dona Celeste que não irei jantar.

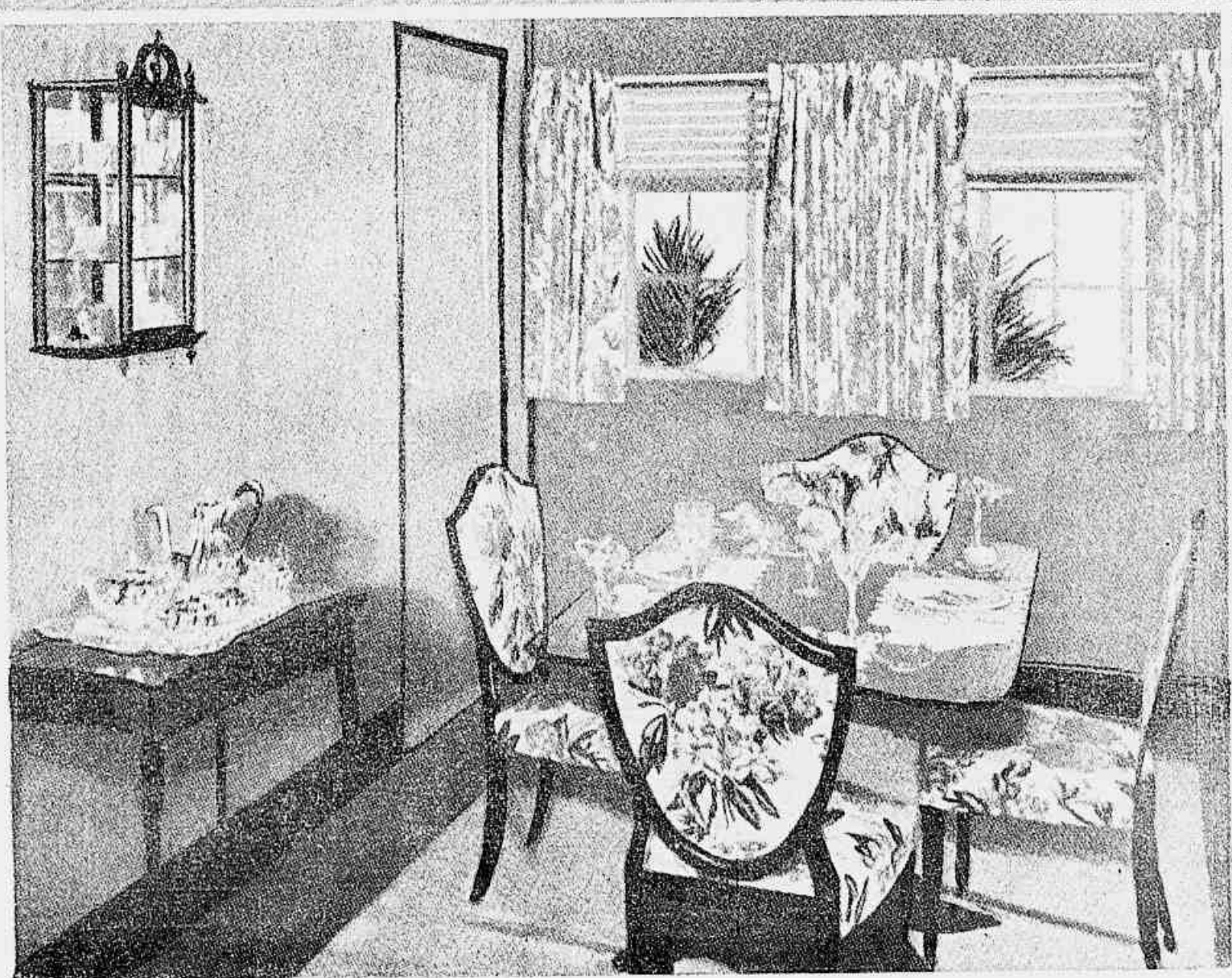
LUIZ — Algum chamado, Geraldo?

GERALDO — Sim. Um acidente horrível com o filho do Ayres. Tenho que ir correndo, para socorrer o pequeno. Imagine que se feriu e foi atingido na cabeça e nos olhos.



BELO CONJUNTO

Aqui está um belo conjunto de salas. Ao alto a sala de estar, arrumada com refinado gosto. Como vemos, o jogo de poltronas tem uma delas forrada por pano de padrão diferente das outras duas, dando assim um aspecto original. As cortinas são de tecido leve, e as flores brancas emprestam um tom de distinção ao ambiente. Em baixo a sala de jantar, combinando perfeitamente com a primeira. Nota-se que, ao contrário das outras, as cortinas desta dependência são de tecido alegremente estampado. Sigam pois esta sugestão os leitores que a acharem bonita.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



**CIGARROS
CRUZ**